

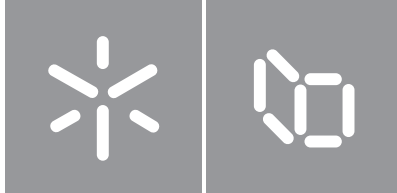


Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Bruna Mariana Martins Macedo

**Marcadores Discursivos Interacionais
na Fala Bracarense**



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Bruna Mariana Martins Macedo

**Marcadores Discursivos Interacionais
na Fala Bracarense**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
**Prof. Doutora Maria Aldina Bessa Ferreira Rodrigues
Marques**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Agradecimentos

Com esta dissertação, concluo uma grande etapa na minha vida, não só acadêmica como pessoal. Por esse motivo, dedico este trabalho a diferentes pessoas.

À professora Aldina Marques, que me orientou, ajudou e apoiou na realização desta dissertação que tanto custou a ser desenvolvida.

Aos meus pais, pela paciência e apoio, mesmo não entendendo completamente sobre o assunto aqui presente.

Ao meu irmão, ao qual chamo atualmente de “coisa”, que sempre se demonstrou curioso com o tema e vontade de ler este estudo.

Às minhas peixes e, sobretudo, à Barbie, que me ajudou com o *corpus* e ouviu todos os meus desabafos em relação à dissertação.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

Marcadores Discursivos Interacionais na Fala Bracarense

Os marcadores discursivos são uma categoria extensa, heterogênea e multifuncional. São mecanismos linguísticos cuja função é organizar o discurso e orientar o manuseamento da interação, encontrados tanto na linguagem escrita como na linguagem oral. No que respeita a linguagem oral, a subcategoria aqui em análise é a dos marcadores discursivos interacionais. Por, como o nome indica, participarem no processo conversacional, encontram-se interligados com o conceito de turno. Estes marcadores são mecanismos utilizados extensivamente no registo coloquial. Por esse motivo, são muitas vezes considerados “bengalas linguísticas”.

Portanto, nesta dissertação, analisamos estes marcadores discursivos interacionais, nomeadamente, os marcadores ‘ora bem’ e ‘olha’, na fala bracarense. Para esta análise, utilizamos as entrevistas do *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*. Este *corpus* foi desenvolvido pela Universidade do Minho em conjunto com outras universidades e teve a colaboração de diversos professores e estudantes bolseiras. A análise foi realizada com duas abordagens diferentes, quantitativa e qualitativa. Na análise quantitativa, tivemos em atenção as variáveis sociolinguísticas (sexo, idade e escolaridade), assim como, as posições que um MDI pode ocorrer num enunciado (inicial, medial e final). Na análise qualitativa, mostramos diferentes funções que estes dois marcadores discursivos interacionais possuem neste *corpus*.

Palavras-chave: coloquialidade, interação, marcadores discursivos, marcadores discursivos interacionais, turno

Abstract

Interactional Discourse Markers in Braga's Speech

Discourse markers are an extensive, heterogeneous and multifunctional category. They are linguistic mechanisms that work in order to organize the discourse and manage the interactions. They are found in written language as well as in oral language. Pertaining to the oral language, the subcategory here in analysis is that of the interactional discourse markers, that, as the name suggests, are related to the conversational process, which makes them interconnected in the concept of turn. Furthermore, they are mechanisms used extensively in colloquial speech. As a result, they are, usually, considered “filler words”.

Thus, in this dissertation, we analyzed these interactional discourse markers, namely, ‘ora bem’ and ‘olha’. For this analysis, we used interviews from *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*. This corpus was developed by the University of Minho in collaboration with other universities and with the contributions of different professors and scholarship students. We conducted this analysis with two different approaches, quantitative and qualitative. In the quantitative analysis, we took into account the sociolinguistic variables (sex, age, and education level), as well as the positions that an interactional discourse marker can appear in an utterance (initial, middle, and final). In the qualitative analysis, we demonstrated different functions that these two markers have in this corpus.

Keywords: colloquialism, discourse markers, interaction, interactional discourse markers, turn

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico-Metodológico	4
1. Abordagem pragmático-interacional	4
2. A oralidade como objeto de estudo	6
2.1. O turno	9
2.2. A coloquialidade.....	11
3. Metodologia: PSFB, Constituição do <i>Corpus</i> , Perguntas de Investigação, Hipóteses e Objetivos .	13
3.1. Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense	13
3.2. Constituição do <i>corpus</i>	16
3.3. Perguntas de investigação, hipóteses e objetivos	19
Capítulo II. Os Marcadores Discursivos	22
1. Os marcadores discursivos como categoria hiperónima	22
1.1. Denominações	23
1.2. Definições e características	25
1.3. Tipologias dos MD.....	30
1.4. Outros estudos: <i>Diccionario de particulas discursivas del español</i> e divisão dos estudos dos MD do português europeu	36
2. O estudo dos marcadores discursivos interacionais.....	38
2.1. Denominações e definições.....	39
2.2. Tipologias dos MDI.....	41
2.3. Algumas funções estudadas dos MDI	44
2.4. Dissertações sobre os MDI	46
3. Reflexão sobre a categoria	47

Capítulo III. Análise do <i>Corpus</i>	49
1. Análise quantitativa	49
1.1. Variável sexo	51
1.2. Variável idade	60
1.3. Variável escolaridade	71
1.4. Posição dos MDI no enunciado	82
1.5. Discussão dos resultados	86
2. Análise qualitativa	92
2.1. Oh e Ó: interjeição ou redução vocálica?	95
2.2. Marcadores de estruturação da informação	98
2.3. Marcadores de reformulação	102
2.4. ‘Olha’ e o seu valor mostrativo	105
2.5. Reforço contra argumentativo	107
2.6. ‘Olha que’ como introdutor de atos de fala diretivos e expressivos	110
2.7. Marcador de orientação do tópico	111
2.8. Sinalizadores do Discurso Direto Relatado	114
2.9. Discussão dos Resultados	116
Conclusão	120
Referências Bibliográficas	123
Webgrafia	128

Introdução

Esta dissertação de mestrado tem por título *Marcadores Discursivos Interacionais na Fala Bracarense*. O tema é, portanto, os marcadores discursivos (MD daqui em diante), mais precisamente, os marcadores discursivos interacionais (MDI doravante). A pertinência do tema relaciona-se com a necessidade de identificar e explicar os usos dos MDI do português europeu, já que até ao momento, esses estudos são maioritariamente centrados em marcadores pontuais (Macário Lopes, 1996; Silva, 2001; Marques e Aguiar, 2014 e 2023). Esta análise, feita através do *corpus Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* (PSFB), irá possibilitar mostrar padrões relativamente à utilização dos marcadores pelos falantes de Braga.

Os MDI são característicos da linguagem do quotidiano, marcada pela sua coloquialidade. Tradicionalmente a investigação linguística debruçou-se sobre a escrita privilegiando textos formais, com destaque para a literatura. Não pondo em causa a importância de analisar textos formais, concordamos com Briz que, na sequência de outros autores, diz:

Desde hace tiempo se viene insistiendo en la necesidad de llevar a cabo una lingüística del hablar; esa gramática que no lo es tanto de la lengua como del habla, del estudio del texto, por tanto, en su contexto (Ch. Bally, E. Coseriu, etc.; recuérdese que, incluso el mismo F. Saussure afirmaba, paradójicamente, la prioridad del habla). (2020: 9)

A atenção à língua escrita marcada pela formalidade teve como consequência a desvalorização de mecanismos linguístico-discursivos próprios da oralidade, como, é o caso dos MDI, que constituem o nosso objeto de estudo. Com efeito, foram relegados para uma categoria designada, de modo depreciativo, como bordões da linguagem, tal como o *site* Ciberdúvidas define “As bengalas linguísticas, também designadas tiques linguísticos ou bordões, são palavras ou expressões usadas como suporte do discurso. As bengalas linguísticas não têm significado, são apenas expressões a que se recorre de forma repetida.” (Carla Marques, 14.11.2018). A autora dá como exemplo, fabricado, “Quer dizer, é que, obviamente, as pessoas não falam, pronto, a gente não consegue falar sem usar basicamente umas bengalas, ou lá o que é... [Es]tás a ver?”. Apesar deste enquadramento, a autora reconhece que os bordões têm “funcionalidades no discurso”. Dá conta, por isso, de uma perspetiva de análise que valoriza estes funcionamentos. É no quadro dos estudos pragmáticos, em sentido amplo, que a análise dos MDI vai ser objeto de estudo.

A pragmática, área da qual os MD fazem parte, surgiu em meados do século XX e tem como principal função estudar o uso da linguagem, em todos os diferentes contextos em que é utilizada. Até então, o uso dado à língua era excluído dos estudos linguísticos que se centravam na gramática de frase¹. Com a implementação dos estudos na área, os MD são uma das primeiras categorias a ser estudadas no quadro deste novo paradigma da língua em uso. Exemplo de tal reflete-se no estudo das máximas conversacionais de Grice (1975).

Inicialmente limitados a exemplos da linguagem escrita (Freixeiro Mato, 2005; Morais, 2011), os MD como unidades linguísticas ao serviço da coesão e coerência textuais (Schiffrin, 1987), são uma categoria discursiva fundamental na análise de discursos orais, vertente fundamental da língua em uso que esta investigação privilegia. Os discursos orais e, sobretudo, os discursos orais coloquiais, possuem uma espontaneidade e imediatez que os textos escritos, na sua maioria, não possuem (Tusón, 2003: 12-13), o que permite identificar subcategorias de MD específicas da oralidade. Exemplo de tal é o facto de que, diferente dos MD na sua noção mais ampla, os MD da oralidade, ou seja, os marcadores discursivos interacionais, apresentam características funcionais diferentes, como, por exemplo, servirem como marca de tomada de turno (Martín Zorraquino e Portolés, 1999; Urbano, 1999). Ou porque, como Freitag afirma, os usos de MD no discurso oral se caracterizam por “não serem previstos na gramática” (2007: 28), daí a diferença de funcionamento na escrita ou na oralidade.

Como já dito, a pertinência desta dissertação decorre da necessidade de desenvolvimento e aprofundamento dos estudos dos MD do português europeu. Contudo, a importância deste estudo relaciona-se também com o ensino da língua portuguesa, quer como língua materna, quer como língua estrangeira. Apesar de muitos esforços, a linguagem em uso continua a ser, primariamente, explicada a partir de noções gramaticais (Cunha e Cintra, 2017). Logo, este constrangimento reflete-se no ensino dos marcadores discursivos e das suas diferentes funcionalidades. Esta dissertação tem como intuito refletir sobre diferentes conceitos de MD e, especialmente, conceitos próprios dos MDI, de forma a exemplificar os diversos usos que estes elementos adquirem dependendo do contexto em que se

¹ Apesar dos avanços da pragmática e da análise do discurso, as áreas continuam a ser analisadas na perspetiva da gramática de frase. Por exemplo, no capítulo *Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre* em *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha e Cintra, 2017: 649-656), a análise dos discursos é feita maioritariamente à base da semântica-sintaxe. O próprio capítulo de introdução intitulado *Conceitos Gerais* (Cunha e Cintra, 2017: 1-8), que à primeira vista parece ser orientado pela sociolinguística, centra-se na gramática de frase. O objetivo do capítulo é explicar que as variedades dos idiomas têm de ser aceites, mas também têm de ser estudadas de maneira a determinar regras gramaticais cultas. Portanto, de certa maneira, a língua continua a ser vista como um mero código.

encontram, aumentando o reconhecimento desta categoria. Para tal, esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos que sintetizamos a seguir:

Capítulo I. Enquadramento Teórico-Metodológico – neste primeiro capítulo fazemos um breve enquadramento histórico relativamente à mudança de paradigma mencionada acima, para demonstrar de que forma a oralidade se tornou um objeto de interesse na linguística. Este enquadramento permite-nos contextualizar as entrevistas do PSFB, definindo o conceito de *turno* e caracterizando as entrevistas como pertencentes ao registo coloquial periférico. Por fim, mostramos a metodologia utilizada nesta investigação, apresentando o *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, a constituição do *corpus* desta pesquisa e as perguntas de investigação, hipóteses e objetivos.

Capítulo II. Os Marcadores Discursivos – este segundo capítulo encontra-se estruturado em dois subcapítulos, *Os marcadores discursivos como categoria hiperónima* e *O estudo dos marcadores discursivos interacionais*. Estes subcapítulos possuem estruturas similares. Em ambos, mencionamos as denominações, definições, características e tipologias que cada um dos grupos possui. Assim como, mencionamos estudos e dissertações que se relacionam como o tema. Finalizamos o capítulo a fazer uma reflexão sobre o mesmo.

Capítulo III. Análise do *Corpus* – assim como o capítulo anterior, este é dividido nas duas análises que realizamos, a análise quantitativa e a análise qualitativa. Na análise quantitativa analisamos os números de entrevistas e de ocorrências dos MDI ‘ora bem’ e ‘olha’, quanto às variáveis sociolinguísticas (sexo, idade e escolaridade) e as diferentes posições que estes marcadores adquirem no enunciado (inicial, media e final). Também apresentamos as médias aritméticas dos marcadores de cada uma das variáveis. Na análise qualitativa analisamos diversos excertos de entrevistas retiradas do PSFB, de modo a exemplificar diferentes funções que estes MDI podem executar.

Finalmente, apresentamos a conclusão desta dissertação, onde respondemos às perguntas de investigação que determinamos no início da pesquisa. Apresentamos também temas de possíveis estudos futuros.

Capítulo I. Enquadramento Teórico-Metodológico

Neste capítulo apresentamos o enquadramento teórico-metodológico da nossa dissertação. No qual expomos os paradigmas da linguística do sistema e da linguística do uso e as suas principais diferenças, de modo a integrar a abordagem da oralidade. De seguida, abordamos a oralidade como objeto de estudo, expondo a estrutura hierárquica da interação, a alternância de vez e a coloquialidade, registo pertinente para as entrevistas analisadas nesta dissertação e para a análise dos MDI. Terminamos este capítulo apresentando a metodologia utilizada nesta dissertação, onde mencionamos o *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, a constituição do *corpus* a partir do PSFB, as perguntas de investigação, hipóteses e objetivos desta dissertação.

1. Abordagem pragmático-interacional

A língua é uma ferramenta essencial para a humanidade, portanto, a curiosidade que surge para a estudar dá início a diferentes pontos de vistas relativamente a este objeto de estudo. Conforme essa curiosidade aumenta, aumentam também o número de teorias linguísticas. Contudo, pertinentes para esta dissertação são os paradigmas da linguística do sistema e da linguística do uso.

A linguística do sistema tem como objetivo determinar as regras das línguas, consideradas estruturas autónomas, sem considerar, por isso, o uso das mesmas. Remonta à proposta sincrónica de Ferdinand de Saussure, tal como foi divulgada na sua obra póstuma *Cours de Linguistique Générale*, a delimitação da língua ou sistema, em oposição dicotómica à fala (a parole). Saussure afirma que a língua é um sistema, isto é, a língua é um código. É ainda um sistema de signos, uma unidade linguística constituída por duas partes indissociáveis, o significado e o significante. Assim, para Saussure, o significado é teoricamente explicado dentro do sistema, como resultado de relações de oposição entre os significados dos signos de uma determinada língua. O significado é independente da interação da língua com o mundo, como postulava a gramática tradicional. Saussure ignora o contexto em que o signo estava inserido, ignorando, então, o uso dado a esse signo, que relega para o domínio da parole. É com a pragmática, e em particular a pragmática linguística, que se redimensiona esta relação entre língua e uso. Portanto, é possível sublinhar que o objeto de estudo da pragmática, a língua em uso, nunca foi um foco para a linguística chamada do sistema, ou linguística da frase.

No entanto, a língua e a fala possuem na realidade uma relação de simbiose, logo, ambas se influenciam mutuamente. Identificar as regras da língua não significa que essas serão a única dimensão a ser

cumprida na fala, já que esta não está somente dependente da dimensão linguística, mas também de fatores cognitivos, sociais e culturais (Kerbrat-Orecchioni, 1997b), tornando então a língua em uso heterogênea. Por sua vez, devido a esses outros fatores contextuais, a língua passa a integrar em si outras regras, outros significados, num processo dinâmico de inter-relação entre língua e uso, pois, como Silva Júnior (2021: 121) afirma: “A língua não é um elemento estático, mas está em constante mudança e estudá-la a partir de uma estrutura fixa é o mesmo que limitá-la e não compreendê-la num sentido mais amplo.”.

Em *O lugar da pragmática na teoria e na análise linguísticas* (1994), Fonseca explica que, com a pragmática, assiste-se a uma mudança de paradigma, da linguística do sistema para a linguística do uso. O autor começa por fazer uma distinção entre os dois paradigmas. A linguística do sistema baseia-se no que foi proposto por Saussure, a língua é um sistema que desconsidera o contexto como noção teórica, porque a língua, objeto de estudo da linguística, é homogênea. Em contrapartida, a linguística do uso é heterogênea, centrando-se nos falantes e nos contextos em que a língua é usada, pondo em evidência o discurso. Este paradigma procura encontrar regras, regularidades e princípios que regem a comunicação e não renega o caráter estrutural da língua, somente o conjuga com outros fatores, por exemplo, históricos e socioculturais. Fonseca afirma também que a pragmática não é independente da semântica. O discurso é uma prática social de natureza linguística, é a língua em uso, logo “há que assumir que as dimensões pragmáticas da significação estão inscritas, pré-formadas, na língua.” (Fonseca, 1994: 39). Logo, é com a pragmática que, como Macário Lopes afirma, a língua passa a ser concebida como um instrumento não só de transmissão de informação, mas como um instrumento intrínseco aos seres humanos.

(...) a língua não é concebida apenas como instrumento de transmissão de informação, exterior ao sujeito que a manipula e neutra relativamente aos contextos de interação; pelo contrário, é através dela que o sujeito constrói a sua identidade e viabiliza a sua relação como o mundo e com os outros. (Macário Lopes, 1995: 293)

Portanto, é através da língua que os falantes criam relações com outros e desenvolvem a sua identidade que, em parte, será um reflexo dessa interação. É por tal motivo que, em meados do século XX, houve uma proliferação nas pesquisas e teorias relacionadas com a linguagem de uso. Exemplo de tal é a análise conversacional.

2. A oralidade como objeto de estudo

Os avanços relativamente à linguagem de uso evidenciaram o contraste opinativo quanto à utilização oral e escrita da língua. Como Tusón explica, a língua escrita possui um prestígio linguístico que o discurso oral não seria, em princípio, capaz de alcançar, devido à sua efemeridade e volatilidade (2003:12-13). Contudo, foi a espontaneidade dos discursos falados que despertou a curiosidade de estudar a oralidade.

Surgiu, então, a *análise conversacional*, que traz como objeto de estudo a oralidade. Desenvolvida inicialmente por Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, Sidnell (2010: 1) caracteriza-a como “an approach within the social sciences that aims to describe, analyze and understand talk as a basic and constitutive feature of human social life”. Isto significa que este tipo de análise põe em evidência a linguagem em uso no seu contexto natural. A abordagem é descritiva. Pretende-se somente descrever como as pessoas falam, ou seja, de que forma os seus discursos são organizados espontaneamente. O que a análise conversacional comprova é que espontaneidade não significa desorganização. Os seres humanos criam, quer seja inconsistentemente ou por regras estabelecidas socialmente, padrões de fala. Este destaque da oralidade, gera, consequentemente, curiosidade relativamente às regras linguísticas refletidas neste registo, como Marques e Sánchez explicam, “a atenção aos discursos da oralidade, nomeadamente aos discursos do quotidiano tem acentuado a necessidade de construção de uma “gramática da língua oral”, que integrará, necessariamente, os MD (...)” (2020: 443).

Então, os padrões de fala encontrados na oralidade refletem-se nas interações conversacionais, pois, “La lengua varía en el tiempo (variedad diacrónica), en el espacio (variedad diatópica), según las características de los usuarios (variedad diastrática) y la situación de comunicación (variedad diafásica).” (Briz, 2020: 25). Assim, a situação de comunicação que Briz menciona irá regularizar a forma como os interlocutores constroem a interação, como irão formular o discurso dependendo do outro interlocutores (Briz, 2020: 25). Por exemplo, a conduta de um falante é dependente de quem é o seu ouvinte, a interação entre um funcionário e o seu chefe difere da interação entre uma mãe e um filho. Com isso em mente, Castilho explica (2002: 14) que, os discursos orais dividem-se em dois tipos básicos de discurso: o *discurso simétrico*, este é espontâneo e os interlocutores encontram-se ao mesmo nível, o que torna toda a interação mais flexível, logo, os interlocutores contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico conversacional (Galembeck, 1999: 57); e o *discurso assimétrico*, onde um interlocutor tem ascendência sobre o outro, desse modo, irá gerir a interação, introduzir ou mudar de assunto e distribuir os turnos, então, um dos interlocutores irá desenvolver o tópico, enquanto o outro irá apenas reagir ao que é enunciado (Galembeck, 1999: 59-60), por exemplo, uma entrevista.

Castilho também explica que a língua possui duas fases, a *fase de planeamento*, em que o interlocutor decide o que irá dizer e como irá executar a ação, e a *fase de execução*, em que o enunciado é proferido. Contudo, nos discursos orais, por constituírem situações imediatas, sem ensaio prévio, ambas as fases ocorrem ao mesmo tempo, o que gera consequências na organização e execução dos enunciados e da interação (Castilho, 2002: 19). É esta sobreposição de fases que causa a espontaneidade dos discursos orais, tanto os discursos formais ou assimétricos, como os discursos informais, coloquiais ou simétricos. A imediatez dos discursos orais é uma das características que Briz atribui à conversação, que define assim:

La conversación se caracteriza (...) por tratarse de: una *interlocución en presencia*, conversación cara-a-cara; *inmediata*, actual (aquí y ahora); con *toma de turno no predeterminada; dinámica*, con alternancia de turnos inmediata, que favorece la mayor o menor tensión dialógica (...); *cooperativa* en relación con el tema conversación y la intervención del otro. (2020: 42)

E continua dizendo que “Conversar es comunicar cooperativamente y negociar estratégicamente un propósito com el outro” (Briz, 2020: 44). Isto é, uma conversa é uma troca entre, pelo menos, duas pessoas que discutem sobre um assunto, opinando relativamente ao mesmo, o que pode levar tanto a acordos como desacordos. Desse modo, a conversação está sujeita a diferentes princípios, como o princípio de cooperação, o princípio da cortesia e o princípio da relevância (Briz, 2020; Tusón, 2003; Castilho, 2002). Além disso, possui também uma estrutura hierárquica, que Briz apresenta o seu parecer da estrutura da seguinte forma (2020: 56):

UNIDADES DIALOGALES	<i>Diálogo</i>
unidades superiores:	<i>Intercambio</i>
UNIDADES MONOLOGALES	<i>Intervención (o movimiento)</i>
unidades inferiores	<i>Acto de habla o enunciado</i>

Todas as unidades da estrutura hierárquica estabelecem entre si relações funcionais. Como Rodrigues (1998: 18) explica “a interpretação destas relações é fornecida pelo *princípio de composição funcional* que estabelece a existência de *relações ilocutivas* entre os constituintes da “*échange*” e *relações interativas* entre os constituintes das intervenções.”. Logo, cada uma das unidades irá constituir a sua unidade sucessiva superior, por exemplo, os *enunciados* constituem a *intervenção*, que por sua vez, constitui o *intercâmbio*, que constitui o *diálogo*. E todas estas unidades em conjunto constituem então a interação.

A unidade que Briz apelida de diálogo é dividida por outros autores, como, por exemplo, Tusón (2003: 61), em *interação* e *sequência*. A unidade da *interação* diz respeito aos componentes necessários para construir a interação. À inter-relação destes componentes, Kerbrat-Orecchioni intitula de “sentido global” e seriam elementos relativamente à natureza dos significantes pertinentes e elementos relativamente à natureza das competências (1997b: 265 e 267). Os *elementos da natureza dos significantes pertinentes* referem-se ao contexto verbal, paraverbal e extraverbal. O contexto verbal é constituído por significantes léxicos, sintáticos e o contexto paraverbal é constituído por elementos prosódicos e mímico-gestuais ou tipográficos (no texto escrito), os quais, conjugados, formulam a mensagem da interação. Por sua vez, o contexto extraverbal está associado às circunstâncias espaço-temporais e condições materiais, económicas e sociopolíticas dos interlocutores, que determinam a produção/receção da mensagem verbal (1997b: 265). Nos *elementos relativamente à natureza das competências* estão compreendidas as competências tanto linguísticas e paralinguísticas como culturais e ideológicas dos interlocutores. As competências culturais e ideológicas relacionam-se com crenças e conhecimentos pessoais dos falantes, que a partir das mesmas, constroem a interação. Caso essas crenças e conhecimentos sejam compartilhados entre os interlocutores, a situação comunicativa será diferente (1997b: 267).

Relativamente à *sequência* e ao *intercâmbio*, Tusón explica que o primeiro termo refere-se aos aspetos temáticos do discurso e o *intercâmbio* relaciona-se com dois ou mais turnos, por exemplo, os pares adjacentes (2003: 62). Segundo Castilho (2002: 44), os pares mais comuns são “saudação/saudação”, “pergunta/resposta”, “reclamação/pedido de desculpas” e “advertência/aceitação ou recusa da advertência”.

Quanto às unidades monologais, Briz caracteriza as *intervenções* como “(...) un enunciado o conjunto de enunciados (acto o actos de habla) emitidos por un interlocutor de forma continua o descontinua” (2020: 53). Então, relacionam-se com as contribuições dos interlocutores para a interação (Tusón, 2003: 62). As intervenções podem ser tanto iniciativas como reativas. Uma intervenção iniciativa seria uma intervenção que inicia um discurso ou um tema e provocam uma intervenção posterior, enquanto que uma intervenção reativa é uma reação, ou seja, uma resposta desencadeada pela fala do interlocutor. Essa característica das intervenções gera os intercâmbios, mencionados anteriormente (Briz, 2020: 55). Contudo, Briz explica que apesar de uma mudança de turno equivaler a uma intervenção, uma intervenção não significa uma mudança de turno, pois, “un cambio de voz no es suficiente para hablar de alternancia de turno.” (2020: 53-54). Finalmente, a unidade dos *atos de fala* relaciona-se com as

funções ilocutivas e interacionais das intervenções, que podem ser constituídas por um ou mais atos de fala (Tusón, 2003: 62).

2.1. O turno

O *turno* é a unidade mínima da conversação (Castilho, 2002: 36; Tusón, 2003: 55; Sidnell, 2010: 36). Castilho define o *turno* como sendo um “segmento produzido por um falante com direito a voz” (2002: 36). Explica também que esta definição está dependente de cada investigador. Logo, se um investigador considerar o turno apenas como um segmento produzido por um falante, reações sonoras e curtas serão consideradas alternâncias de turno. Utilizando o PSFB como exemplo:

(1) Fal: • • Temos tudo • • perto.

Fal: • • Hum, hum

Fal: Portanto, temos shoppings, temos

(19H2D)

(2) Fal: Hoje há dias de se fazer três e quatro só num hospital.

Fal: • • • Pois.

Fal: Portanto, isto está está a evoluir muito. E as técnicas são melhores, não é?

(16H2C)

Parte de cada investigador definir se estes tipos de reação, (1) e (2), são consideradas uma alternância de turno. Por exemplo, Galembeck consideraria ambas as reações como alternância de turno: “(...) consideram-se turnos tanto as falas de valor referencial (nas quais se desenvolve o assunto ou tópico do diálogo), como os sinais que indicam que o interlocutor está “seguindo” ou “acompanhando” as palavras do seu interlocutor (**certo, uhn uhn, ahn ahn**).” (1999: 57). Porém, para Castilho (2002: 36), se o investigador prestar atenção à definição completa, “segmento produzido por um falante *com direito a voz*”, reações sonoras como as apresentadas não são consideradas alternâncias de turno e sim apenas intervenções. Encontra-se aqui em questão a opinião defendida, e anteriormente mencionada, de Briz

quando afirma que uma alteração de voz não significa uma alternância de turno. Opinião também defendida por Kerbrat-Orecchioni (1997a: 6), que afirma, “(...) intervention does not coincide with turn (...)”. Assim como, Pons Bordería (2008), que afirma que a intervenção é uma unidade estrutural e manifesta-se através das mudanças de vozes, já o turno é uma unidade social que dependeria da relação entre os membros da conversa, ou seja, depende da aceitação da intervenção (2008: 145).

Como Briz e Pons Bordería explicam, uma alternância de turno assim o é, quando as intervenções são iniciativas ou reativas, fornecendo dinamismo à conversa (Briz, 2020: 53-54; Pons Bordería, 2008: 146; Tusón, 2003: 58), por exemplo, os pares adjacentes dos excertos seguintes, de pergunta/resposta da entrevistadora para o falante, (3) e pergunta/resposta do falante para a entrevistadora, (4).

(3) Ent: • • E quantos sobrinhos é que tem?

Fal: • • Ora bem, dois, quatro, seis, sete.

(12H2A)

(4) Fal: • • • Sabe aqueles ratos com • • • com/ • • sem fios, com uma porta USB?

Ent: Sei.

(02H1B)

Segundo Castilho (2002) e Galembeck (1998), existe uma regra básica que os interlocutores seguem de forma a manter a organização da conversa, fala um de cada vez. Em conversas formais existe uma maior probabilidade desta regra ser obedecida, já que um dos interlocutores está numa posição superior, pois conduz a interação. Contudo, em conversas coloquiais, existe uma maior probabilidade de ocorrerem sobreposições de vozes (2002: 36-37). De maneira a respeitar a regra, os falantes regem-se por um princípio chamado de *princípio de projeção interacional*, ou, nas palavras de Tusón, “lugares apropiados para la transición (LAT)” (2003: 55). Isto é, os alocutários supõem quando o locutores estão próximos de terminar o turno e preparam-se para tomar o papel de locutor.

Esta passagem de turno pode ser realizada de duas formas: um “assalto ao turno” (Galembeck, 1999: 76; Castilho, 2002: 38) ou autosseleção (Tusón, 2003: 56); e uma passagem consentida de turno (Galembeck, 1999: 76; Castilho, 2002: 38) ou seleção prospetiva (Tusón, 2003: 56). Num “assalto ao

turno”, ou autosseleção, os interlocutores não esperam a passagem de turno. Os falantes podem aproveitar pausas ou hesitações na conversa ou a partir da heterocorreção colaborativa, fornecem termos considerados mais apropriados ou agregam dados à intervenção anterior, sempre com finalidade de tomar o turno (Castilho, 2002: 40). Contudo, existe a possibilidade do princípio de projeção interacional comprometer o desempenho dos interlocutores e estes interpretarem mal os LAT, como Tusón explica (2003: 57) “Puede ocurrir que alguien interprete una pausa o un tono descendente (...) como un LAT, tome la palabra interrumpiendo a quien estaba hablando y se produzca un solapamiento entre quien tenía la palabra y el nuevo hablante.”.

Relativamente à passagem consentida de turno ou seleção prospetiva, esta pode ser realizada não verbalmente, pelo olhar, como Castilho explana (2002: 41), “Quando a conversação está engajada, os interlocutores tendem a olhar-se menos, salvo quando querem proporcionar uma passagem consentida de turno.”; ou podem fazê-lo verbalmente através dos atos de fala. Estes podem ser diretos, como uma pergunta, ou indiretos; que normalmente acontecem como reação (Briz, 2020: 57).

Como já mencionado, o princípio de projeção interacional e, consequentemente, a alternância de turno, possuem uma maior probabilidade de serem bem executados numa conversa de registo formal. Já que neste registo existe um interlocutor que irá distribuir as alternâncias de turnos. Um exemplo normalmente dado para essas situações é o contexto de entrevista. Contudo, existem entrevistas que, em princípio, seriam assimétricas, mas que adquirem o registo coloquial, por diferentes aspetos.

2.2. A coloquialidade

O discurso, monologal ou dialogal, põe em interação e inter-relação um locutor e um alocutário que, em conjunto, ainda que de modos diversos, o coconstroem. Como já mencionado, o falante vai moldar o seu discurso dependendo do interlocutor, ou seja, dependendo do seu estatuto sociodiscursivo. Esta noção é explicada por Briz (2020: 25), “Ese contexto de comunicación regula y marca de algún modo las conductas lingüísticas de los hablantes, los cuales suelen esforzarse en acomodar en mayor o menor grado sus actos diarios de comunicación a la situación en que tienen lugar”. Então, é o contexto que impõe regras à realização da interação. Logo, o contexto irá determinar que registo terá de ser utilizado na interação.

Desse modo, Briz afirma que é um erro associar o registo formal aos textos escritos e o registo informal aos discursos orais coloquiais, propondo que a distinção realizada seja entre registo formal e coloquial.

Assim sendo, o interlocutor irá escolher que registo toma dependendo do motivo para o utilizar. Por exemplo, um registo coloquial, para uma conversa entre amigos ou ao escrever uma carta a um familiar, ou um registo formal, para um debate ou para escrever um texto literário (2020: 31). Então, Briz defende que a coloquialidade, apesar de ser um registo associado a níveis socioculturais baixos e médio-baixos, não é exclusivo desses níveis, podendo ser encontrado em outros mais elevados, o que faz com que o registo seja determinado pelo contexto em que está a ser utilizado (2020: 40). O investigador também escreve sobre o que intitula de “coloquializadores”, características situacionais que seriam: a relação de igualdade entre os interlocutores, que pode ser social, caso seja determinada pelo estrato sociocultural, ou funcional, determinada pela situação; a relação experiencial de proximidade, pertinente ao conhecimento compartilhado; o contexto discursivo familiar, a relação entre os interlocutores e o espaço físico da conversa; e a temática não especializada, ou seja, o assunto da conversa é o quotidiano, o que está ao alcance de todos os interlocutores (2020: 41). Para além das características situacionais, o registo coloquial tem de apresentar características primárias como, por exemplo, a espontaneidade, a finalidade interpessoal e o tom informal (2020: 41).

É a presença dessas características que determinará se uma conversa será coloquial. Dependendo da quantidade de coloquializadores a conversa pode ser considerada coloquial prototípica ou coloquial periférica, como explica:

Em suma, una conversación no preparada, con fines interpersonales, informal, que tiene lugar en un marco de interacción familiar, entre iguales (sociales o funcionales) que comparten experiencias comunes y en la que se habla de temas cotidianos, es coloquial prototípica. Se hay ausencia de alguno de estos cuatro últimos rasgos, si bien neutralizada por otro(s), la conversación se considera coloquial periférica. (Briz, 2020: 43)

Então, é possível concluir que as entrevistas do *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, são, na sua globalidade, realizadas no registo coloquial periférico. Apesar de serem conversas imediatas, com fins interpessoais, realizadas em Braga por moradores da cidade e serem sobre temas do quotidiano, continuam a ser entrevistas, ou seja, um registo assimétrico, logo há alguém que rege a conversa. E como Briz afirma no excerto, basta a ausência de uma única característica, que torna a conversa em coloquial periférica. Esta coloquialidade é refletida, por exemplo, na utilização de palavrões na interação. A 13ª entrevista do PSFB, excertos (5), (6) e (7), revela a conceção do falante sobre o registo coloquial periférico da interação, que por ser uma entrevista, seria, em princípio, uma interação formal.

- (5) Fal: A hortalica custava a nascer. Agora não, cresce com uma rapidez do carago, não é?

(13H2B)

- (6) Fal: • • É verdade! Já portanto, já... E nós, rapazes novos, pronto, isso é como tudo ((incompreensível)) : - Quem é e tal. • • E • • caralho, mal entrámos lá...

(13H2B)

- (7) Fal: • • Eu, se estivesse/ não estivesse assim, eu até havia de estar a ((hesitação)) a falar mal. Porque senão já tinha falado mal • • como o diabo já. Mas já é é o o coiso da pessoa já de natureza da pessoa.

Ent: • • Hum, hum. Então o senhor agora tentou não dizer muitos palavrões.

Fal: Sim, sim, sim, sim! Penso que evitei todos, evitei tudo. Já podia ter fugido algum. Mas se calhar disse mesmo.

(13H2B)

Durante a realização da entrevista, o falante utilizou tanto o palavrão 'caralho' quanto a sua versão mais suavizada, 'carago'. 'Carago' foi utilizado, sobretudo, nos primeiros 30 minutos de entrevista, por exemplo, o excerto (5), e 'caralho', teve a sua aparição, maioritariamente, nos últimos 30 minutos, (6). Tal demonstra que conforme a entrevista se estendia, o falante ficava mais à vontade. Contudo, quando menciona "Eu se estivesse/não estivesse assim, eu até havia de estar a falar mal", mostra estar ciente do registo de entrevista mesmo não se apercebendo dos palavrões que tinha utilizado, (7).

3. Metodologia: PSFB, Constituição do *Corpus*, Perguntas de Investigação, Hipóteses e Objetivos

3.1. Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense

Os nossos dados de análise são retirados do corpus *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*. Projeto desenvolvido entre 2009 e 2014 com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009, no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, CEHUM, com o objetivo de elaborar um *corpus* da

variação diagonal do português falado em Braga. Como referido na página *online* de apresentação do *corpus*, este “visa produzir um conjunto de visões críticas e reflexivas atinentes a diferentes níveis de análise linguística – fonológica, morfológica, sintática, lexical, semântica, pragmática, discursiva, conversacional – que permitam compreender a realidade linguística da cidade de Braga”. Por abranger diferentes áreas, os membros do projeto foram professores especializados, tanto da Universidade do Minho, como da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade de Lisboa, contando também com o contributo de estudantes bolseiras da Universidade do Minho. Como mencionado na página *online* da descrição do projeto:

Neste projeto serão selecionados aleatoriamente e gravados falantes de ambos os sexos, abrangendo diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. A amostra será constituída em consonância com os métodos de amostragem da Sociolinguística, com o objetivo de alcançar a necessária representatividade dos indivíduos pertencentes aos diferentes parâmetros de género, idade e escolaridade na cidade de Braga. Visando a obtenção de uma amostra mais extensa de cada um dos falantes, as entrevistas serão realizadas de acordo com o esquema proposto por Labov (1972, 1994) para as entrevistas sociolinguísticas.

O *corpus* foi desenvolvido com o intuito de constituir 96 entrevistas, ou seja, seriam 48 entrevistas masculinas e 48 entrevistas femininas, assim como, 24 entrevistas para cada uma das categorias das variáveis idade e escolaridade. No entanto, não houve a possibilidade de encontrar pessoas de categorias específicas. Por exemplo, um homem da segunda faixa etária com o nível de escolaridade A, analfabeto ao 3º ano, (XXH2A), ou pessoas mais jovens com o nível de escolaridade mais baixo (XXH1A; XXM1A). Logo, o *corpus* é constituído por 80 entrevistas, que foram estratificadas subdividindo as variáveis mencionadas na tabela 1.

Tabela 1 - Variáveis sociolinguísticas do PSFB.

Sexo	Homens e Mulheres
Idade – 4 faixas etárias	1. 15 a 25 anos
	2. 26 a 59 anos
	3. 60 a 75 anos
	4. Acima de 75 anos

Escolaridade – 4 níveis de escolaridade	A. Sem diploma (analfabeto ao 3º ano de escolaridade)
	B. 4º ao 9º ano de escolaridade
	C. 10º ao 12º ano de escolaridade
	D. Licenciados

Devido aos aspetos mencionados anteriormente, o projeto não apresenta números igualitários entre as categorias das variáveis, o que poderá influenciar os resultados. A organização do número de entrevistas de cada variável encontra-se na tabela 2:

Tabela 2 - Número de entrevistas de cada uma das variáveis sociolinguísticas.

Variáveis		Número de Entrevistas
Sexo	Homens	37
	Mulheres	43
Idade	15 - 25 anos	18
	26 - 59 anos	20
	60 - 75 anos	22
	Acima de 75 anos	20
Escolaridade	Analfabeto ao 3º ano	11
	4º ao 9º ano	24
	10º ao 12º ano	21
	Licenciados	24

A cada entrevista é atribuído um índice resultante da conjunção destas variáveis. A entrevista 1H1B significa que é a primeira entrevista e o entrevistado é um homem da primeira faixa etária, 15 a 25 anos, e do nível de escolaridade B, 4º ao 9º ano de escolaridade. Estas nomenclaturas são importantes, pois possibilitam uma rápida identificação de cada entrevista em função das variáveis que estratificam a amostra. Contudo, é necessário mencionar uma entrevista em específico, a 26ª entrevista. Esta aparece como sendo parte do nível B, tanto no *website* do *corpus* como no programa Partitur-Editor, no entanto, no programa EXAKT, a entrevista aparece pertencente ao nível C. No caso do programa COMA, a

entrevista aparece nomeada como do nível C, mas descrita como nível B (figura 1). Então, esta entrevista foi analisada como parte do nível B por dois motivos: primeiro, nos metadados da entrevista, esta pertence ao nível B; segundo, na página *online* do *corpus* é dada como parte do nível B. Apesar da situação ter sido levada em consideração e os dados terem sido corrigidos depois da descoberta, ainda existe a possibilidade de alguma discrepância.

The screenshot shows the 'Metadata' window of the COMA program. It features a search bar at the top with 'Search' and 'reset' buttons. Below the search bar, there are several expandable sections. The 'transcription-convention' is set to 'HIAI'. The 'transcription-name' is '26H3C'. There is a 'No Location' section, a 'Languages' section with 'LanguageCode' set to 'por', and a 'Setting' section with 'Description (null)'. There is a '1 Recording' section with 'Recording' set to '26H3B' and a file path 'file:/E:/TESE/fala bracarense/26H3B.wav'. There is a '2 Transcriptions' section with 'Segmented Transcription' set to '26H3B_s'. The interface uses a light gray and yellow color scheme with expand/collapse icons.

Figura 1 - Metadados da entrevista 26 no programa COMA.

3.2. Constituição do *corpus*

A constituição do *corpus* considerou os marcadores que já foram estudados por outros investigadores e que também ocorrem no PSFB. Logo, realizou-se a recolha dos dados completos, seguindo-se uma análise das ocorrências totais das expressões, de forma a isolar somente os contextos em que funcionam efetivamente como MD. Nesta primeira etapa, foi escolhido um vasto repertório de marcadores discursivos interacionais, como, por exemplo, 'sabe'/'sabes', 'não é', 'pronto'/'prontos' e 'tipo'. A seguir, tendo em conta a quantidade de expressões, fizemos uma segunda seleção relativamente a que marcadores iriam ser analisados, escolhendo os MD 'olha' e 'ora bem'. Essa seleção deu-se por dois motivos diferentes. O marcador 'olha' foi escolhido por observação de usos populares de pessoas com convívio próprio, a escolha foi fortalecida devido à falta de estudos sobre o marcador no âmbito do

português europeu. Assim sendo, consideramos ‘olha’ como um único MDI que se apresenta com duas formas diferentes no *corpus*, ‘olha’ e ‘olhe’. Motivo para esta distinção é o facto de que ‘olha’ é a forma que apresenta um maior nível de gramaticalização. Retomaremos este ponto quanto às duas formas de novo na análise qualitativa. Apesar dessa distinção quanto ao nível de gramaticalização, ambas as formas derivam-se de a gramaticalização do verbo ‘olhar’.

Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007: 17) explicam que as unidades linguísticas podem ser agrupadas em duas categorias, a categoria lexical e a categoria gramatical. As unidades lexicais correspondem a unidades que possuem propriedades referentes ao universo bio-psíquico-social, isto seriam ações, entidades, processos, etc. Já as unidades gramaticais, que atuam ao nível do discurso, encarregam-se da organização do conteúdo, conectando palavras, orações ou partes do texto, demonstrando estratégias interativas de conceitos como o tempo, modalidade, etc. É fundada nessa distinção que Traugott define o processo de gramaticalização como:

[...] the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts become grammatical, in other words that lexical material in specifiable syntactic functions comes to participate in the structural texture of the language, especially its morphosyntactic construction. (1995: 1)

Portanto, Traugott define a gramaticalização como o processo onde itens lexicais se transformam, em contextos específicos, em itens gramaticais, adquirindo outros significados. Logo, a unidade lexical ‘olhar’ sofreu, e ainda sofre, um processo de gramaticalização que a transformou também num marcador discursivo, ‘olha’. Marcador discursivo que, como será demonstrado posteriormente nesta dissertação, dependendo do contexto em que se encontra inserido, pode ou não manter o valor semântico do verbo, fornecendo ao marcador uma percepção visual.

Por isso, sentimos a necessidade de apresentar e analisar as duas formas separadamente, pois possibilita uma análise distinta da utilização preferencial de cada uma pelas diversas variáveis sociolinguísticas. Como explicado na secção seguinte, 3.3, a distinção entre as duas formas recai sobretudo sobre a variável idade. Por sua vez, o marcador ‘ora bem’ foi escolhido, pois a expressão é constituída por dois elementos que também agem, isoladamente, como MDI ‘ora’ e ‘bem’, mas que não influenciam o uso da expressão ‘ora bem’, caracterizando-se como uma marca de pausa clara na sequencialidade para repensar a atividade discursiva (Marques e Sánchez, 2020: 457). Assim como para o MDI ‘olha’, retomaremos este ponto na análise qualitativa.

Através dos dados retirados relativamente aos MDI 'ora bem' e 'olha', este estudo conjugou uma abordagem qualitativa com uma abordagem quantitativa. As análises foram efetuadas tendo por base principalmente a transcrição das entrevistas, os áudios foram consultados quando foi necessária uma verificação minuciosa.

A abordagem quantitativa que realizamos dividiu-se em duas grandes etapas, primeiro no que respeita às entrevistas em que os marcadores ocorrem e segundo relativamente às ocorrências dos marcadores nas entrevistas. Ambas as etapas realizaram-se tendo por base as variáveis já estabelecidas: sexo, idade e escolaridade. Também realizamos uma análise quantitativa discursiva que teve em conta as ocorrências dos MD no turno, a unidade considerada para a análise. Logo, levou-se em consideração a definição completa de turno de Castilho (2002: 36), adotando a perspetiva de Briz (2020: 53-54) e Pons Bordería (2008: 145) relativamente à distinção entre intervenção e turno. Sendo assim, a análise quantitativa discursiva visou demonstrar os lugares preferenciais de ocorrência dos MD, posições inicial, medial e final. Esta análise é completada com uma abordagem qualitativa privilegiando a análise das ocorrências em contexto.

Como mencionado, a análise qualitativa realizou-se a partir das transcrições das entrevistas, ou seja, está dependente das regras pré-estabelecidas para a transcrição. Por exemplo, em (8) o marcador não foi transcrito como parte do discurso direto relatado, enquanto que em (9) sim. Escolhas de transcrição como estas influenciaram a análise já que 'olhe' é um marcador que funciona como iniciador do discurso direto relatado (Marques, 2015). Dada a discrepância, ouviu-se a gravação da entrevista e por ser o mesmo contexto de relato, considerou-se (8) como discurso direto relatado.

(8) Fal: (...) e depois disse-me, **olhe:** - Mas há um outro um outro fulano • • (...)
(30H3C)

(9) Fal: (...) até que pronto, disse-me: - **Olhe,** • • eu não não não me interessa de (...)
(77M3D)

3.3. Perguntas de investigação, hipóteses e objetivos

Nesta dissertação pretendemos responder a algumas perguntas de investigação. Estas dividem-se em dois grupos, perguntas relacionadas com a análise da estratificação da amostra e perguntas pertinentes para a análise discursiva. Logo, as perguntas da análise da estratificação da amostra são:

- O sexo, a idade e a escolaridade têm influência no uso dos marcadores interacionais?
- Com que frequência os MDI são utilizados considerando cada variável?

Por sua vez, as perguntas de investigação da análise discursiva-contextual que iremos responder são as seguintes:

- Que funções os MDI podem ter nas suas ocorrências no PSFB?
- Que posição no turno é preferencial?
- Há alguma relação entre a posição em que ocorrem e o tópico em curso?

Assim, de forma a identificar e explicar os usos dos marcadores discursivos interacionais do português europeu, à face do *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* e considerando as variáveis que determinam a constituição do corpus, colocamos como hipótese que os MDI são sensíveis, na sua ocorrência no discurso, a diferenças de sexo, idade e escolaridade.

Relativamente à variável sexo, há estudos que comprovam que o discurso das mulheres é menos direto e mais atenuador que o dos homens. Por exemplo, em *Language and Woman's Place* (1973), Lakoff explica que o discurso das mulheres tem a tendência a ser mais educado, repleto de *tag-questions* e possui padrões de entoação diferentes. Este assunto é por si só controverso já que invoca outras nuances fora da linguagem, contudo será pertinente testar se este possível padrão é refletido também na utilização dos MDI. Estudos como, *Um...Who Like Says You Know: Filler Word Use as a Function of Age, Gender, and Personality* (2014) de Laserna, Seih e Pennebaker e *Marcadores Discursivos Interacionais: Diferentes Metodologias, Diferentes Resultados* (2017) de Freitag, Silva e Evangelista, comprovam esta hipótese. No entanto, Freitag, Silva e Evangelista citam um estudo feito por Valle, *Sabe? ~ não tem? ~ entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo* (2001) que apresenta dados semelhantes entre o discurso dos homens e o das mulheres.

Relativamente à idade, tendo por base o uso de marcadores como 'tipo' e 'like', característicos do discurso mais jovem (Souza et al., 2019; Tagliamonte, 2005), seria de esperar que os dados retirados do *corpus* da Fala Bracarense refletissem o mesmo. Contudo, tendo em conta que neste *corpus* a faixa

etária mais nova vai dos 15 aos 25 anos, existe a possibilidade de os dados não serem significativos o suficiente para comprovar a hipótese. Caso haja dados significativos que comprovem a hipótese, será interessante descobrir se existem especificidades que apenas apareçam nesta faixa etária. Estudos como o referido anteriormente de Laserna, Seih e Pennebaker (2014) e *Los Marcadores Interaccionales: Un Análisis Psicolingüístico y Pragmagramatical del Habla Dialogada de Estudiantes de Educación Básica y Diversificada* (2021) de Perales-Alvarado e Figuera-Contreras apresentam dados que favorecem esta vertente da hipótese que estabelecemos.

Relativamente ao nível de escolaridade, não há dados concretos e globais que possamos usar, já que poucos foram os estudos encontrados centrados nesta variável. Apesar disso, mencionamos o estudo *Usos de portanto no Falar Bracarense* (2014) de Marques e Aguiar. Neste estudo, as investigadoras concluem que pessoas com o maior nível de escolaridade, licenciado, possuem uma maior frequência para a utilização do MD ‘portanto’.

No que respeita às perguntas de investigação da análise discursiva-contextual, apresentamos diversas hipóteses. Primeiro, a posição preferencial de ambos MDI será a inicial. Esta hipótese é estabelecida, pois, a posição inicial de turno é uma característica mencionada comumente pelos investigadores da área (Van Dijk, 1979; Schiffrin, 1987; Franco, 1990).

Segundo, prevemos a ocorrência do MDI ‘olha’ no início do discurso direto relatado, aumentando a probabilidade de aparecer em posição medial do turno. Já que, em princípio, o início do discurso direto relatado não corresponde com o início do turno. A título de exemplo, o artigo *O Discurso Direto em interações orais coloquiais* (2015) de Marques, apresenta dados que comprovam esta hipótese. Os falantes têm o hábito de utilizar mecanismos que demonstram que irão dar início ao discurso direto relatado, quer seja através do uso de verbos, como, ‘perguntar’ e ‘dizer’ (Marques, 2015: 97), ou, até mesmo, através de outros MDI, como, ‘tipo’ (Marques, 2015: 98).

Terceiro, espera-se que haja uma distinção entre as formas de tratamento ‘olha’, segunda pessoa do singular no imperativo, e ‘olhe’, terceira pessoa do singular no conjuntivo (com o mesmo valor injuntivo, dado o imperativo não ter formas de terceira pessoa). Pressupõe-se que a forma ‘olha’ seja utilizada num contexto mais informal entre amigos, colegas, familiares, ou até mesmo desconhecidos, mas que pertençam à mesma faixa etária do locutor. Já a forma ‘olhe’ é mais formal e expectável em relações interpessoais entre participantes de diferentes faixas etárias ou em diferentes posições hierárquicas de poder. Esta hipótese é reforçada pelo registo coloquial, já mencionado, do PSFB. Este enquadra-se no

registo coloquial periférico porque é um contexto de entrevista, logo, existe alguém que conduz a interação, daí os falantes sentirem a necessidade de serem mais cordiais².

Quarto, relativamente ao MDI 'ora bem', supõe-se que o marcador irá agir como um estruturador da informação, demarcando pausas, interrupções, reformulações e hesitações. Esta hipótese é favorecida pelo trabalho de Marques e Sánchez (2020), *De Ora e Oram Bem a Ahora e Ahora Bien: Especificidades dos Marcadores Discursivos e Ensino da Língua*.

Então, temos como principal objetivo estudar os usos dos MDI pelos moradores da cidade de Braga, assim como, demonstrar os contextos em que ocorrem que permitem formular padrões relativamente à fala bracarense. Pretendemos também, caso assim aconteça, verificar os motivos para os marcadores ocorrerem em maior número em alguma das variáveis em específico.

² Encontra-se aqui em causa a teoria da cortesia de Levinson e Brown, como Kerbrat-Orecchioni explica (1997a: 11), "politeness is actually and fundamentally a matter of faces, of face-want and of face-work – face-work consisting of a set of strategies which help to reconcile face-want with the fact that most of the acts that we are induced to perform during interaction are 'face-threatening'. That does not necessarily mean that everything in interaction amounts to a question of face (...) but that as soon as one wonders about the degree of politeness or impoliteness of any statement, one comes across the idea of face or something similar."

Capítulo II. Os Marcadores Discursivos

Este capítulo encontra-se dividido em dois subcapítulos: *Os marcadores discursivos como categoria hiperónima* e *O estudo dos marcadores discursivos interacionais*. No primeiro subcapítulo começamos por expor os marcadores discursivos como categoria global, ou seja, como hiperónimo de diferentes subcategorias. Para tal, relembramos Grice (1975) como estudo catalisador para a pesquisa dos MD, pois, estes ajudam a realizar o processo de inferência. Apresentamos as diversas e distintas denominações, definições e tipologias, que são consequências da multifuncionalidade e heterogeneidade dos MD. Além disso, mencionamos outros estudos que contribuem para a pesquisa da categoria. No segundo subcapítulo apresentamos também as denominações, definições e tipologias dos MDI, assim como, damos exemplos de funções que podem adquirir. Finalizamos o subcapítulo a divulgar dissertações, de mestrado e de doutoramento, que estudam este mecanismo linguístico. De forma a concluir este capítulo, apresentamos uma reflexão sobre a categoria, abordando as tipologias e propondo uma definição.

1. Os marcadores discursivos como categoria hiperónima

O estudo das máximas conversacionais de Grice, já mencionado acima, evidenciou o carácter inferencial dos MD. Por esse motivo, sentimos a necessidade de explicar em que consiste este estudo, pois o processo de inferências acontece espontaneamente numa interação verbal. Nesta dissertação, este processo ocorre espontaneamente numa interação oral. Assim sendo, podemos afirmar que Grice foi um dos impulsionadores dos trabalhos relativos a esta categoria, no âmbito da investigação realizada sobre o implícito linguístico, atribuindo-lhes o estatuto de um mecanismo linguístico. Para o autor (1975), numa interação, o locutor comunica mais do que o que diz explicitamente, porque a língua é um processo inferencial. Está em linha com as propostas de John Searle, e da sua Teoria dos Atos da Linguagem, em *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language* (1969). Para explicar o processo inferencial, Grice dá um exemplo em *Logic and Conversation* (1975: 43):

“A: B, how is C getting on in his job?

B: Oh, quite well, I think; he likes his colleagues, and he hasn't been to prison yet.”

A expressão ‘*he hasn't been to prison yet*’ (que pode ser traduzida para ‘ele ainda não foi parar na prisão’), implica que um dia C irá fazer algo que o leve a ser preso. Trata-se de uma implicatura, um conceito pragmático que Grice desenvolve a propósito da chamada teoria das máximas conversacionais.

Segundo Grice, as interações são governadas por um Princípio de Cooperação: “Make your conversation contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged.” (Grice, 1975: 45). Este Princípio é constituído por quatro categorias designadas máximas conversacionais, máxima de quantidade, máxima de qualidade, máxima de relevância e máxima de modo. Estas são regras necessárias à comunicação, porque guiam o processo inferencial. Grice apelida este processo inferencial, as inferências realizadas, de *implicaturas*. As implicaturas são de vários tipos: implicaturas convencionais e não convencionais. Estas, por sua vez, seriam divididas em implicaturas não conversacionais e conversacionais, que se dividem em gerais e particulares.

Contudo, as implicaturas convencionais não seriam regidas pelos mesmos princípios, já que são relativas aos significados mais convencionais das palavras utilizadas numa frase. Normalmente, estes tipos de implicaturas relacionam-se com a categoria estudada nesta dissertação, por exemplo, “He is an Englishman; he is, therefore, brave” (Grice, 1975: 45). A palavra ‘therefore’ implica que o motivo para ele ser corajoso é por ser inglês. ‘Therefore’ (‘portanto’ ou ‘por isso’), vai ser categorizada como um marcador discurso. Logo, os MD servem como mecanismos que possibilitam seguir o princípio de cooperação e respeitar as máximas conversacionais. Portanto, Grice demonstra que os MD participam na regulação de uma interação. Porém, esta é apenas uma das funções desta categoria e a sua multifuncionalidade inerente gera alguns problemas, como a dificuldade de nomear e definir este grupo.

1.1. Denominações

A categoria dos MD é uma das primeiras a serem estudadas com a mudança de paradigma já mencionada. Além disso, a categoria é intrinsecamente heterogénea devido ao facto de ser constituída por diferentes classes de palavras (Freixeiro Mato, 2016: 75). Consequentemente, os MD tornam-se polissémicos, adquirindo diversas funções, ou seja, são multifuncionais. Todos estes fatores são então refletidos numa indecisão quanto à denominação efetivamente atribuída a esta categoria tão complexa. Portanto, os MD são conhecidos por diversas outras nomenclaturas, como, por exemplo, ‘marcadores pragmáticos’, ‘conectores pragmáticos’, ‘expressões pragmáticas’, etc. Por esse motivo, Jucker e Ziv afirmam:

The terminological diversity reflects both the wide range of linguistic approaches that have been employed for their study, and the multiplicity of functions which these elements are said to fulfil.

(...) The different terms also reflect different attitudes to the question of the uniformity or fuzziness of the class of discourse markers. (Jucker e Ziv, 1998: 1)

É por identificar essa multifuncionalidade que Said Ali (1930) evoca o termo original latino para esta categoria. Apesar do desenvolvimento da pragmática e, consequentemente, a difusão de estudos no âmbito dos MD ter acontecido em meados do século XX, o estudo dos marcadores discursivos na língua portuguesa remonta a 1930, com Said Ali. No seu capítulo *Expressões de situação* (1930: 49-50), o investigador explica que o termo latino, ‘expletivae’ não seria o correto já que o mesmo se relaciona com a expressão ‘explere’, ou seja, ‘encher’ em português. Isto significa que esta categoria de palavras apenas seria utilizada para embelezar e dar ênfase ao texto, o que o investigador considera uma definição demasiado vaga. Por esse motivo, Said Ali renomeia as ‘expletivae’ como ‘expressões de situação’ (1930: 51).

Por sua vez, quase 50 anos depois, Van Dijk intitula os MD como ‘conectores’. O investigador faz a distinção entre conectores semânticos e conectores pragmáticos (1979: 447). Pouco tempo depois, influenciado pelos linguistas alemães, Franco apelida-os de ‘partículas modais’ (Franco, 1990). Porém, o próprio investigador mostra-se hesitante quanto à nomenclatura que usa. Explica que a vasta funcionalidade da categoria seria o motivo para ter preferência pelo termo ‘partículas intencional-estratégicas’. Contudo, é a partir de Schiffrin e o seu livro *Discourse Markers* (1987) que unifica a categoria, havendo um consenso, generalizado, de apelidar o grupo de ‘marcadores discursivos’.

Portanto, todas estas denominações refletem a complexidade da categoria, ou seja, demonstram a dificuldade de definir e delimitar a mesma. Franco esclarece isso no excerto seguinte, quando menciona haver investigadores que expandem os marcadores, ou partículas, até mesmo para o campo das interjeições, como, por exemplo, Schiffrin (1987).

Por PMs entendo elementos como *acaso, afinal, bem, cá, então, já, lá, sempre, também* (entre outros), em determinadas posições na frase e em certos empregos específicos, mas que têm sido tradicionalmente classificados, quer nas gramáticas quer nos dicionários, como ‘advérbios’, embora, alguns deles surjam também em algumas gramáticas sob a rubrica «expressões ou partículas de realce» ou ainda no grupo das interjeições (Franco, 1990: 175)

Logo, Franco (1990) explica que existe uma certa dificuldade para de facto definir a categoria, pois os marcadores são muito “sensíveis à situação e ao contexto” (1990: 189). O que, consequentemente, dificulta o estabelecimento de regras concretas para a rotulação da categoria, visto que, cada marcador

irá ter funções específicas dependendo dos contextos em que se inserem. Além do contexto, uma característica dos marcadores que contribui para a heterogeneidade é a gramaticalização. Como Martín Zorraquino e Portolés explicam, “Los marcadores del discurso proceden de la evolución de una serie de sintagmas que, de una parte, van perdiendo sus posibilidades de flexión y combinación, y, de otra van abandonando si significado conceptual e se especializan en otro de procesamiento” (1999: 4060). Assim sendo, devido a esta categoria ser uma categoria aberta por causa do processo de gramaticalização, diversas definições são estipuladas. É através desta variedade de definições que se pode depois encontrar características em comum, que possibilitam uma definição mais universal da categoria.

1.2. Definições e características

Para além da polifuncionalidade e da heterogeneidade, uma das causas para as diversas definições de MD é o tipo do estudo realizado. Por exemplo, se for um estudo centrado na linguagem escrita (Morais, 2011), a definição será mais restrita, devido às regras gramaticais. Mas, se for um estudo centrado na linguagem oral (Carvalho e Gomes, 2017), a definição terá de ter em consideração a espontaneidade dos MD de ocorrer no enunciado.

É devido a essa distinção entre a linguagem escrita e a linguagem oral que Van Dijk (1979) escolhe chamar esta categoria de ‘conectores’. Porém, o investigador distingue esta categoria em dois tipos: *conectores semânticos* e *conectores pragmáticos*. Por isso, apresenta a seguinte definição para essas duas subcategorias:

Pragmatic connectives express relations between speech acts, whereas semantic connectives express relations between denoted facts. This characterization is intentionally vague. That is, we either have different uses of the same set of connectives, or else different connective meaning or functions which happen to be expressed by the same expressions. (...) The pragmatic use of connectives may be accomplished by different phonological and syntactic constraints, for instance. Thus, pragmatic connectives will often be sentence-initial, followed by a pause and uttered with a specific intonation contour. (1979: 449)

No excerto acima, o investigador afirma que a caracterização que levou à divisão é “intencionalmente vaga”. É devido a essa vagueza que questiona sobre a origem destes conectores. Isto é, questiona se certos conectores deram origem a diferentes usos, ou se os diferentes usos são explicados por um certo grupo de conectores. O que o excerto demonstra é que a polifuncionalidade dos MD torna difícil a

delimitação de subcategorias. Portanto, a distinção que apresenta relativamente aos dois tipos de conectores é que os *conectores semânticos* dizem respeito à ligação entre frases, ou seja, à sua estrutura, ao passo que, os *conectores pragmáticos*, ao relacionarem atos de fala, têm funções ao nível da discursivo, da linguagem de uso. Esta distinção apresentada por Van Dijk é igualmente defendida por Briz (2020: 167) que considera os conectores pragmáticos como:

(...) una clase funcional (...) heterogénea, que engloba categorías gramaticales distintas, aunque con un papel similar: encadenar las *unidades de habla* y asegurar la transición de determinadas secuencias del texto (hablado), colaborando así en el mantenimiento del hilo discursivo y la tensión comunicativa (...)

Para o investigador, os conectores pragmáticos são uma ferramenta que os falantes utilizam para construir a interação; é com esta que desenvolvem a atividade argumentativa e/ou a função estruturadora e conversacional do discurso (2020: 166). Briz também explica que os conectores pragmáticos não aceitam serem negados (b) e não permitem a alteração da ordem dos sintagmas (c). Dando uso ao exemplo de Briz com o conector '*porque*' (2020: 171-172):

- "a. Está enfermo, *porque* ha ido al médico.
- b. *No está enfermo *porque* ha ido al médico.
- c. **Porque* ha ido al médico, está enfermo."

Apesar dos termos utilizados serem diferentes, Briz afirma que esta categoria seria o equivalente do termo 'marcadores discursivos', utilizado por Schiffrin (Briz, 2020: 167). Que, por sua vez, define marcadores discursivos como "coordenadores contextuais" (Schiffrin; 1987: 327) que têm de: serem separáveis sintaticamente da frase; aparecerem normalmente em posição inicial do enunciado; possuírem contornos prosódicos; e atuarem em diferentes planos e níveis do discurso, tendo pouco ou nenhum significado por si só, ou o significado ser reflexivo da linguagem utilizada e/ou do próprio falante (1987: 328). Isto é, o significado de um MD está interligado com a maneira como é utilizado, ou seja, o contexto em que se encontra. Por exemplo, quando um MD é utilizado na posição inicial do enunciado, pode atuar como um marcador estruturador, porém, dificilmente pode sinalizar um discurso direto relatado.

Logo, Schiffrin elenca diferentes características que a categoria possui. Menciona as posições sintáticas dos marcadores e a facilidade de movimentação que apresentam. Estes tanto podem ser omitidos das suas posições iniciais sem alterar a estrutura da frase, como alguns podem até se mover na mesma,

não havendo necessidade de ocuparem a posição inicial. O que gera a dificuldade de explicar como funcionam os MD sintaticamente, tornando as análises feitas somente ao nível da estrutura da frase incompletas. Outro argumento que demonstra essa dificuldade é que certas frases completas também não podem ser analisadas apenas sintaticamente. Exemplifica mencionando os atos de fala, já que um pedido pode ser realizado através de: uma frase declarativa, “A porta deveria estar fechada.”; uma frase interrogativa, “Poderias fechar a porta, por favor?”; ou, uma frase imperativa: “Fecha a porta.” (Schiffrin, 1987: 32). Além disso, Schiffrin defende que os marcadores são sequencialmente dependentes porque atuam no discurso, com o objetivo não de fornecer valor sintático, mas sim de juntar elementos sintáticos. Outro argumento que usa a favor da dependência sequencial é o facto de os marcadores poderem coocorrer na mesma frase (Schiffrin, 1987: 39).

Assim como Schiffrin, Martín Zorraquino e Portolés escolheram a denominação de ‘marcadores discursivos’. Os investigadores estudaram a categoria detalhadamente no livro *Los Marcadores del Discurso* (1999), onde, definem marcadores discursivos como:

(...) unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicción oracional -son, pues, elementos marginales- y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación. (Martín Zorraquino e Portolés, 1999: 4057)

Isto é, para Martín Zorraquino e Portolés, os MD são unidades invariáveis, sem função sintática que não alteram o valor proposicional ou conceptual dos enunciados, características também defendidas por outros autores (Fraser, 1999; Freixeiro Mato, 2008). Essas unidades não poderiam ser coordenadas ou negadas. Estando dependentes da entoação utilizada para as proferir, atributo também mencionado acima por Van Dijk (1979: 449). Afirmam ainda que os MD, na sua maioria, não podem ser utilizados como um enunciado único na tomada de turno. Os autores continuam a sua argumentação mencionando o discurso e o facto de que a comunicação não acontece somente através do que é proferido, mas também mediante um processo de inferências. Aqui presente encontra-se o estudo já mencionado de Grice (1975) sobre o facto de o processo inferencial reger a comunicação.

Desvinculando-se dos autores apresentados até agora, o estudo de Fraser desta categoria é complexo. O que o investigador apelida de ‘marcadores discursivos’, seriam um subtipo de uma categoria hiperónima, os *marcadores pragmáticos*. Este define como “syntactic, lexical, phonological linguistic devices which play no role in determining the *semantic meaning* of the basic propositional content of a

discourse segment of which they are a part, but do have a critical role in the *interpretation* of the utterance.” (1996: 892). Isto é, os marcadores pragmáticos seriam o equivalente dos conectores pragmáticos, denominação de Van Dijk (1979) e Briz (2020). Por esse motivo, existe a necessidade de apresentar a definição de Fraser não só de marcadores pragmáticos como de marcadores discursivos. Assim sendo, no seu artigo, intitulado *What are discourse markers?* (1999) define os MD como sendo uma classe pragmática cuja função é unir dois segmentos textuais.

(...) a pragmatic class, lexical expressions drawn from the syntactic classes of conjunctions, adverbials, and prepositional phrases. With certain exceptions, they signal a relationship between the segment they introduce, S2, and the prior segment, S1. They have a core meaning which is procedural, not conceptual, and their more specific interpretation is ‘negotiated’ by the context, both linguistic and conceptual. (Fraser, 1999: 950)

Para Fraser, os marcadores têm funções pragmáticas e não adicionam valor proposicional. Especifica que, apesar de possuírem propriedades sintáticas, não constituem uma categoria sintática por si só, servindo somente como um conector entre dois segmentos. Fraser formaliza este funcionamento através das fórmulas: <S1. DM+S2> ou <S1, DM+S2>. Menciona também o facto de que um MD pode adquirir diferentes significados dependendo do contexto em que se encontra. Ademais, Fraser rejeita a inclusão de interjeições nesta categoria. Distinguindo-se de Schiffrin, que inclui estes elementos na sua definição (Schiffrin, 1987: 73; 102). Por isso, Fraser afirma que, por não conectarem dois segmentos, as interjeições deveriam ser categorizadas como ‘expressões pragmáticas’.

Vocatives (...) are excluded since they signal a message in addition to the primary message conveyed by the sentence, and do not signal a relationship between segments. For similar reasons, interjections such as *Oh!* (included as a DM by Schiffrin, 1987), *Wow!*, and *Shucks!* are excluded. (...) They must be treated as pragmatic idioms, which constitute an entire, separate message (Fraser, 1999: 942-943)

Para concluir esta secção, centremo-nos agora nas definições e características estudadas na língua portuguesa. Dessa forma, retomamos Said Ali e ‘expressões de situação’. O investigador brasileiro apresenta a sua definição de MD como “Chamemos-lhes expressões de situação. Ellas atendem ora ao ambiente creado pela presença do ouvinte, ora á situação determinada pelos acontecimento, ora á disposição do espirito em virtude de considerações anteriores quer da pessoa que fala, quer do ouvinte” (1930: 51). Logo, Said Ali explica que apesar dos interlocutores não se aperceberem da sua utilização, sendo parte do “domínio do sub-consciente” (1930: 52), os marcadores não são utilizados ao acaso.

Relativamente à vertente do português europeu, os estudos desta a respeito dos MD são escassos, em comparação com a variedade do português do Brasil. Porém, Franco (1990) data uma das suas primeiras investigações sobre o assunto pouco tempo depois de *Discourse Markers* (1987) de Schiffrin. Como já mencionado anteriormente, o termo escolhido por Franco foi ‘partículas modais’, inspirado pela linguística germânica, já que a sua investigação sobre as partículas modais foi contrastiva com as partículas alemãs. No estudo, Franco apresenta uma definição de marcadores discursivos do português, desenvolvida em paralelo com as definições de advérbios e advérbios de frase. Isto é, a definição construída de partículas modais pelo investigador tinha como objetivo mostrar as características das partículas que faziam com que se desvinculassem dos advérbios. De forma sucinta, Franco apresenta onze características das partículas (1990: 183-187), sendo estas: as PMs não constituem um sintagma da frase em que se encontram; a posição mais comum das partículas é no início da frase, ou seja, estão sujeitas a determinadas restrições de posição; ocorrem predominantemente antes do verbo; são proclíticas; não são interrogáveis nem constituem respostas a frases interrogativas totais ou parciais; ocorrem sempre antes da negação; não são suscetíveis a serem ligadas por uma conjunção coordenativa ou por coordenação assindética; não admitem um pré-modificador; não podem ser parafraseadas; não podem ocorrer isoladas com o valor de frase; podem ser acumuláveis, ou seja, podem ser utilizadas em conjunto. É possível então concluir que muitas das características apresentadas por Franco estão presentes também nas pesquisas dos investigadores citados anteriormente (Schiffrin, 1987; Martín Zorraquino e Portolés, 1999).

Com uma abordagem similar a Franco (1990), Macário Lopes (2014) possui uma variedade de estudos relativos aos marcadores de origem adverbial. É no seu estudo a respeito dos MD ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ que define esta categoria como:

Expressões linguísticas que requerem descrições e explicações pragmáticas, dado que operam ao nível discursivo, permitindo uma gestão conjunta e coordenada da interação verbal ou guiando os interlocutores na articulação sequencial de segmentos textuais, a diferentes níveis da estrutura discursiva (Macário Lopes, 2014: 1)

Embora a definição de Macário Lopes não apresente a mesma rigidez em comparação com as restantes apresentadas, nota-se que menciona as características mais referidas anteriormente. Isto é, destaca o carácter organizacional dos marcadores, assim como o carácter interativo, que, no contexto da linguagem oral, tem de ser evidenciado.

Finalmente, sentimos necessidade de referir brevemente o Dicionário Terminológico da DGE. Este foi criado para docentes da língua portuguesa e aglomera definições de categorias, termos e conceitos específicos da língua com o intuito de “acabar com a deriva terminológica”. O dicionário apresenta então a seguinte definição:

Unidades linguísticas invariáveis, com alto grau de gramaticalização, que não desempenham uma função sintáctica no âmbito da frase, nem contribuem para o sentido proposicional do discurso, mas que têm uma função relevante na produção dos actos pragmático-discursivos, estabelecendo conexões entre os enunciados, organizando-os em blocos, indicando o seu sentido argumentativo, introduzindo novos temas, mantendo e orientando o contacto do locutor com o interlocutor. (Dicionário Terminológico, s.d.)

Portanto, este dicionário terminológico foi criado com o intuito de uniformizar a terminologia usada para ensinar a língua portuguesa no ensino obrigatório. Assim sendo, a definição que apresenta vai ao encontro da, já mencionada, definição de Martín Zorraquino e Portolés (1999: 4057). Esta característica também é mencionada por Freixeiro Mato (2016). A invariabilidade que estes autores referem é a invariabilidade morfológica. Contudo, o MDI ‘olha’ apresenta uma variação morfológica, ‘olha’ e ‘olhe’, que nos faz questionar se esta característica pode ser mencionada em relação a este marcador. Retomaremos esta questão futuramente, na análise qualitativa do *corpus*.

Com o intuito de resumir todas as características mencionadas ao longo desta secção, apresentamos o seguinte excerto de Freixeiro Mato, que lista as características gerais dos marcadores discursivos:

Algumas características xerais dos marcadores do discurso son: heteroxeneidade canto á categoria gramatical [...], invariabilidade no plano formal como norma xeral [...], gramaticalización total ou parcial en moitos casos [...], impreciosión semántica e multifuncionalidade dalgunhas destas unidades [...], significado de procesamento (propriedades relacionais e pragmáticas máis do que referenciais e denotadoras) etc. (2016: 79)

1.3. Tipologias dos MD

Os marcadores são uma categoria extensiva, portanto, existe a necessidade de os categorizar em diferentes subclasses, tendo em atenção os diversos usos ou funções que possuem. No entanto, a multifuncionalidade dos marcadores, característica essencial da categoria, não gera apenas problemas de atribuição de nomenclaturas e definições, como também, problemas relativamente à forma como são

organizados. Como Marques (2021: 208) explica, “É esta multifuncionalidade, aliás, que explica alguma indeterminação e porosidade da categoria; e explica, ainda, um relativo fracasso das tipologias quando apresentam uma lista exclusiva de marcadores, para cada categoria individualizada”. Posto isto, apresentamos cinco tipologias, Martín Zorraquino e Portolés (1999), Fraser (1996, 1999, 2009a, 2009b), Adam (2008), Macário Lopes (2014) e Briz (2020).

Então, de forma a sistematizar os MD, Martín Zorraquino e Portolés elaboraram uma tipologia, dividindo os marcadores em cinco grandes grupos: *estruturadores da informação*, *conectores*, *reformuladores*, *operadores argumentativos* e *marcadores conversacionais* (1999: 4080-4081). A tabela 3 sintetiza as divisões feitas pelos investigadores para os marcadores discursivos.

Tabela 3 - Categorias de MD, segundo Martín Zorraquino e Portolés (1999).

Marcadores Discursivos	Estruturadores da Informação	Comentadores
		Ordenadores
		Digressores
	Conectores	Conectores Aditivos
		Conectores Consecutivos
		Conectores Contra Argumentativos
	Reformuladores	Reformuladores Explicativos
		Reformuladores Retificativos
		Reformuladores Recapitulativos
	Operadores Argumentativos	Operadores de Reforço Argumentativo
		Operadores Explicativos
	Marcadores Conversacionais	

Relativamente aos *estruturadores da informação* afirmam que servem para indicar a organização informativa e que não possuem significado argumentativo. Estes dividem-se em: *comentadores*, que introduzem um novo comentário ao que foi anteriormente dito, por exemplo, ‘pois’; *ordenadores*, que

ordenam o enunciado, como, ‘primeiro’, ‘segundo’; e *digressores*, que introduzem um enunciado que não se relaciona diretamente com o anterior, por exemplo, ‘a propósito’ (1999: 4080).

Os *conectores* são uma subcategoria que se caracteriza por conectar a informação semântica e pragmática entre os membros do enunciado. Estes dividem-se em: *conectores aditivos*, que fazem a ligação entre os enunciados adicionando informação, como, ‘além disso’; *conectores consecutivos*, que ligam os enunciados através de uma relação de consequência, sendo o segundo enunciado a consequência do primeiro, por exemplo, ‘por isso’; e *conectores contra argumentativos*, que ligam dois argumentos contrários, ‘contudo’ (1999: 4080).

O terceiro grupo diz respeito aos *reformuladores* que explicitam um processo de reformulação de um enunciado dito, de forma a melhorar a pertinência comunicativa desse enunciado. São subcategorias de *reformuladores*: os *reformuladores explicativos*, que introduzem uma explicação relativa ao enunciado dito, como, ‘ou seja’; *reformuladores retificativos*, quando a relação estabelecida é de correção do enunciado anterior, por exemplo, ‘melhor ainda’; e os *reformuladores recapitulativos*, quando o enunciado é apresentado como resumo do que foi dito anteriormente, como, ‘em suma’ (1999: 4080-4081).

Relativamente aos *operadores argumentativos*, estes são subcategorizados como: *operadores de reforço argumentativo*, ou seja, vai reforçar o que foi enunciado anteriormente, por exemplo, ‘de facto’; e *operadores explicativos*, como, ‘por exemplo’. Finalizam a mencionar os *marcadores conversacionais*, categoria desenvolvida posteriormente nesta dissertação (1999: 4081).

Em concordância com Martín Zorraquino e Portolés (1999), Fraser apresenta a sua tipologia, que, apesar de possuir denominações diferentes, converge com a divisão dos investigadores espanhóis. Esta tipologia de Fraser foi desenvolvida e repensada várias vezes. A tabela 4 conjuga as divisões que apresentou nos seus estudos de 1996, 1999 e 2009. Esta mostra as subclasses que apresenta quanto aos marcadores pragmáticos.

Tabela 4 - Categorias de MD, segundo Fraser (1996, 1999, 2009a, 2009b).

Marcadores Pragmáticos	Marcadores Básicos	
	Marcadores de Comentário	
	Marcadores Discursivos	Marcadores relativos a mensagens

	Marcadores de Gestão do Discurso	Marcadores relativos a tópicos
		Marcadores Estruturadores do Discurso
		Marcadores de Orientação do Tópico
		Marcadores de Atenção

A primeira grande divisão que Fraser apresenta ocorre em 1996 em *Pragmatic Markers*, mas é repensada em 2009. Isto é, no seu estudo de 1996, o investigador referia outra subcategoria que chamava de ‘parallel markers’. Porém, mais tarde, numa nota de rodapé, afirma que incorporou essa subcategoria noutra, nos *marcadores de comentário* (2009b: 892). Assim sendo, divide os marcadores pragmáticos em (2009b: 892-893): *marcadores básicos*, onde o falante faz um enunciado com um intuito, ou seja, um objetivo ilocutório, por exemplo, o pedido “Por favor diz-me a resposta.” *marcadores de comentário*, demonstram a atitude do falante perante uma ação ou estado, por exemplo, “Sinceramente, devias ir ao médico.”; *marcadores discursivos*, conectam dois segmentos, como, “Concordo, mas não posso fazê-lo hoje.”; e *marcadores de gestão do discurso*, apresentam um comentário relativamente à estrutura do discurso.

Como é possível observar na tabela 4, Fraser também apresenta diferentes classes pertencentes aos marcadores discursivos. Estas seriam (1999: 946): *marcadores discursivos relativos a mensagens* e *marcadores discursivos relativos a tópicos*. Os *marcadores discursivos relativos a mensagens* apresentam as conexões feitas entre as mensagens dos segmentos S2 e S1, e subdividem-se em: *marcadores contrastivos*, onde existe um contraste explícito entre a S2 e a S1, exemplo de tal seria, ‘mas’; *marcadores elaborativos*, que dizem respeito a MD que desenvolvam em S2 o argumento utilizado em S1, por exemplo, ‘além disso’; e *marcadores inferenciais*, onde com a utilização do MD na S2 faz-se uma conclusão relativamente à S1, como, ‘portanto’ (1999: 946-947). Já os *marcadores discursivos relativos a tópicos* encarregam-se da gestão do discurso; os marcadores referem-se ao tópico apresentado nos segmentos, mas não como sendo uma continuação da mensagem. Dando uso ao exemplo de Fraser “*I am glad that is finished. **To return to my point**, I'd like to discuss your paper.*”, a expressão destacada serve para relembrar o assunto inicial da conversa e não o que está a ser discutido em S1 (“*I am glad that is finished.*”) (1999: 947-949).

Relativamente à terceira subcategoria da tabela 4, os *marcadores de gestão do discurso*, Fraser também apresenta diferentes subclasses pertencentes à mesma. Então, esta decompõe-se em: *marcadores estruturadores do discurso*, com a função, como o nome indica, de organizar o discurso, como, “**Primeiro**, iremos discutir sobre o assunto. **Depois**,...” (2009b: 893); *marcadores de orientação do tópico*; e *marcadores de atenção*, que indicam que haverá uma mudança de tópico e ocorrem frequentemente antes dos *marcadores de orientação do tópico* (2009b: 893). No que respeita os *marcadores de orientação do tópico*, Fraser reflete detalhadamente sobre esta subclasse em 2009 num artigo homónimo à subclasse. Neste artigo, o investigador divide esta subclasse em quatro subcategorias (Fraser, 2009b: 894-895): *retoma de um tópico anterior*, por exemplo, “Retomando o que estava a dizer...”; *adicionar algo ou continuar o tópico atual*, como, “Como estava a dizer...”; *desvio do tópico atual*, por exemplo, “Por falar disso...”; e *introdução de um novo tópico*, como, “Mudando de assunto...”. Defende que quando um marcador é utilizado para, por exemplo, retomar um tópico anterior, esse marcador não é utilizado nas outras três categorias. Isto é, afirma que não existe uma sobreposição de funções no que concerne o tópico da interação.

Por sua vez, Adam desenvolve a sua tipologia denominando a categoria global de ‘conectores’ (2008). O investigador divide a categoria em três: *organizadores textuais*, *marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa*, e *conectores argumentativos*. Porém, esclarece que estas três categorias possuem a mesma função principal. Esta função seria de conectar segmentos, como explica, “Ces trois sortes de connecteurs remplissent une même fonction de liage sémantique entre unités de rangs différents (mots, propositions, paquets de propositions, voire portions larges d’un texte). (2008: 114)”. A tipologia de Adam é exposta na tabela 5, inspirada no quadro de Coutinho (2008: 199), que evidencia a multifuncionalidade dos MD. Por exemplo, o marcador ‘então’ é considerado um *organizador temporal*, um *marcador de estruturação da conversa* e um *conector argumentativo que marca conclusão* (Coutinho, 2008: 199).

Tabela 5 - Categorias de MD, segundo Adam (Coutinho, 2008: 199).

Conectores	Organizadores Textuais	Organizadores Espaciais	
		Organizadores Temporais	
		Organizadores Enumerativos	Aditivos
			Marcadores de Integração Linear

		Marcadores de Mudança de Topicalização
		Marcadores de Ilustração e de Exemplificação
	Marcadores de Escopo de Responsabilidade Enunciativa	Marcadores de Quadros Mediadores
		Marcadores de Reformulação
		Marcadores de Estruturação da Conversa e outros Fáticos
	Conectores Argumentativos	Conectores Argumentativos – Marcador de Argumento
		Conectores Argumentativos – Marcadores de Conclusão
		Conectores Contra argumentativos – Marcadores de Argumento Forte
		Conectores Contra argumentativos – Marcadores de Argumento Fraco

A respeito dos *organizadores textuais*, Adam (2008: 115-118) afirma que estes se encarregam da estrutura do texto, estruturando a progressão do mesmo e indicando as suas diferentes partes. Assim sendo, divide-os em: *organizadores espaciais*, por exemplo, ‘em cima’ e ‘mais longe’; *organizadores temporais*, como, ‘depois’ e ‘primeiro’; *organizadores enumerativos*, que são também divididos em *aditivos*, ‘e’, ‘ainda’ e ‘ou’ e em *marcadores de integração linear*, ‘em primeiro lugar’, ‘em segundo lugar’ e ‘em conclusão’; *marcadores de mudança de topicalização*, ‘quanto a’ e ‘no que concerne a’; e *marcadores de ilustração e de exemplificação*, ‘por exemplo’ e ‘como’.

Sobre os *marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa*, Adam (2008: 119-120) explica que estes atribuem um ponto de vista a partes do texto, demonstrando acordos e desacordos. A divisão feita é a seguinte: *marcadores de quadros mediadores*, ‘de acordo com’ e ‘segundo...’; *marcadores de reformulação*, ‘isto, é’ e ‘de outro modo’; e *marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos*, ‘bom’, ‘bem’ e ‘então’.

Finalmente, a última divisão que realiza é dos *conectores argumentativos* (Adam 2008: 120-122). Estes têm como função ligar os segmentos e orientar a argumentação. Possuem duas grandes subcategorias, *conectores argumentativos* e *conectores contra argumentativos*. Os *conectores argumentativos* podem

ser: *marcadores de argumento*, ‘porque’, ‘pois’ e ‘mesmo’; e *marcadores de conclusão*, ‘portanto’ e ‘então’. Os *conectores contra argumentativos* correspondem a: *marcadores de argumento forte*, ‘mas’ e ‘porém’; e *marcadores de argumento fraco*, ‘certamente’ e ‘ainda que’.

Na língua portuguesa, Macário Lopes apresenta uma categorização dos marcadores, que vai ao encontro das Fraser (1996, 1999, 2009a, 2009b) e Martín Zorraquino e Portolés (1999), anteriormente citados. Divide-os então em: *conectores discursivos*, ou seja, expressões que estabelecem relações entre os enunciados; *expressões relacionadas com o falante* e as suas expectativas e atitudes; e os *marcadores interativos* que influenciam os interlocutores do discurso de forma a regular a dinâmica conversacional (Macário Lopes, 2014: 2).

Para finalizar, como mencionado, Briz (2020) distingue entre conectores semânticos e conectores pragmáticos. É através desta distinção que divide os conectores pragmáticos em duas grandes subcategorias: *conectores argumentativos* e *conectores metadiscursivos*. Esta segunda subcategoria não é desenvolvida neste momento, tendo o seu próprio foco posteriormente nesta dissertação. Relativamente aos *conectores argumentativos*, estes têm a função argumentativa e agem como estruturadores da atividade negociadora e permitem aos interlocutores interpretar os enunciados de forma a desenvolverem conclusões (2020: 180). Estes *conectores argumentativos* podem ser monológicos e/ou dialógicos (2020: 230). Alguns exemplos de conectores argumentativos dados por Briz são ‘*además*’, ‘*encima*’, ‘*porque*’, ‘*pues*’, ‘*entonces*’ (2020: 180).

1.4. Outros estudos: *Diccionario de partículas discursivas del español* e divisão dos estudos dos MD do português europeu

Existem diversos outros estudos que merecem ser mencionados. Por exemplo, Briz, em conjunto com outros investigadores, construiu um website com um *Diccionario de partículas discursivas del español* com o objetivo de juntar os diferentes marcadores e os seus usos num único lugar. Explica, na página de apresentação, que os marcadores têm quatro funções: conectar, como, conectores argumentativos ou reformuladores; modalizar, ou seja, destacar a atitude do locutor perante o enunciado; focalizar; e controlar a comunicação.

O website divide-se em 3 secções, a introdução, as entradas e escritores. A ‘introdução’ apresenta a metodologia e o corpus do trabalho, assim como as características da estrutura do mesmo. As ‘entradas’ e os ‘escritores’ apresentam o mesmo, os marcadores. A única diferença é que na organização, em

‘entradas’, aparecem os marcadores, enquanto que em ‘escritores’ a organização tem em mente a contribuição de cada um dos escritores e que marcador desenvolveu. Por exemplo, San Martín e Rojas desenvolveram os marcadores ‘onda’, ‘¿ah?’, ‘por ser’ e ‘no cierto’, já Albelda estudou ‘al parecer’, ‘fijo (que)’ e ‘la verdad (es que)’.

Embora o estudo dos marcadores discursivos do português europeu tenha produzido resultados muito importantes para a descrição e explicação desta categoria discursiva, este ainda é escasso, se comparado com o volume de publicações existentes sobre outras línguas como o inglês (Van Dijk, 1979; Schiffrin, 1987; Jucker e Ziv, 1998; Fraser, 1999) ou o espanhol (Martín Zorraquino e Portolés, 1999; Pons Bordería, 1998; Briz, 2020). Os estudos portugueses podem ser aglomerados em três grandes grupos: análises semântico-pragmáticas; estudo de conectores em específico; e estudos com uma metodologia contrastiva. Esta divisão não é estática já que há estudos que se enquadram em mais do que um grupo (Franco, 1990).

Vários estudos foram realizados a partir de análises semântico-pragmáticas, sobretudo estudos mais antigos. Por exemplo, Franco abordou marcadores que agem também como advérbios de modo (1990). Macário Lopes percorreu o mesmo caminho com o marcador ‘então’ (1997) e os valores que pode adquirir. Assim como, em conjunto com Carapinha, estudou o marcador ‘assim’ e os valores modais do mesmo (2004). Silva é outro exemplo com o seu estudo sobre a polissemia de ‘pronto’ (2001).

Relativamente aos estudos centrados em conectores temos, como, por exemplo, Macário Lopes (2014). Em *Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no Português europeu contemporâneo*, Macário Lopes afirma que estes conectores agem todos como reformuladores, pois “codificam uma instrução sobre como integrar o segmento que introduzem numa representação mental coerente do discurso, guiando por conseguinte, o processo interpretativo” (2014: 2). Esclarece que estes conectores possuem outras características como dependerem da entoação, serem expressões que sofreram gramaticalização e serem operadores de dois lugares, pois ligam o enunciado anterior ao próximo. Menciona diferentes tipos de reformulação como, auto-reformulação; hétero-reformulação quando o ouvinte retoma a informação prévia de forma a esclarecer o que lhe foi dito; reformulação parafrástica, onde o locutor apresenta dois enunciados equivalentes; e reformulação não parafrástica, onde o locutor faz a distinção entre dois enunciados.

No que respeita aos trabalhos realizados com uma metodologia contrastiva, os estudos compilados no livro *Marcadores Discursivos. O português como referência contrastiva* (2020) de Duarte e León são exemplo de tal. Constitui uma coletânea de artigos escritos por investigadores da área que fizeram uso

de outras línguas para analisar os MD portugueses. Também é o caso do estudo de Franco (1991), *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*, assim como *Tradução de Marcadores Discursivos portugueses para alemão: 'na verdade', o que se ganha e o que se perde?* (2019) de Carapinha e Plag. Outro exemplo é o estudo *Pragmatic functions and context of use of TIPO in European Portuguese* (2023) de Marques, artigo pertencente a uma coletânea intitulada de *Type Noun Constructions in Slavic, Germanic and Romance Languages* (2023), que tem como tema o marcador 'tipo', e os seus equivalentes, em diversas línguas.

2. O estudo dos marcadores discursivos interacionais

O estudo dos marcadores discursivos ainda requer um maior desenvolvimento, sobretudo no português europeu. Assim sendo, é expectável que o estudo dos marcadores interacionais esteja consideravelmente precário comparado com a sua categoria de origem. Por esse motivo é que não possuem um conjunto de definições tão extensas e características tão estruturadas quanto os MD como categoria geral. Os MDI são uma subcategoria dos marcadores discursivos. Isso quer dizer que irão possuir características elencadas dos MD, contudo, tal não significa que os MDI irão apresentar todas. É necessário relembrar que Fraser (1999, 2009a) define os MD como sendo conectores que ligam dois segmentos textuais e tanto Freixeiro Mato (2016) como Martín Zorraquino e Portolés (1999) apresentam os MD como sendo “unidades invariáveis”. No entanto, os MDI apresentam algumas características que os distanciam dessas definições.

Existem recursos que os falantes utilizam nos discursos orais coloquiais que não se encontram facilmente em textos formais. Um deles são os reguladores da interação, característica pertinente dos MDI. Estes, comumente encontrados nos discursos coloquiais, tanto agem como conectores da relação semântico-argumentativa das unidades monologais, como dizem respeito à atividade intercomunicativa (Briz, 2020: 166). Como Briz explica:

Son recursos más propios del habla el uso enfático de la conjunción *y*(...), la presencia de ciertos reguladores de la conversación (...), el uso de ciertas expresiones idiomáticas, algunas de ellas marcadas socialmente (...), las señales de cierra enumerativo (...), las voces jergales, del argot (...), aisladas o formando parte de una metáfora (...). (Briz, 2020: 21)

Posto isto, iremos agora seguir a mesma ordem de tópicos que estabelecemos para o subcapítulo “*Os marcadores discursivos como categoria hiperónima*”. Isto é, apresentamos as denominações, definições

e tipologias dos MDI, mostramos, através de estudos de Macário Lopes e Marques, certas funções que podem desempenhar e terminamos apresentando dissertações que mencionam esta subcategoria.

2.1. Denominações e definições

A categoria dos MD apresenta uma vasta gama de nomenclaturas. Por esse motivo, não é surpreendente que esse aspeto seja também encontrado nas suas diferentes subcategorias. Neste caso, em específico, na subcategoria dos marcadores discursivos interacionais. Desse modo, assim como os MD, os marcadores interacionais (Perales-Alvarado e Figuera-Contreras, 2021; Freitag et al, 2017) possuem outras designações noutras tipologias. Apresentam denominações como, ‘partículas interacionais’ (Fernandes, 2003), ‘conectores fáticos’ (Marques, 2002) ou ainda ‘marcadores conversacionais’ (Urbano, 1999; Martín Zorraquino e Portolés, 1999; Castilho, 2002).

Divergindo das denominações expostas anteriormente, Briz, intitula os MDI de ‘marcadores metadiscursivos’ e define-os como “trazos de una estrategia (de una relación estratégico-comunicativa), de una técnica de producción y formulación de los mensajes; marcas además de la estructuración del discurso.” (2020: 201). Isto é, para Briz, os MDI, apesar de atuarem como estruturadores do discurso, essa não é a sua principal função. Para o investigador, a principal função é a formulação do discurso. Esta opinião defendida por Briz engloba outras funções que, em conjunto com a função estruturadora, constroem o discurso. Este ponto de vista também é defendido por Martín Zorraquino e Portolés (1999).

Em *Los Marcadores del Discurso* (1999), Martín Zorraquino e Portolés explicam que esta subcategoria de marcadores possui como principal função a função interativa da comunicação. Por meio dos usos que os falantes fazem dos MDI, os interlocutores trocam pequenas mensagens relativamente à comunicação como, por exemplo, mostrar que compreenderam o que foi dito através de um aceno de cabeça e proferindo um ‘sim’. Mostram, além disso, nuances relativas aos interlocutores e aos seus discursos, podendo ser utilizados de forma a manter cortesia ou a demonstrar o nível de intimidade que têm com o interlocutor. Afirmam também que este tipo de marcadores consegue ser ainda mais heterogéneo que a categoria dos MD:

(...) los grupos de marcadores conversacionales establecidos es que, a pesar de que reflejan funciones claramente delimitadas, no constituyen «compartimientos estancos». Ello se debe, esencialmente, a dos razones: de un lado - ya se ha indicado - ciertas funciones están estrechamente relacionadas entre sí (es el caso, por ejemplo, del 'enfoque de la alteridad' y tanto

de la 'modalidad' que expresa 'evidencias' como de la 'modalidad deóntica'); de otra parte, los propios marcadores son, frecuentemente, polifuncionales (sería el caso, por ejemplo de *bueno*). En la conversación, dicha polifuncionalidad se ve favorecida, además, por el papel extraordinariamente relevante que cumplen los rasgos suprasegmentales, que se superponen a las partículas discursivas (...) (Martín Zorraquino e Portolés, 1999: 4145)

Apesar de mostrarem que uma das características dos MD é não terem a capacidade de constituir um enunciado único, os autores esclarecem que os MDI podem ser autônomos no espanhol (1999: 4068). Ou seja, como referimos no início deste subcapítulo, os MDI não apresentam todas as características elencadas dos MD.

Relativamente à língua portuguesa, Castilho, resume a categoria como (2002: 47): “Os MCs (...) verbalizam o monitoramento da fala, sendo frequentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação.”. Já Freitag *et al.* definem os marcadores discursivos interacionais como sendo: “construções que emergem da fala em interação e assumem funções de atrair para si a, ou aproximar-se da atenção do interlocutor, planejando, mantendo e organizando a interação falante/ouvinte no processo de interação.” (Freitag *et al.*, 2017: 58). Afirmam que a utilização dos mesmos depende não só do ouvinte, mas também das experiências pessoais do mesmo.

Por outro lado, a denominação adotada por Risso *et al.* (1997) é ‘marcadores discursivos’. O estudo dos investigadores, cujo *corpus* foi construído a partir do projeto *Gramática do Português Falado*, foi realizado com o intuito de encontrar características dos MD no discurso oral. Por isso, consideramos que, o que os investigadores denominam de marcadores discursivos no estudo, nesta dissertação chamamos de marcadores discursivos interacionais. Desse modo, as características que apresentam enquadram-se nos atributos já mencionados da categoria hiperónima dos MD. Logo, considerando essas características, apresentam a seguinte definição da categoria:

(...) os *M.D.* são comumente, formas mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção. As pequenas alterações observadas (...) confirmam a tendência para a cristalização formal dos *M.D.*, e para seu estatuto de fórmulas já prontas para serem usadas no discurso com certo grau de automatismo, sem passarem previamente por uma elaboração léxico-sintáticas mais palpáveis. (Risso *et al.* 1997: 57)

Dois anos depois, Urbano apelida a categoria de ‘marcadores conversacionais’ e define-os como “elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.” (Urbano, 1999: 99). Assim sendo, afirma que os MDI funcionam como articuladores tanto do texto como dos interlocutores, já que delimitam os turnos de cada um dos mesmos. Acrescenta que dependendo do papel que o falante representa na interação, as suas intervenções são constituídas por marcadores com características próprias. Se o falante estiver a atuar como locutor, os seus marcadores caracterizam-se por preencher silêncios indicativos de hesitações ou formulações do que será enunciado. Em contrapartida, quando o falante age como alocutário, os marcadores utilizados demonstram atenção, interesse, aprovação ou apoio (1999: 93).

Ao encontro da terminologia utilizada nesta dissertação, De Rosa e Morleo (2022) afirmam que os MDI possuem a função de fornecer informações interacionais relativas aos interlocutores sobre os enunciados da interação e apontar, direta ou indiretamente, um envolvimento interpessoal, e encarregam-se da organização e gestão da fala (2022: 146).

Portanto, é possível agrupar as definições apresentadas em dois grupos. Por um lado, existem opiniões orientadas, maioritariamente, para a função interacional dos MDI (Freitag et al, 2017; De Rosa e Morleo, 2022). Por outro, existem definições que são construídas tendo uma maior consideração pela categoria de origem, os MD (Urbano, 1999; Risso et al, 1997).

2.2. Tipologias dos MDI

Anteriormente mencionou-se que a multifuncionalidade dos MD está na base de um desacordo quanto às tipologias da categoria. Tendo em consideração esse aspeto, é expectável que o mesmo se reflita nas tipologias dos MDI. Essa divergência tipológica é ainda mais notória nesta subcategoria. Isto é, por possuírem como principal função o manuseamento da interação, uma única ocorrência de um MDI pode mostrar diferentes funções simultâneas. Logo, torna-se difícil apresentar delimitações exatas quanto aos tipos existentes de MDI. Além disso, apesar dos MDI serem caracterizados pela sua função interacional, podem atuar de igual forma como, por exemplo, marcador de reformulação. Assim sendo, apresentamos agora as tipologias de Martín Zorraquino e Portolés (1999), Briz (2020), Castilho (2002) e Marcuschi (1986, apud Lourenço, 2014).

Martín Zorraquino e Portolés (1999: 4081) dividem os marcadores conversacionais em quatro grupos: *marcadores de modalidade epistémica*, que aparecem normalmente em enunciados declarativos e evidenciam uma certeza ou possibilidade; *marcadores de modalidade deôntica*, estes marcadores dizem respeito às atitudes dos falantes e afetam, normalmente, enunciados assertivos; *focalizadores da alteridade*, centrando-se no ouvinte e no nível de proximidade que os interlocutores têm, podem constituir enunciados diferentes, sendo, normalmente, interjeições e enunciados autónomos; e *metadiscursivos conversacionais*, estes marcadores têm o intuito de formular e organizar o discurso oral, são enunciados autónomos e caracterizam-se por apresentarem pausas mais longas. Esta tipologia de Martín Zorraquino e Portolés diverge das restantes, pois evidencia, como notado através das subcategorias, a relação entre os MDI e a modalidade.

Uma das tipologias que diverge da de Martín Zorraquino e Portolés, é a tipologia de Briz (2020). Como é possível observar na tabela 6, Briz divide o que chama de ‘marcadores metadiscursivos’ em dois grupos (2020: 201-230): *marcadores metadiscursivos de controlo da mensagem* e *marcadores metadiscursivos de controlo do contacto*.

Tabela 6 - Categorias de MDI, segundo Briz (2020).

Marcadores Metadiscursivos	Marcadores de controlo da mensagem	Marcadores reguladores de início
		Marcadores de progressão
		Marcadores de finalização
	Marcadores de controlo do contacto	

Os *marcadores de controlo da mensagem* têm função demarcativa, logo, regulam as partes do discurso, podendo também servir de partículas de pontuação. Briz afirma que a função demarcativa se reflete bastante no discurso direto relatado, de forma a mostrar a troca de personagens. O investigador ainda divide este grupo em três géneros: *marcadores reguladores de início*, *marcadores de progressão*, e *marcadores de finalização*. Os *marcadores reguladores de início* são utilizados numa intervenção iniciativa ou reativa, que podem também ser usados como forma de “ganhar tempo” para formular o enunciado. Exemplos de tal são ‘*bien*’ e ‘*bueno*’. Os *marcadores de progressão* “marcam a continuidade da conversa e explicam o processo de negociação” (2020: 213). Nestes marcadores estão incluídos os diversos tipos de marcadores de reformulação, como, reformuladores argumentativos, explicativos e

resumidores. Exemplos deste tipo de marcador são ‘*o sea*’, ‘*quiero decir*’ e ‘*bueno*’. Finalmente, os *marcadores de finalização* são marcadores que terminam a interação, alguns exemplos são, ‘*en fin*’, ‘*em suma*’, ‘*bueno*’. Como é possível observar, o marcador ‘*bueno*’ surge em todas as subcategorias de marcadores de controlo de mensagem. Isto acontece, pois, a divisão do grupo não é restrita. Como um marcador pode ter funcionalidades diferentes, dependendo do contexto em que se encontra, pode pertencer a uma ou mais subcategorias. Relativamente aos *marcadores de controlo do contacto*, Briz esclarece que estes funcionam a nível interpessoal, demonstrando a relação entre os interlocutores, tendo as funções expressivo-apelativa e fática. Explica que podem adquirir diferentes cargos como chamadas de atenção, reafirmação ou justificação, com o intuito de gerir a interação:

Estos marcadores controlan el contacto, unas veces implicando activamente al interlocutor para que participe, de modo que son actos interactivos, evidencias del acto ilocutivo (implícito) que permiten la alternancia de turno; otras, sin tal implicación, son más bien refuerzos de lo dicho por el hablante, refuerzos de su argumentación. (Briz, 2020: 227)

Relativamente à língua portuguesa, apresentamos duas tipologias diferentes, a de Castilho (2002) e a de Marcuschi (1986, apud Lourenço, 2014). Castilho divide os MDI tendo em conta duas funções específicas (2002: 48-49), a função interpessoal e a função ideacional. Os *marcadores de função interpessoal* relacionam-se com a organização da interação, ou seja, estes marcadores monitoram a conversa, refletindo-se na intenção de iniciar o discurso, pedir a colaboração do outro interlocutor ou demonstrar o desejo de prosseguir com a conversa. Enquanto que os *marcadores de função ideacional* dizem respeito à escolha do assunto e desenvolvimento da interação, logo, iniciam tópicos, subdividem esses tópicos e demonstram que tópicos irão sequenciar a conversa.

Finalmente, a quarta e última tipologia que apresentamos é a de Marcuschi (1986, apud Lourenço, 2014), que é diferente de todas as tipologias apresentadas, incluindo as dos MD. O investigador começa por dividir os MDI em: *verbais*, *não verbais* e *suprasegmentais*. Os marcadores *não verbais* correspondem a olhares ou gesticulações, já os marcadores *suprasegmentais* dizem respeito às pausas e ao tom de voz. Os marcadores verbais têm uma ocorrência alta e são divididos entre marcadores do falante e marcadores do ouvinte (Marcuschi, 1986, apud Lourenço, 2014: 102), divisão que vai ao encontro de Castilho (1999: 93). Então, Marcuschi sistematiza a sua tipologia da seguinte forma: *marcadores simples*, formados por apenas uma palavra; *marcadores compostos*, estes possuem carácter sintagmático; *marcadores oracionais*, realizam-se em pequenas orações, podendo apresentar-se em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais; e *marcadores prosódicos*, realizados com

recursos prosódicos tais como entoação, pausa, hesitação, tom de voz etc (Marcuschi, 1986, apud Lourenço, 2014: 103).

2.3. Algumas funções estudadas dos MDI

Ao longo desta dissertação, reiteramos que o caráter complexo da categoria dos MD provém de uma das suas principais características, a polifuncionalidade. Esta polifuncionalidade já foi demonstrada através de todas as tipologias expostas, assim como, será retomada na análise qualitativa desta dissertação. Porém, nesta secção centramo-nos em algumas dessas diversas funções que a categoria possui, em específico, funções estudadas no contexto interacional, ou seja, próprias dos MDI. Para tal, apresentamos estudos de Macário Lopes (1996, 2013) e Marques (2023, 2021) que estudaram algumas funções que os MDI podem adquirir. Estes estudos demonstram, sobretudo, a relação entre os MDI e a modalidade, característica salientada por Martín Zorraquino e Portolés (1999) na sua tipologia.

Macário Lopes menciona Roulet *et al*/(1985) para explicar que os marcadores interacionais são exclusivos da oralidade, influenciando o discurso do falante, mas não o conteúdo proposicional desse discurso, logo serviriam como uma marca de pontuação (1996: 185). No estudo dos marcadores debruça-se sobre diversos elementos, como ‘então’ (1996) e ‘claro’ (2013).

Relativamente a ‘então’, explica que pode enquadrar-se tanto numa intervenção iniciativa como reativa. Considera que a expressão, apesar de possuir um valor anafórico conectado sempre com uma informação prévia, desempenhava funções diferentes dependendo de como é utilizada:

no início de uma intervenção [...] como marcador/introductor de constituinte discursivo iniciativo ou reativo [...]; precedido pela conjunção ‘e’ (*‘e então’*), como forma de retomar o discurso que terá sido interrompido por um comentário parentético [...] ou como mero operador discursivo de ligação [...] normalmente, de índole narrativa [...]; precedido pela conjunção ‘ou’ (*‘ou então’*), como mero reforço [...]; articulado com uma estrutura sintáctica de marcação de foco, com uma função de reforço textual da proeminência informativa de um determinado constituinte, por vezes em contexto contrastivo [...]. (Lopes, 1996: 186).

No que respeita a ‘claro’ (Macário Lopes, 2013), um dos valores assumidos é o de resposta enfática, ou seja, o falante irá intensificar ou reforçar a sua fala, o que irá contribuir para o valor epistémico do enunciado. ‘Claro’ pode ser utilizado sozinho, no entanto, coocorre também com os advérbios ‘sim’, em ‘claro que sim’, e ‘não’, em ‘claro que não’. Dependendo da versão utilizada, a ênfase dada na fala pode

ser positiva ou negativa. Deste modo, Macário Lopes classifica este valor como podendo ser uma intervenção reativa. Um outro valor assumido é como marcador fático. O exemplo que a autora dá mostra que ‘claro’ é utilizado por parte do falante para demonstrar a sua atenção perante o que o locutor diz. Os outros valores apresentados por Macário Lopes são valores que dizem respeito a ocorrências dentro do enunciado do locutor. ‘Claro’ apresenta-se tanto como um modalizador epistémico, mostrando o compromisso do falante relativamente ao enunciado, como um marcador de movimento concessivo. Neste caso, ‘claro’ é acompanhado da preposição ‘que’, servindo como um atenuador e a expressão pode também servir como um reforço epistémico.

Por sua vez, Marques (2023) centra o seu estudo no marcador ‘tipo’, que, para além da sua função como marcador, também apresenta as funções como sinónimo de *homem* e categorizador. Relativamente à sua função como marcador, Marques mostra que ‘tipo’ pode ser utilizado como marcador de citação, servindo como introdução a um discurso direto relatado. Característica também encontrada no marcador ‘olha’ (Marques, 2015: 105), por exemplo:

(42) e o meu pai ((hesitação)) disse: - **Olha**, a avó tem um cãozinho.

Quando um falante faz uso desse marcador como iniciador do discurso direto, o que é proferido não é uma enunciação literal do enunciado passado, e sim uma aproximação criada do ponto de vista do falante, tendo em conta o que lembra de ouvir e o que quer enfatizar (Marques, 2023: 397). Assim como quando é iniciador do discurso direto, ‘tipo’ também vai atuar como aproximador ao nível da categorização. Quando utilizado a este nível, ‘tipo’ pode ser substituído pela expressão “algo do género”, logo, o enunciado seguinte ao ‘tipo’ não irá corresponder fielmente com a realidade relatada, mas apenas fazer uma aproximação da mesma. Assim como Macário Lopes, Marques também menciona a função epistémica, já que ‘tipo’ pode ocorrer em situações de mitigação como forma de atenuar o que irá ser enunciado. Uma outra função do marcador é de servir como uma bordão linguístico. Bengalas linguísticas, ou *fillers*, são expressões utilizadas para preencher pausas silenciosa nos enunciados (Macário Lopes e Rodrigues, 2013), oferecendo ao locutor mais tempo para escolher como irá construir o enunciado seguinte, característica também presente na tipologia de Castilho (1989).

Marques também estudou o marcador ‘pronto’ (2021), que afirma ser um marcador característico do registo oral informal e que tem como principal função estruturar o discurso. Apresenta-o tanto como sendo um marcador de concordância como um marcador de desacordo. Utilizando o *corpus* PSFB, exemplifica que o MDI adquire um valor de concordância como reação catafórica ao enunciado passado. Esse valor também ocorre quando o marcador é utilizado de forma a mostrar o desejo pela concordância,

ou seja, o locutor faz uso de ‘pronto’ para tentar convencer o alocutário a concordar com o que diz, transformando, dessa maneira, o conhecimento enciclopédico do locutor num conhecimento compartilhado entre os interlocutores (2021: 212-214). Relativamente a ‘pronto’ em contextos de desacordo, afirma que quando utilizado “instaura uma relação de solidariedade entre os participantes, expressando procura de acordo, acordo, cedência, resignação” (2021: 214). Isto é, ‘pronto’, nesse contexto, demonstra que o falante ouviu a opinião do ouvinte, considerou-a, mas continua de alguma maneira a não concordar com a mesma.

2.4. Dissertações sobre os MDI

Apresentamos agora algumas dissertações de mestrado e doutoramento cujos temas se debruçam sobre os discursos orais. Algumas centram-se nos próprios marcadores discursivos interacionais, enquanto que outras mencionam a categoria como uma ferramenta para a interação. Na sua totalidade, as dissertações apresentam quatro contextos: interação na sala de aula; falantes de português como língua estrangeira; MD do português e do alemão; e interação virtual.

Relativamente às dissertações de contexto de interação em sala de aula mencionamos: *As Práticas Discursivas nas Interações Verbais em Contexto Pedagógico* (2017), dissertação de doutoramento de Célia Barbeiro, pela Universidade Aberta; *Estruturadores do discurso oral na aula de Português em Moçambique* (2010), dissertação de doutoramento de Nobre Roque dos Santos, pela Universidade de Aveiro; *Marcadores Conversacionais como Elementos Constitutivos da Interação em Sala de Aula* (2017), dissertação de mestrado de Emilianne Souza, pela Universidade Católica de São Paulo. As três teses concluíram, na sua generalidade, que o uso dos marcadores é fundamental neste contexto, pois ajudam nos processos inferenciais e interpretativos (Barbeiro, 2017), desempenham funções ligadas à estruturação textual-interativa (Santos, 2010) e auxiliam na organização da fala do professor para explicar o tema da aula (Souza, 2017).

Para as dissertações de falantes de português como língua estrangeira citamos: *Marcadores Conversacionais na Interlíngua de Aprendizizes de Espanhol no Brasil* (2007), dissertação de doutoramento de Eliane Gonçalves, pela Universidade de São Paulo; *Marcadores Discursivos e Desenvolvimento da Competência Oral em Português Língua Não Materna: um estudo de caso no nível A2* (2020), dissertação de mestrado de Catarina Barreiros, pela Universidade do Porto; e *Os Marcadores Conversacionais no ensino de Português Língua Estrangeira: um estudo de caso* (2012), dissertação de mestrado de Ana Alves, pela Universidade do Porto. Gonçalves (2007) concluiu que os alunos criam

estratégias comuns e apresentam padrões no desencadeamento do uso dos marcadores. Por sua vez, Barreiros (2020) e Alves (2012) apresentam conclusões similares, o ensino dos marcadores discursivos interacionais não se encontra completamente consolidado, devido à multifuncionalidade dos mesmos, que, conseqüentemente, gera dificuldades para ensinar todos os diferentes usos.

Finalmente, para os outros dois contextos, MD do português e do alemão e interação virtual, apresentamos apenas uma dissertação para cada. Sobre o estudo contrastivos, a dissertação de mestrado apresentada intitula-se *Marcadores Interacionais e Modalizadores do Português e do Alemão Falados* (1997), de José Simões, pela Universidade de São Paulo. As conclusões de Simões vão ao encontro das características já elencadas dos MDI. Referente ao contexto de interação virtual, a dissertação de mestrado denomina-se *Os Marcadores Conversacionais no WhatsApp: análise da conversação virtual* (2021), de Ana Costa, pela Universidade Federal do Ceará. Assim como Simões (1997), as conclusões de Costa evidenciam as características mencionadas dos MDI, e conclui também que a utilização virtual da categoria enfatiza a intencionalidade da utilização da mesma.

3. Reflexão sobre a categoria

Com o intuito de concluir este capítulo relativo aos marcadores discursivos e aos marcadores discursivos interacionais, refletimos sobre alguns pontos que sentimos a necessidade de desenvolver. Para tal, relembremos as palavras de Marques (2021) sobre a multifuncionalidade dos MD. Esta torna desfavorável o desenvolvimento de uma tipologia global e consensual. Além disso, a volatilidade e espontaneidade dos discursos orais agrega a essa dificuldade de organizar as subcategorias dos MD e, conseqüentemente, dos MDI. Posto isto, das tipologias apresentadas, para os MD e os MDI, existem pontos de convergência entre as mesmas.

Assim sendo, relativamente às tipologias dos MD, apesar de diferentes, é possível afirmar que as tipologias de Fraser (1996, 1999, 2009a, 2009b), Adam (2008) e Martín Zorraquino e Portolés (1999) convergem para um ponto de vista mais textual, ou seja, possuem um caráter mais discursivo. Daí a importância da distinção de Van Dijk (1979) e Briz (2020) entre conectores semânticos e conectores pragmáticos. Este segundo tipo de tipologia evidencia a natureza oral dos marcadores, pois concentram-se nas funções interpretativas e pragmáticas dos falantes. Os marcadores que se intitulam de conectores semânticos são os marcadores que também atuam como conjunções, ou seja, têm a função de organizar e estruturar o texto. Portanto, esta distinção remonta à separação entre a linguagem escrita e a linguagem

oral. Os conectores semânticos relacionam-se, maioritariamente, com a escrita, que, como já referimos, continua a ser privilegiada em comparação com a oralidade. Além disso, a disparidade entre os dois tipos de conectores relaciona-se com a dificuldade de estudar a oralidade, pois existe a necessidade de constituir *corpora*, realizando as gravações e transcrições do discurso e encontrar voluntários para as gravações. Posto isto, e visto que os conectores pragmáticos, apesar de não serem independentes do discurso escrito, têm a tendência de apresentar um carácter mais oral, estes estão intrinsecamente relacionados com os falantes. Como Candón Sánchez (1999: 151) explica “(...) una de las funciones de los conectores [pragmáticos] consiste en facilitar las inferencias que se desean comunicar.”. Porém, é necessário esclarecer que um marcador, ou conector neste caso, não é considerado semântico apenas por também possuir a função de conjunção. Exemplo de tal, são os estudos de ‘*and*’ de Van Dijk (1979) e Schiffrin (1987), ambos apresentam os usos pragmáticos do marcador. Marcadores que também funcionam como conjunções são não só exemplos da multifuncionalidade da categoria como da falta de delimitação entre estes elementos. Daí os marcadores serem considerados uma categoria discursiva heterogénea.

Quanto às tipologias dos MDI, nota-se, como já mencionado, um dissenso entre as mesmas. Por exemplo, a de Martín Zorraquino e Portolés (1999) é a única que menciona a importância da modalidade nesta categoria. Porém, é possível encontrar tipologias consensuais, como, Castilho (2002) e Briz (2020). Estas tipologias são idênticas. Apesar de utilizarem denominações diferentes, os investigadores apresentam dois grandes grupos de MDI. O primeiro encarrega-se da organização do discurso em si, ao passo que, o segundo concerne à interação dos interlocutores.

Por fim, tendo em consideração tudo o que foi apresentado até agora, propomos considerar uma definição de marcadores discursivos que engloba as suas subcategorias e, consequentemente, as suas principais funções. Os marcadores discursivos são, assim, uma categoria discursiva heterogénea, dependente do contexto, sem funções sintáticas ao nível da oração, com a principal função *discursiva* de ligar unidades de fala com o intuito de construir a organização do discurso e, consequentemente, a interação social.

Capítulo III. Análise do *Corpus*

Dividido em dois subcapítulos, neste capítulo apresentamos as análises que realizamos do nosso *corpus*. Primeiro, realizamos uma abordagem quantitativa dos dados. Analisamos o número de entrevistas onde os MDI ‘ora bem’ e ‘olha’ ocorrem, assim como, o número de ocorrências totais dos mesmos. Esta análise foi feita em função das variáveis sociolinguísticas, sexo, idade e escolaridade e das posições, inicial, medial ou final, em que os MDI podem ocorrer num enunciado. Apresentamos também a média aritmética das ocorrências de cada MDI tendo em conta as variáveis sociolinguísticas. De seguida, fazemos a sua análise qualitativa. Nesta, analisamos excertos nos quais ocorrem. Identificamos sete funções que estes MDI podem realizar.

1. Análise quantitativa

Neste subcapítulo, procedemos à análise quantitativa dos marcadores discursivos interacionais que escolhemos, ‘ora bem’ e ‘olha’, que consideramos apresentar duas formas, ‘olha’ e ‘olhe’. De forma a distinguir o marcador da forma verbal, sublinhamos que “o MDI ‘olha’” se relaciona com as ocorrências deste marcador na sua totalidade, ou seja, as formas ‘olha’ e ‘olhe’. Por sua vez, quando referimos “a forma ‘olha’” apenas consideramos esta forma, excluindo completamente os dados referentes à forma ‘olhe’.

Esta análise foi organizada em função das variáveis sociolinguísticas, sexo, idade e escolaridade. Variáveis em que o *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* também se encontra estratificado. A análise foi realizada com recurso a processos básicos de quantificação. Apesar de ser uma abordagem simples em termos estatísticos, consideramos que é pertinente para a análise que fazemos. Tivemos ainda em consideração as ocorrências dos MDI na unidade interacional turno. Apresentamos, por isso, dois tipos de dados distintos, o número de entrevistas em que os MDI ocorrem e o número total de ocorrências dos MDI nas entrevistas. O nosso principal objetivo com esta distinção entre os dois tipos de dados é compará-los de maneira a descobrir se existe convergência entre o número de entrevistas e o número de ocorrências. Por exemplo, se o marcador ‘ora bem’ ocorrer em mais entrevistas femininas, deverá também apresentar um maior número de ocorrências na fala feminina.

De maneira a expor visualmente esta distinção, apresentamos gráficos com a frequência relativa percentual dos dados em análise³, isto permite-nos mostrar se existe um padrão relativamente aos dados. Após apresentar as frequências relativas percentuais do número de entrevistas em que o MDI ocorre e do número de ocorrências total nas entrevistas, verificamos se os valores apresentam o mesmo padrão. Isto é, utilizando o exemplo acima dado, verificamos se ambas as frequências relativas percentuais apresentam o sexo feminino como tendo os maiores valores.

Elaboramos também gráficos para as variáveis sociolinguísticas. Estes gráficos apresentam a média aritmética⁴ dos valores obtidos de cada MDI. Este cálculo permite descobrir se a média de ocorrências por entrevista do MDI corrobora os dados relativos ao número de entrevistas e ao número de ocorrências. Os gráficos tanto apresentam as médias aritméticas relativas aos valores totais, ou seja, o número total de ocorrências a dividir pelo número total de entrevistas, como os valores individuais de cada categoria, ou seja, se a categoria for o sexo masculino, então, a média será o número de ocorrências realizadas pelo sexo masculino a dividir pelo número de entrevistas masculinas.

A tabela 7 apresenta o número de entrevistas em que ocorrem os MDI em análise. Como é possível observar, tendo em conta as 80 entrevistas que constituem o PSFB, 'ora bem' ocorre em 38 entrevistas, a forma 'olha' em 65 e a forma 'olhe' em 57, num total de 74 entrevistas.

Tabela 7 - Número de entrevistas em que ocorrem os MDI, 'ora bem' e 'olha', isoladamente e na sua totalidade.

Ora bem	Olha	Olhe
38/80	65/80	57/80
	74/80	

Por uma questão metodológica, analisamos os marcadores individualmente no que respeita às variáveis sociolinguísticas e em conjunto no que concerne à posição no enunciado, pois a posição no enunciado

³ A frequência relativa percentual de cada marcador, e consequentemente de cada categoria pertencente às variáveis, calcula-se fazendo a divisão entre o valor em análise e o valor total, de seguida, multiplica-se o valor por 100, para adquirir o valor percentual. Por exemplo, se um marcador ocorrer em 4 entrevistas do sexo masculino e possuir um valor total de 10 entrevistas, a sua frequência relativa percentual é 40% de entrevistas masculinas em que o marcador ocorre em 60% de entrevistas femininas. É necessário esclarecer que estas frequências relativas percentuais foram calculadas pelo programa *Excel*, e, por isso, os resultados obtidos podem ser influenciados pelo arredondamento das casas decimais que o programa faz.

⁴ A média aritmética calcula-se dividindo o número de ocorrências pelo número de entrevistas, calculando, em média, o número de ocorrências por entrevista. Dando de novo uso ao exemplo anterior, se um marcador apresentar 10 ocorrências em 4 entrevistas masculinas, a média aritmética é de 2,5 ocorrências por entrevista.

só pode ser analisada tendo em consideração apenas o número de ocorrências. A diminuição da quantidade de dados torna propícia a análise em conjunto. O número de entrevistas em que cada marcador ocorre não é pertinente para a análise da posição no enunciado, já que, uma única entrevista, possui, na maior parte das vezes, mais que uma ocorrência, o que gera a possibilidade de essas ocorrências apresentarem posições diferentes no enunciado.

Também é necessário reiterar o que expusemos na secção 3.1 do Capítulo I. sobre os dados relativos às diferentes variáveis. Lembramos, por exemplo, que os dados obtidos para a variável sexo não são homogêneos, com totais de entrevistas diferentes (37 entrevistas masculinas e 43 entrevistas femininas). Existe, assim, a possibilidade de, quando os números de entrevistas forem próximos, essa discrepância manipular os resultados. Estamos cientes da situação, contudo, considerámos que são recursos válidos para o nosso propósito de responder às perguntas de investigação. Passamos agora para a análise em função de cada variável.

1.1. Variável sexo

Na secção 3.3. do Capítulo I, expusemos a nossa hipótese relativamente a esta variável. Relembramos que, como Lakoff (1973) mostra, o discurso das mulheres é caracterizado por ser menos direto e mais atenuador que o discurso masculino. Por esse motivo, tendo em atenção a função atenuadora dos MD e outros estudos realizados pertinentes a esta variável (Laserna et al., 2014; Freitag et al., 2017), colocamos a hipótese de que o sexo feminino utilize mais os marcadores aqui em análise.

A ordem escolhida para a análise da variável foi em primeiro o MDI 'ora bem' e depois o MDI 'olha', começando por distinguir os valores de cada uma das formas e terminando por analisar também este marcador na sua totalidade. Logo, a tabela 8 apresenta o número de entrevistas em que 'ora bem' ocorre e o número de ocorrências do MDI relativamente à variável aqui em análise.

Tabela 8 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI 'ora bem' em função da variável sexo.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
Homens	16	76
Mulheres	22	81
Total	38	157

Como é possível observar na tabela 8, o marcador 'ora bem' apresenta na sua totalidade 157 ocorrências em 38 entrevistas. Distribui-se em 16 entrevistas masculinas com 76 ocorrências e em 22 entrevistas femininas com 81 ocorrências. Logo, existe uma diferença de 5 ocorrências e 6 entrevistas a mais para o sexo feminino em comparação com o sexo masculino. Portanto, numa contagem simples, estes valores classificam o sexo feminino como o maior utilizador do MDI.

Os gráficos 1 e 2 sintetizam, percentualmente, a nossa análise. Os valores dos dados de ambos os gráficos foram obtidos calculando a frequência relativa dos dados apresentados na tabela anterior, 8.

Gráfico 1 – Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'ora bem' na variável sexo.

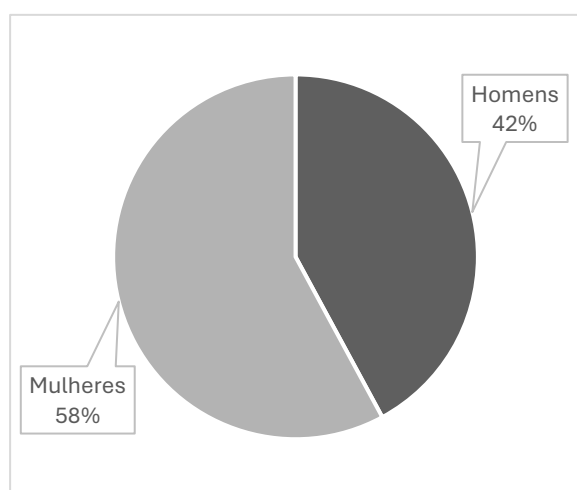
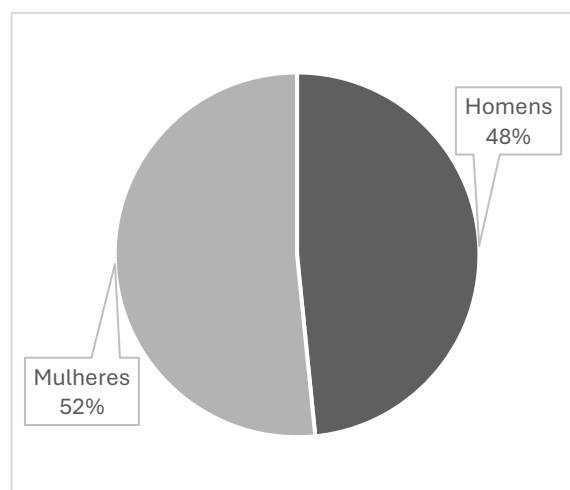


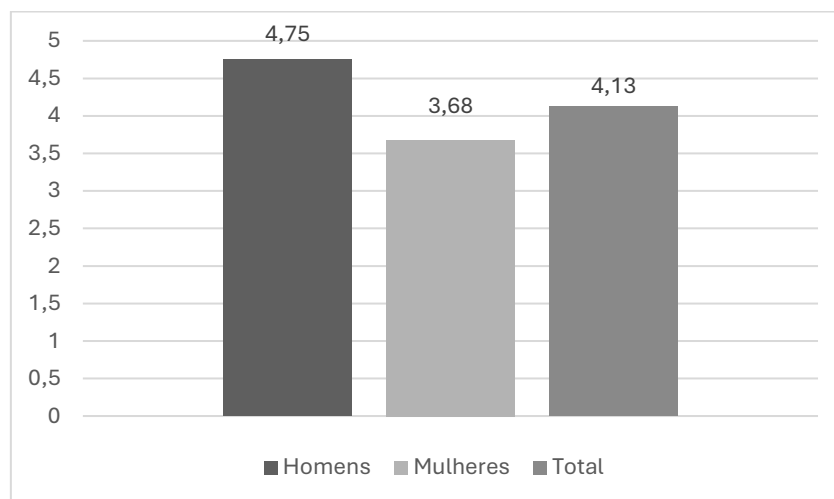
Gráfico 2 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'ora bem' na variável sexo.



Relativamente aos valores percentuais do MDI, no gráfico 1, as percentagens do número de entrevistas são distantes entre si, com uma diferença de 16% relativamente aos valores totais. Destes valores totais, 42% são relativos a entrevistas do sexo masculino e 58% a entrevistas femininas. Contudo, o gráfico 2 apresenta valores diversos. Como mostrado, 'ora bem' ocorre, na totalidade, 157 vezes. O número de ocorrências por falantes masculinos representa 48% dessa totalidade, ou seja, 76 ocorrências. E, o número de ocorrências do MDI em entrevistas femininas representa os restantes 52%, com 81 ocorrências. Portanto, observa-se que, apesar de apresentarem dados distintos, os gráficos 1 e 2 apresentam o mesmo padrão, ou seja, em ambos, o sexo feminino é o que apresenta os maiores valores percentuais de número de entrevistas e número de ocorrências.

Contudo, a média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'ora bem' mostra novos valores globais. O gráfico 3 apresenta essa média relativamente aos dois sexos, homens e mulheres, e a média de ocorrências por entrevista na sua totalidade.

Gráfico 3 - Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'ora bem' na variável sexo.



Como é possível observar no gráfico 3, o MDI 'ora bem' apresenta uma média aritmética do número de ocorrências total de 4,13 ocorrências por entrevista. Analisando o gráfico, também é possível concluir que o valor do número de ocorrências por entrevista que distingue ambos os sexos é de apenas uma ocorrência por entrevista, aproximadamente. Ou seja, o sexo masculino apresenta uma média aritmética de 4,75 ocorrências por entrevista, enquanto que o sexo feminino exibe uma média de 3,68 ocorrências em cada uma entrevista. Portanto, os dados da média aritmética identificam o sexo masculino como sendo o sexo com o maior número de ocorrências por entrevista. A discrepância entre estes valores e os valores anteriormente referidos de entrevistas (16 e 22) e ocorrências (76 e 81), na sua totalidade, relaciona-se com os totais diversos de entrevistas masculinas e entrevistas femininas.

Considerando agora o MDI 'olha', como já explicado, apesar de constituírem um único marcador, no contexto desta dissertação, as formas são também analisadas individualmente. Começamos, por isso, por prestar atenção aos dados relativos à forma 'olha', apresentados na tabela 9.

Tabela 9 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olha' em função da variável sexo.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
Homens	29	115
Mulheres	36	356
Total	65	471

Como é possível observar, a forma 'olha' apresenta, na sua totalidade, 471 ocorrências em 65 entrevistas. No que respeita ao número de entrevistas, há uma diferença de 7 entrevistas, sendo o maior número de entrevistas femininas. A forma 'olha' ocorre em 36 entrevistas femininas e 29 entrevistas masculinas. No entanto, no que concerne o número de ocorrências, a disparidade entre os valores é bem acentuada. As mulheres apresentam 356 ocorrências e o sexo masculino apresenta 115 ocorrências. Estes valores mostram que o número de ocorrências da forma 'olha' em entrevistas femininas é o triplo do número de ocorrências na fala masculina.

Assim, como realizado para o MDI 'ora bem', os gráficos 4 e 5 apresentam as frequências relativas percentuais do número de entrevistas e do número de ocorrências da forma 'olha', respetivamente, expostos na tabela 9.

Gráfico 4 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma 'olha' na variável sexo.

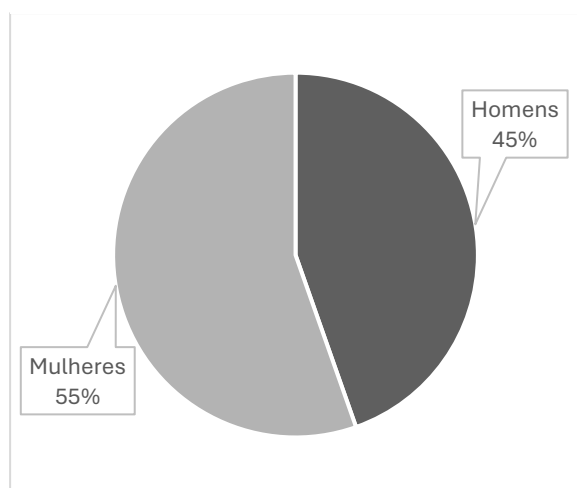
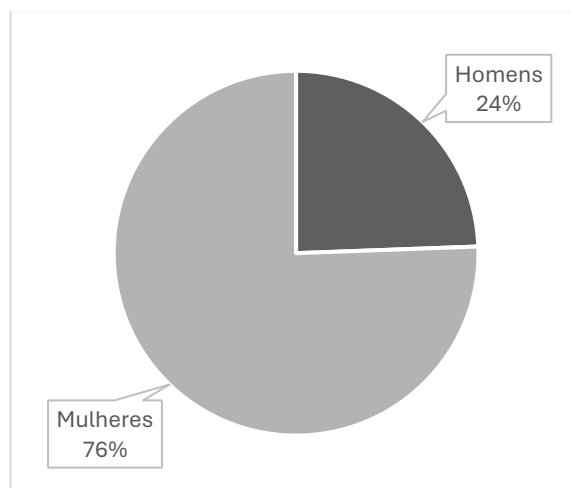


Gráfico 5 - Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma 'olha' na variável sexo.

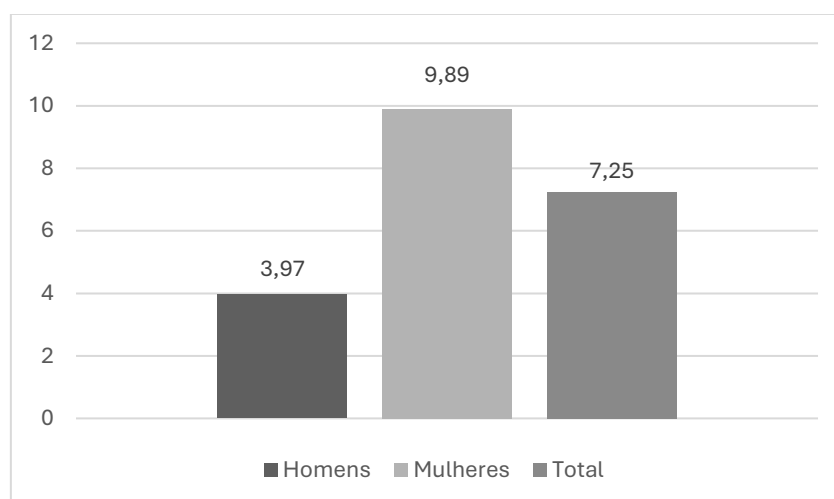


Como se pode notar, dos dois gráficos, o gráfico 4 é o que apresenta os valores mais equilibrados, com uma diferença de valores de 10% entre si. As percentagens deste gráfico são de 45% de entrevistas

masculinas e 55% de entrevistas femininas. Esta diferença de valores é mais notória no gráfico 5, que apresenta uma diferença de 52% entre os valores percentuais dos dois sexos. O sexo feminino representa 76% das ocorrências totais de 'olha', o que significa que os restantes 24% são representados pelo sexo masculino. Essa diferença de 52% é representada pelo facto de que, como dissemos, o número de ocorrências de 'olha' em entrevistas femininas, 356, ser três vezes superior ao número de ocorrências em entrevistas masculinas, 115. Portanto, nota-se que os dois gráficos mantêm o padrão, em ambos os gráficos as mulheres são o grupo que apresenta os maiores valores de número de entrevistas e de número de ocorrências.

Relativamente à média aritmética desta forma, a média converge com os valores dos dados acima referidos, o número de entrevistas e o número de ocorrências. Então, o gráfico 6 mostra a média aritmética da utilização desta forma, 'olha', pelos dois sexos e a média do número de ocorrências total.

Gráfico 6 - Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma 'olha' na variável sexo.



A forma 'olha' apresenta uma média aritmética de 7,25 ocorrências por entrevista relativamente aos seus valores totais. Como é possível observar no gráfico 6, a forma 'olha' ocorre 9,89 vezes por entrevista na fala feminina, ao passo que o sexo masculino apresenta apenas 3,97 ocorrências por entrevista. O que faz com que haja uma diferença de, aproximadamente, 6 ocorrências por entrevista, a mais, do sexo feminino. Logo, podemos afirmar que todos os dados relativos à forma 'olha' (número de entrevistas, número de ocorrências e média aritmética) identificam o sexo feminino como o maior utilizador da forma 'olha'.

Concentramo-nos agora na forma 'olhe'. A tabela 10 apresenta os dados obtidos desta forma relativamente ao número de entrevistas e ao número de ocorrências.

Tabela 10 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olhe' em função da variável sexo.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
Homens	23	254
Mulheres	34	698
Total	57	952

Ao analisar a tabela 10, nota-se que 'olhe' apresenta uma diferença de 9 entrevistas entre os dois sexos. Totalizando 57 entrevistas, estas dividem-se em 34 entrevistas femininas e 23 entrevistas masculinas. Essa diferença entre os dados de cada categoria é salientada quando se considera os valores dos números de ocorrências. As mulheres destacam-se como sendo o sexo que utiliza mais 'olhe', com 698 ocorrências nas entrevistas, já os homens apresentam 254 ocorrências da forma. A junção destes valores contabiliza o número de ocorrências total de 952.

Os gráficos 7 e 8 apresentam as frequências relativas dos dados mencionados acima. Os gráficos correspondem aos valores expostos na tabela 10.

Gráfico 7 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma 'olhe' na variável sexo.

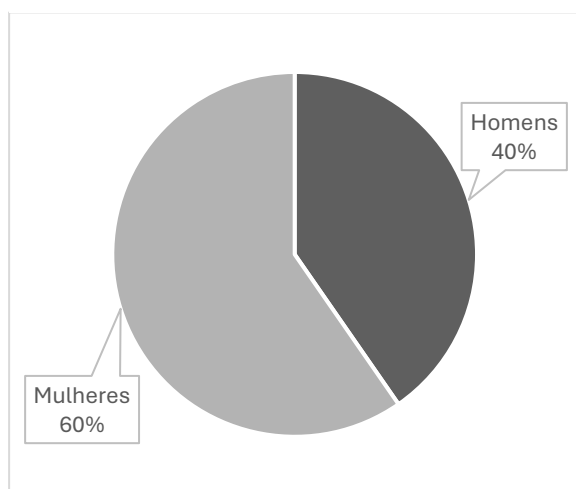
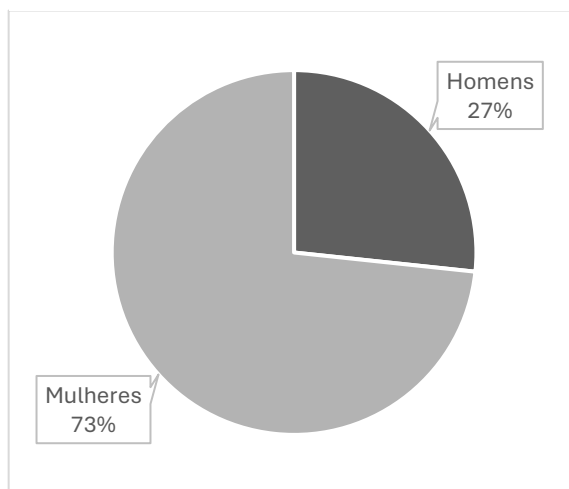


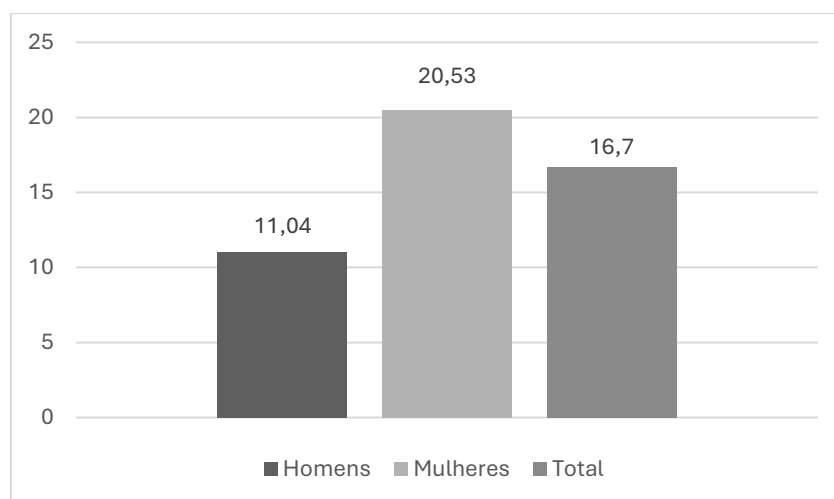
Gráfico 8 - Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma 'olhe' na variável sexo.



Ao analisar globalmente os dados dos dois gráficos, percebe-se uma preferência do sexo feminino relativamente a esta forma. O gráfico 7 apresenta uma divisão de 60% de entrevistas femininas e 40% de entrevistas masculinas. No caso do gráfico 8, estes valores sofrem uma grande alteração. O número de ocorrências de 'olhe' em entrevistas de mulheres, 698, traduz-se para 73% das ocorrências totais, registando os restantes 27% como a frequência relativa do número de ocorrências em entrevistas masculinas, 254.

Quanto à média aritmética, esta coincide com o número de entrevistas e o número de ocorrências, como é possível observar no gráfico 9.

Gráfico 9 - Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma 'olhe' na variável sexo.



Ao calcular as médias aritméticas da forma 'olhe' descobre-se que esta apresenta uma média dos seus valores totais de 16,7 ocorrências por entrevista. Quanto às duas categorias, estas apresentam uma diferença de valores significativa. Esta é de, aproximadamente, 11 ocorrências por entrevista. O sexo feminino possui uma média de 20,5 ocorrências por entrevista, ao passo que, o sexo masculino apresenta uma média de 11 ocorrências por entrevistas. Portanto, todos os dados relativos a esta forma, 'olhe', mostram o sexo feminino como o maior utilizador da mesma.

Apresentamos agora uma análise do MDI 'olha' na sua totalidade, conjugando os valores das formas 'olha' e 'olhe'. A tabela 11 apresenta os valores de cada categoria da variável sexo, como também os valores totais, relativamente ao número de entrevistas e ao número de ocorrências.

Tabela 11 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI 'olha' em função da variável sexo.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
Homens	33	369
Mulheres	41	1054
Total	74	1423

Ao analisar primeiro o número de entrevistas do MDI 'olha', nota-se que apresenta a sua ocorrência em maior parte das entrevistas, sendo a sua totalidade 74. Relembramos que o PSFB possui 80 entrevistas, logo, este marcador está ausente de apenas 6 entrevistas do *corpus*. Dessa totalidade, 41 entrevistas são femininas, ou seja, 8 entrevistas a mais que as do sexo masculino, que apresenta o número de 33 entrevistas. Assim como o número de entrevistas, o sexo feminino também lidera os valores para o número de ocorrências com 1054. Por sua vez, o número de ocorrências na fala masculina é consideravelmente mais pequeno, com 369. Logo, o número de ocorrências do MDI na fala feminina é, aproximadamente, o triplo do número de ocorrências na fala masculina. Estes valores totalizam 1423 ocorrências do MDI 'olha' nas entrevistas.

Os gráficos 10 e 11 apresentam os valores expostos na tabela 11 transformados em valores percentuais para possibilitar uma melhor visualização dos mesmos. Logo, os valores dos gráficos 10 e 11 representam as frequências relativas do número de entrevistas e do número de ocorrências, respectivamente.

Gráfico 10 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'olha' na variável sexo.

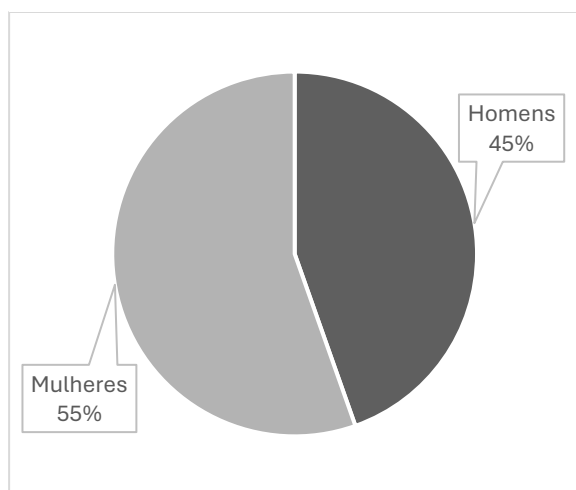
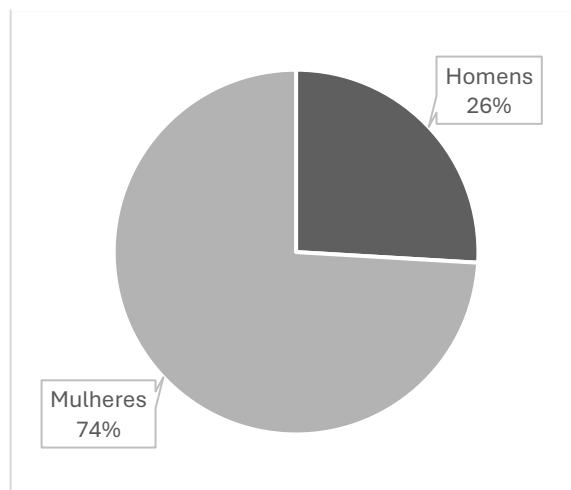


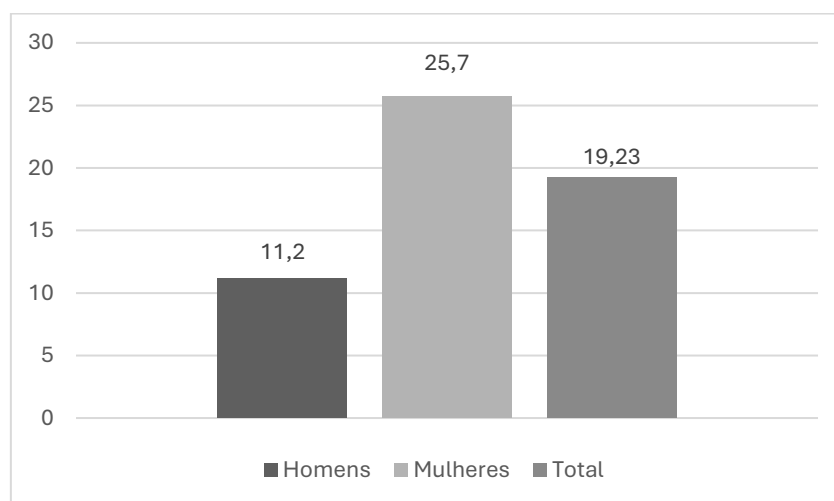
Gráfico 11 - Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'olha' na variável sexo.



Entre os gráficos 10 e 11, nota-se que o gráfico 10 apresenta valores mais equilibrados entre as categorias de sexo. Neste gráfico, o sexo feminino é responsável por 55% do número de entrevistas do MDI 'olha' e o sexo masculino como sendo representado pelos restantes 45%. Já o gráfico 11 representa o predomínio dos valores do sexo feminino expostos nos dados da tabela 21, predomínio que se relaciona com a grande diferença entre os valores de ambos os sexos na tabela 11. O gráfico 11 mostra o grupo feminino como o responsável por, aproximadamente, três quartos do número total de ocorrências, com uma percentagem de 74% e o grupo masculino como o representante de 26% do número de ocorrências. A diferença percentual de 48% entre ocorrências de entrevistas do sexo feminino e do sexo masculino reflete a diferença de ocorrências do MDI, que é 685.

Relativamente à média aritmética do MDI 'olha', esta converge com os dados apresentados acima. O gráfico 12 mostra essa convergência a partir das médias aritméticas do número de ocorrências por entrevista.

Gráfico 12 - Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'olha' na variável sexo.



Ao analisar o gráfico 12, observa-se que o MDI apresenta uma média de 19,23 ocorrências por entrevista relativamente aos seus valores totais. Quanto às médias a respeito dos dois sexos, estas refletem os valores apresentados na tabela 11. As mulheres apresentam uma média de 25,7 ocorrências por entrevista, ao passo que o sexo masculino apresenta 11,2 ocorrências por entrevista. Apresenta, então, aproximadamente, uma diferença de 15 ocorrências por entrevista. Logo, o número de entrevistas, o

número de ocorrências e as médias aritméticas dos MDI 'olha' apresentam o sexo feminino como o maior utilizador este MDI.

1.2. Variável idade

Anteriormente propusemos que as faixas etárias mais jovens teriam tendência a utilizar mais MDI. Construímos essa hipótese apoiando-nos na utilização de marcadores como 'tipo' e 'like', muito presentes nos discursos mais jovens (Souza et al., 2019; Tagliamonte, 2005). Portanto, esperamos que o mesmo seja refletido nos dados de outros MDI, nomeadamente, os analisados nesta dissertação. Contudo, relembramos que as faixas etárias apresentam idades mínimas e máximas bem distintas, especialmente, as primeira e segunda faixas etárias.

Relembramos que a distribuição do número total de entrevistas da variável idade diverge entre si. Na sua totalidade, os números de entrevistas são os seguintes: a faixa 1 tem 18 entrevistas, a faixa 2 tem 20 entrevistas, a faixa 3 tem 22 entrevistas e a faixa 4 tem 20 entrevistas.

Tendo em consideração a hipótese que propusemos, analisamos agora os MDI, 'ora bem' e 'olha', à luz da variável idade. Para tal, iremos repetir a ordem que estabelecemos, começando pelo MDI 'ora bem', seguido do MDI 'olha', analisado individualmente quanto as duas formas, 'olha' e 'olhe', e em conjunto. A tabela 12 apresenta os valores do marcador 'ora bem' quanto a esta variável, relativamente ao número de entrevistas e ao número de ocorrências nas entrevistas. Os seus valores totais são então 157 ocorrências em 38 entrevistas.

Tabela 12 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI 'ora bem' em função da variável idade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
1. 15 a 25 anos	4	6
2. 26 a 59 anos	8	36
3. 60 a 75 anos	17	68
4. Acima de 75 anos	9	47
Total	38	157

É possível observar que a tabela acima apresenta uma faixa etária que se destaca bastante em comparação com as restantes, sendo esta a terceira faixa etária, 60 a 75 anos. Representando o pico do marcador 'ora bem' em ambos os tipos de dados, número de entrevistas e número de ocorrências, a faixa 3 apresenta 68 ocorrências em 17 entrevistas. Em contrapartida, a primeira faixa etária, 15 a 25 anos, é a que apresenta os menores valores, com 6 ocorrências em 4 entrevistas. Por sua vez, as restantes faixas etárias, 26 a 59 anos e acima de 75 anos, apresentam valores próximos no que respeita o número de entrevistas, 8 e 9, respetivamente. Contudo, os seus valores relativamente ao número de ocorrências não apresentam tal proximidade. A faixa 4 representa o segundo valor mais elevado da tabela com 47 ocorrências, já a faixa 2 apresenta 36 ocorrências. Nota-se também que os dados da tabela 12 apresentam correspondências diretas entre o número de entrevistas e o número de ocorrências. Ou seja, a ordem crescente dos valores das faixas etária, faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3, mantém-se nos dois tipos de dados aqui em análise.

Os gráficos seguintes, 13 e 14, resumem os dados mencionados até agora. Os gráficos apresentam as frequências relativas percentuais do número de entrevistas e do número de ocorrências, respetivamente.

Gráfico 13 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'ora bem' na variável idade.

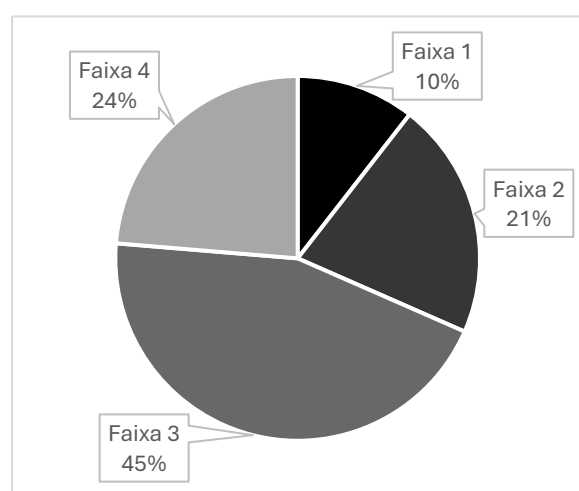
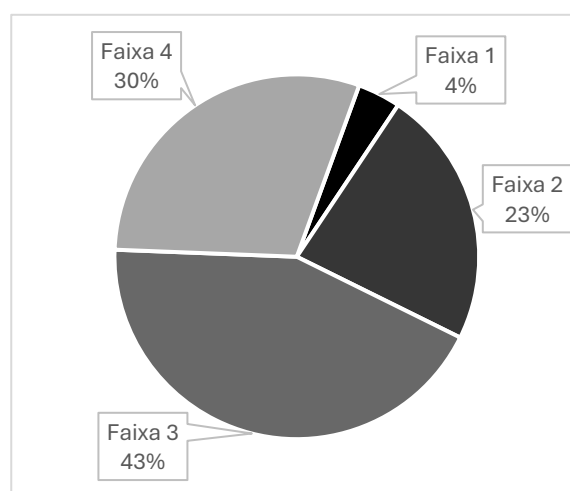


Gráfico 14 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'ora bem' na variável idade.

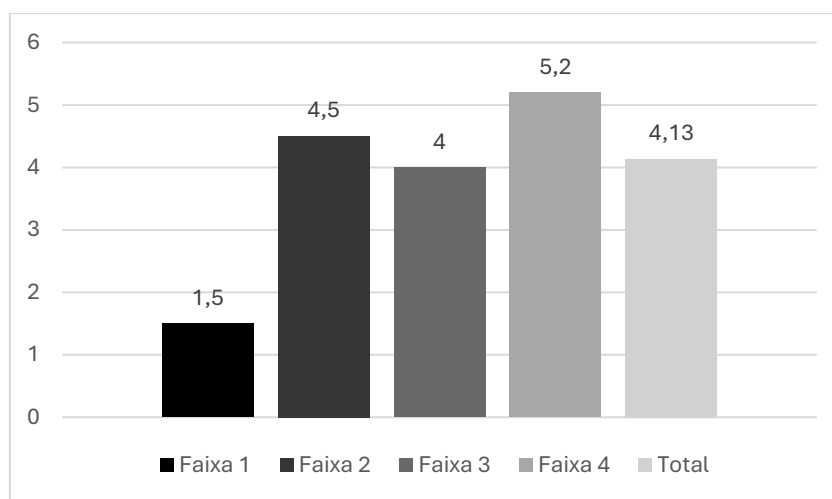


Os gráficos 13 e 14 não apresentam diferenças acentuadas. Como dito anteriormente, a ordem decrescente dos valores da tabela 12 proporciona gráficos com valores similares. Visualmente, a faixa 1 é a que mostra uma diferença mais notável. No gráfico 13 apresenta uma percentagem de 10% ao passo que no gráfico 14 o valor desce para 4%. Igualmente, a faixa 3, que mostra os maiores valores, também apresenta uma diferença entre o gráfico 13 e o 14, passando de 45% para 43%, respetivamente. Em

contrapartida, as faixas etárias 2 e 4 apresentam uma subida dos valores do gráfico 13 para o 14. A faixa 2 passa de 24% para 30% e a faixa 4 apresenta um acréscimo de 2%, com 21% e 23%.

Por sua vez, o gráfico 15 apresenta os valores da média aritmética do MDI 'ora bem'. Representados no gráfico estão as médias das ocorrências por entrevista do sexo masculino e as do sexo feminino, assim como, as médias das ocorrências por entrevista do número total de ocorrências.

Gráfico 15 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'ora bem' na variável idade.



Quanto à média aritmética deste marcador na variável idade, os valores globais alteram-se relativamente à ordem crescente descrita anteriormente. Na sua totalidade, o MDI apresenta uma média de 4,13 ocorrências por entrevista e apresenta também duas faixas possuindo valores acima dessa média, as faixas dois e quatro. Considerando uma perspetiva crescente de ocorrências, a faixa 1 é a única faixa que mantém valores consistentes com os da tabela 12, com 1,5 ocorrências por entrevista. A faixa 3, que tem o máximo de ocorrências na tabela 12, passa a apresentar o segundo valor médio mais baixo, com 4 ocorrências por entrevista. Segue-se a faixa 2 com uma média de 4,5 ocorrências por entrevista. Finalmente, a faixa com a maior média aritmética é a faixa 4 com 5,2 ocorrências por entrevista. Logo, a ordem crescente da média aritmética das faixas etárias é faixa 1 < faixa 3 < faixa 2 < faixa 4. Portanto, o padrão de crescimento relativo ao número de entrevistas e ao número de ocorrências não converge com o padrão encontrado na média aritmética do MDI 'ora bem'.

Seguindo a ordem que estabelecemos, passamos agora a apresentar os dados da forma 'olha'. A tabela 13 mostra os valores, totais e individuais de cada faixa, que a forma 'olha' apresenta relativamente à variável idade. Esta forma ocorre 471 vezes em 65 entrevistas.

Tabela 13 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olha' em função da variável idade

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
1. 15 a 25 anos	14	49
2. 26 a 59 anos	16	114
3. 60 a 75 anos	18	158
4. Acima de 75 anos	17	150
Total	65	471

Numa primeira análise, a tabela 13 destaca-se por apresentar todas as faixas etárias com número de entrevistas próximos entre si. A variação do número de entrevistas por faixa etária é pequena. As três primeiras faixas etárias seguem um padrão crescente, com um acréscimo de 2 entrevistas de uma faixa para a seguinte. Ou seja, a faixa 1 apresenta 14 entrevistas, posicionando-se como a faixa etária com o menor número de entrevistas, seguida da faixa 2 com 16 entrevistas e, finalmente, a faixa 3 com 18 entrevistas. Sendo a faixa 3, a faixa etária com o maior número de entrevistas em que ocorre a forma 'olha'. Contudo, este padrão de crescimento é quebrado pela faixa etária 4, que apresenta um decréscimo pequeno de apenas uma entrevista, 17, em comparação com a faixa etária anterior, 3, que apresenta 18 entrevistas. Relativamente ao número de ocorrências da forma 'olha', apesar dos dados aparentarem uma ordem crescente similar à observada para o número de entrevistas das três primeiras faixas etárias, a progressão do aumento do número de ocorrências é inconsistente. A faixa 1 apresenta o menor número de ocorrências, sendo este de 49 ocorrências nas 14 entrevistas. Esta é seguida pela faixa 2 com 114 ocorrências e pela faixa 3 com 158 ocorrências nas 18 entrevistas. Finalmente, existe um decréscimo dos valores, a faixa 4 apresenta 150 ocorrências da forma 'olha'. Logo, através destes valores nota-se a progressão inconsistente das primeiras três faixas. Já que, da faixa 1 para a faixa 2 existe um aumento de 65 ocorrências, mas da faixa 2 para a faixa 3 o aumento é de 44 ocorrências. Ou seja, diferente do número de entrevistas, o número de ocorrências não apresenta um padrão de crescimento igual de faixa para faixa. No entanto, apesar das progressões de crescimento do número de entrevistas e do número de ocorrências serem diferentes, ambos os dados apresentam a seguinte ordem de crescimento: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3.

Os gráficos 16 e 17 demonstram a frequência relativa percentual dos dados discutidos na tabela 13. Neles observa-se os valores percentuais que cada faixa etária adquire.

Gráfico 16 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma 'olha' na variável idade.

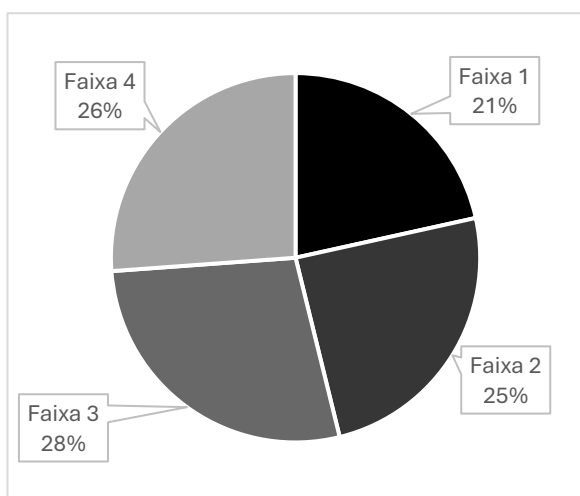
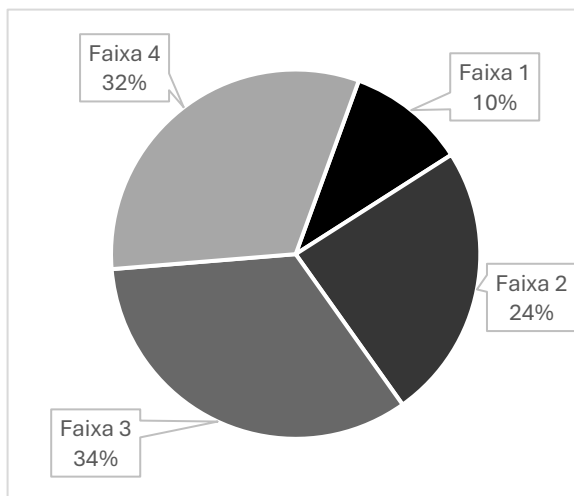


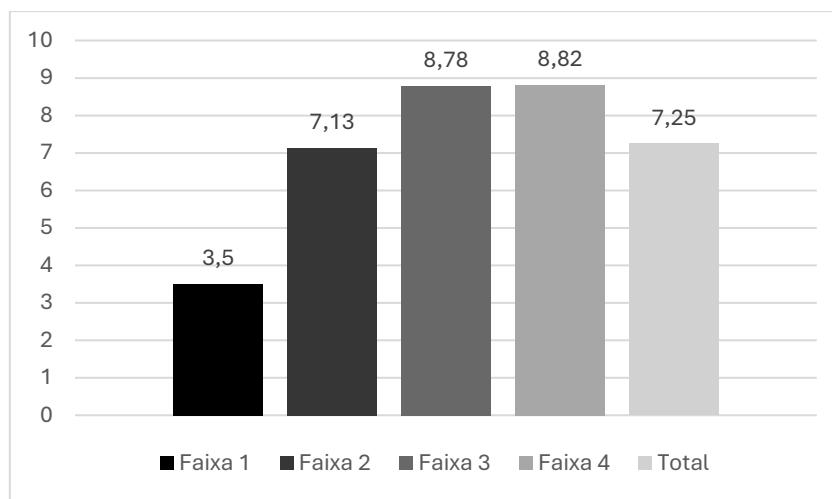
Gráfico 17 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma 'olha' na variável idade.



Numa primeira análise dos dois gráficos, existe uma diferença visual entre o gráfico 16 e o gráfico 17. O gráfico 16 apresenta uma distribuição ligeiramente equilibrada entre os valores percentuais das quatro faixas etárias. Seguindo a ordem das faixas etárias, a faixa 1 é a que apresenta a menor percentagem, sendo esta 21%. Segue-se a faixa 2 com 25%. Este acréscimo de 4% entre cada uma das faixas representa o acréscimo mencionado acima de 65 ocorrências da faixa 1 para a faixa 2. Já a faixa 3 apresenta a percentagem de 28%, ou seja, o acréscimo de 3% entre a faixa 3 e a faixa 2 representa o acréscimo de 44 ocorrências mencionado anteriormente. Este valor percentual da faixa 3 faz com que esta seja a faixa com o maior valor. Por sua vez, o equilíbrio encontrado no gráfico 16 não se repete no gráfico 17. O gráfico 17 apresenta as faixas mais velhas, faixa 3 e 4, como possuindo, aproximadamente, um terço do gráfico cada uma. Logo, o último terço é dividido pelas faixas mais jovens, faixa 1 e faixa 2. Sendo assim, este terço do gráfico 17 é representado pela faixa 1, que apresenta a percentagem de 10%, sendo, então, a faixa com a menor percentagem, e pela faixa 2 com 24%. Segue-se a faixa 3 com 34%, representando o maior valor deste gráfico. Finalmente, a faixa 4 representa os restantes 32% do número de ocorrências. Comparando os dois gráficos, nota-se que a faixa 2 é que apresenta a menor distinção de valores, tendo uma diminuição de 1% entre os gráficos (25% no gráfico 16 e 24% no gráfico 17). Seguem-se as faixas 3 e 4, ambas apresentam um acréscimo de 6% dos valores do gráfico 16 para o gráfico 17. Por fim, a primeira faixa etária é a que apresentam o valor mais notório, com uma diminuição de 11% entre os valores dos gráficos 16 e 17.

Contudo, a média aritmética da forma 'olha' não apresenta a mesma ordem de crescimento, como é possível observar no gráfico 18. Este gráfico mostra a média aritmética do número de ocorrências por entrevista de cada uma das faixas etária e a média aritmética do número de ocorrências totais por entrevista.

Gráfico 18 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma 'olha' na variável idade.



Quanto à média aritmética do número de ocorrências totais por entrevista em que a forma 'olha' ocorre, esta traduz-se em 7,25 ocorrências por entrevista. Numa primeira análise visual, existe uma diferença notória entre a faixa 1 e as restantes faixas. Esta faixa apresenta uma média aritmética de 3,5 ocorrências por entrevista. Já as restantes faixas apresentam médias mais altas, estando próximas à média total (faixa 2) ou até mesmo ultrapassando-a (faixa 3 e faixa 4). Sendo assim, a faixa 2 apresenta 7,1 ocorrências por entrevista. A faixa 3 apresenta uma média de 8,78 ocorrências por entrevista e a faixa 4 apresenta uma média de 8,82 ocorrências por entrevista. Ou seja, as médias das duas faixas são próximas entre si, assim como, os valores apresentados na tabela 13 destas duas faixas também são próximos entre si (a faixa 3 apresenta 158 ocorrências em 18 entrevistas e a faixa 4 apresenta 150 ocorrências em 17 entrevistas). A proximidade das médias aritméticas destas faixas faz com que, ao se arredondar os valores, ambas apresentem o mesmo total de 9 ocorrências por entrevista. Portanto, a ordem de crescimento da média aritmética não é a mesma da ordem de crescimento do número de entrevistas e do número de ocorrências, ocorrendo uma troca entre as duas faixas mais velhas, 3 e 4. Esta ordem crescente da média aritmética segue o aumento das idades, sendo, então: faixa 1 < faixa 2 < faixa 3 < faixa 4.

Analisando agora a forma 'olhe', a tabela 14 apresenta os dados retirados do PSFB relativamente à presença da forma 'olhe' no número de entrevistas e quanto ao número de ocorrências em função da variável idade. Logo, os seus valores totais são de 952 ocorrências em 57 entrevistas.

Tabela 14 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olhe' em função da variável idade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
1. 15 a 25 anos	2	2
2. 26 a 59 anos	15	217
3. 60 a 75 anos	20	415
4. Acima de 75 anos	20	318
Total	57	952

Ao analisar globalmente a tabela 14, destacam-se dois aspetos. Primeiro, a faixa 1 não só apresenta valores muito baixos em comparação com as restantes faixas, como também apresenta o mesmo valor nos dois tipos de dados, número de entrevistas e número de ocorrências. Segundo, as duas faixas mais velhas apresentam um número igual de entrevistas. Analisando agora, com mais detalhe, a faixa 1 apresenta 2 ocorrências em 2 entrevistas. Segue-se a faixa 2 com 217 ocorrências em 15 entrevistas. Ou seja, existe um aumento acentuado entre os valores das faixas com os menores valores, faixa 1 e faixa 2. Por sua vez, as faixas 3 e 4 divergem relativamente ao número de ocorrências. A forma 'olhe' ocorre 415 vezes em 20 entrevistas da faixa 3, sendo a faixa com o maior número de ocorrências, e a forma ocorre 318 vezes em 20 entrevistas da faixa 4. Contudo, relembremos o número de entrevistas de cada faixa na sua totalidade do PSFB. A faixa 3 possui 22 entrevistas e a faixa 4 possui 20 entrevistas. Logo, apesar das faixas 3 e 4 apresentarem o mesmo número de entrevistas relativamente à forma 'olhe', a forma ocorre em todas as entrevistas da quarta faixa etária, o que não acontece nas entrevistas da faixa 3. Por fim, é necessário distinguir a ordem de crescimento dos dois tipos de dados. O número de entrevistas apresenta a seguinte ordem crescente: faixa 1 < faixa 2 < faixa 3/faixa 4. E o número de ocorrências apresenta a ordem de crescimento: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3.

Como estabelecido, os gráficos 19 e 20 ilustram, percentualmente, os dados analisados até agora. Estes gráficos apresentam a frequência relativa do número de entrevistas da forma 'olhe' (gráfico 19) e a frequência relativa do número total de ocorrências da mesma forma (gráfico 20).

Gráfico 19 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma 'olhe' na variável idade.

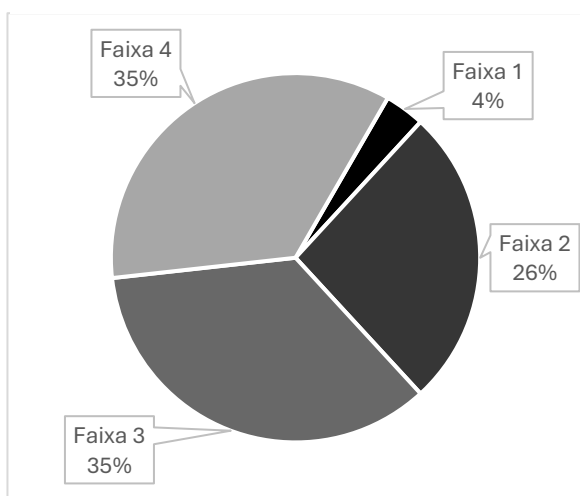
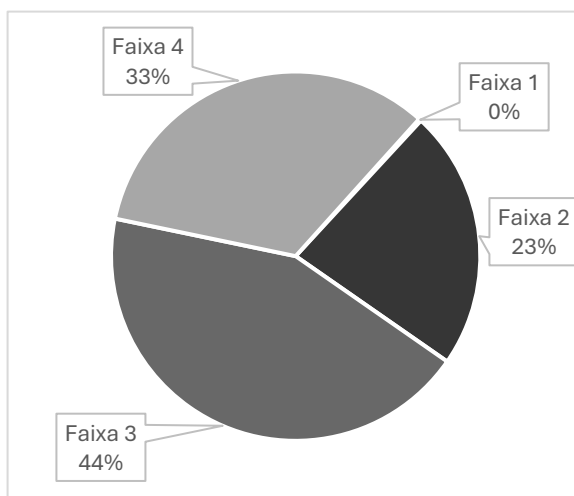


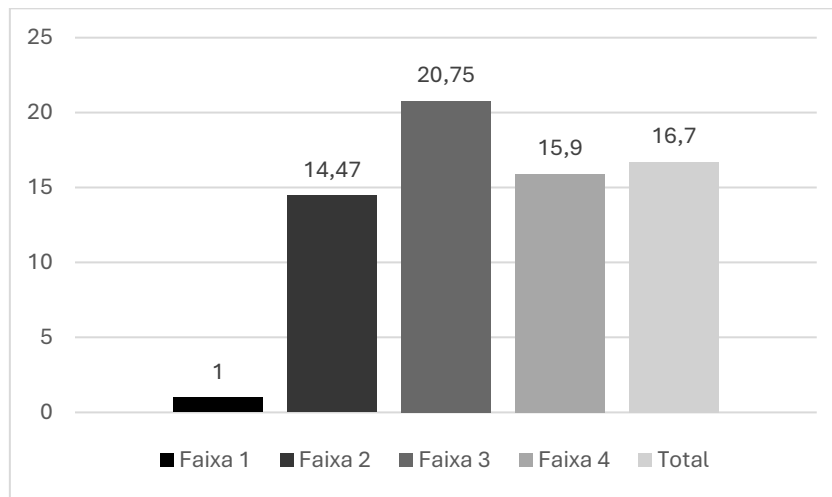
Gráfico 20 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma 'olhe' na variável idade.



Como é possível observar, os gráficos 19 e 20 mostram o impacto dos baixos valores da forma 'olhe' na primeira faixa etária. Seguindo uma ordem crescente das percentagens, o gráfico 19 apresenta a faixa 1 como sendo responsável por 4% do valor total do número de entrevistas. Segue-se a faixa 2 com 26%. Este aumento de 22% representa o aumento de 13 entrevistas a mais entre a faixa 1 e a faixa 2. Já as faixas 3 e 4, por apresentarem o mesmo número de entrevistas, representam 35% cada do valor total. Já no gráfico 20, observa-se que a faixa 1 não é atribuída nenhuma percentagem. Isto deve-se ao facto de que o número de ocorrências (2 ocorrências) da forma 'olhe' é tão baixo em comparação com os números de ocorrências da mesma forma nas outras faixas etárias (a faixa 2 apresenta 217 ocorrências, a faixa 3 apresenta 415 ocorrências e a faixa 4 apresenta 318 ocorrências) que torna o número de ocorrências da faixa 1 insignificante percentualmente. Por esse motivo, e seguindo de novo uma ordem crescente das percentagens, a percentagem mais baixa do gráfico 20 é atribuída à faixa 2, sendo esta de 23% do valor total. Segue-se a faixa 4 com 33% e, finalmente, a faixa 3 com os restantes 44%. Esta diferença percentual de 11% entre as faixas reflete a diferença de 97 ocorrências a mais entre as faixas 4 e 3.

O gráfico seguinte, 21, apresenta a média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma 'olhe' na variável idade. Nele estão representadas as médias correspondentes a cada uma das faixas etárias e a média do número total de ocorrências por entrevista.

Gráfico 21 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma ‘olhe’ na variável idade.



A forma ‘olhe’ possui uma média aritmética de 16,7 ocorrências por entrevista relativamente ao valor total do número de ocorrências (957 ocorrências em 57 entrevistas). Logo, ao observar o gráfico 21, nota-se que apenas a faixa 3 possui uma média superior à média total. Seguindo a ordem crescente dos valores, as duas ocorrências em duas entrevistas da faixa 1 atribui uma média de 1 ocorrência por entrevista. Segue-se a faixa 2 com uma média aritmética de 14,47 ocorrências por entrevista e a faixa 4 possui uma média próxima a essa com 15,9 ocorrências por entrevista. Finalmente, a faixa 3 é a faixa com a maior média, de 20,75 ocorrências por entrevista. Logo, a diferença de, aproximadamente, 5 ocorrências por entrevista entre as faixas 3 e 4 distancia-as do seu número igual de entrevistas (as duas faixas apresentam 20 entrevistas). A ordem crescente da média aritmética da forma ‘olhe’ converge com a ordem crescente do número de ocorrências, sendo esta: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3.

Finalizamos a análise dos dados relativos à variável idade, apresentando os mesmos pertinentes ao MDI ‘olha’ na sua totalidade, como observado na tabela 15. Por ser um marcador que conjuga os valores de ambas as formas, ‘olha’ e ‘olhe’, os seus valores totais são elevados, ocorrendo 1423 vezes em 74 entrevistas.

Tabela 15 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI ‘olha’ em função da variável idade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
1. 15 a 25 anos	15	51
2. 26 a 59 anos	19	331

3. 60 a 75 anos	20	573
4. Acima de 75 anos	20	468
Total	74	1423

Como mencionado, os valores do MDI 'olha' são os valores conjugados das duas formas aqui analisadas, 'olha' e 'olhe', então, os valores do número de entrevistas e do número de ocorrências da faixa 1 são, principalmente, compostos pelos valores da forma 'olha', já que, essa faixa apresenta apenas 2 ocorrências em 2 entrevistas da forma 'olhe'. Assim sendo, a faixa 1 apresenta 51 ocorrências em 15 entrevistas do MDI 'olha'. Em contraste, os valores elevados do número de ocorrências do MDI nas outras faixas etárias têm como origem, maioritariamente, a forma 'olhe', que, em comparação com a forma 'olha', possui o dobro de ocorrências. Dessa forma, a faixa 2 apresenta 331 ocorrências em 19 entrevistas. Já as faixas 3 e 4 apresentam o mesmo padrão que a forma 'olhe', ou seja, ambas mostram o MDI a ocorrer em 20 entrevistas, mas com um número de ocorrências diferente. E, como já mencionamos, a quarta faixa etária possui 20 entrevistas na sua totalidade, logo, o MDI 'olha' ocorre em todas as entrevistas desta faixa. Contudo, a faixa 3 é a que apresenta o maior número de ocorrências, sendo este 573 ocorrências nas 20 entrevistas, ao passo que a faixa 4 apresenta 468 ocorrências no mesmo número de entrevistas. Então, a ordem de crescimento do número de entrevistas deste MDI é: faixa 1 < faixa 2 < faixa 3/faixa 4. Enquanto que a ordem de crescimento do número de ocorrências é: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3.

Os gráficos seguintes expõem visualmente os dados discutidos até então para este MDI. Os gráficos percentualmente, os dados relativos ao número de entrevistas e ao número de ocorrências expostos na tabela 15.

Gráfico 22 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'olha' na variável idade.

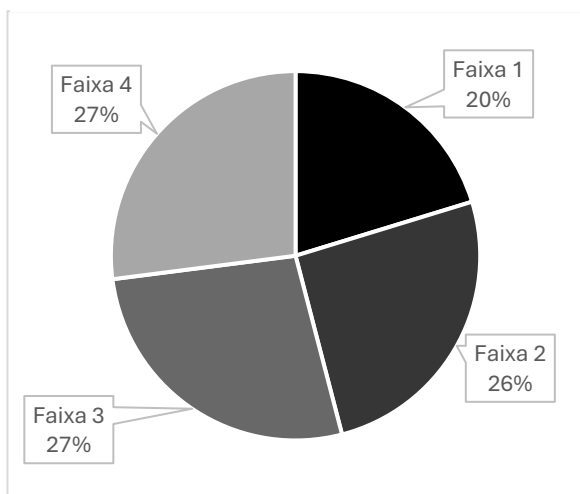
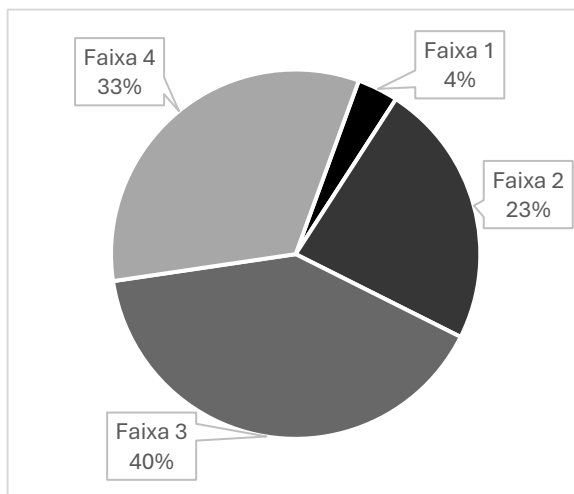


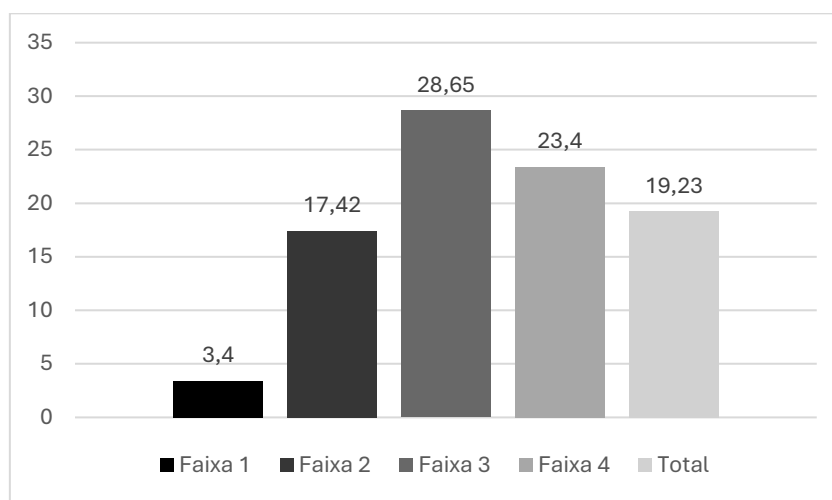
Gráfico 23 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'olha' na variável idade.



Ao analisar primeiro os gráficos de uma perspectiva global, percebe-se, maioritariamente, uma diminuição dos valores da faixa 1 e um aumento dos valores da faixa 3. Já, ao analisar atentamente o gráfico 22, nota-se uma distribuição equilibrada das percentagens do número de entrevistas. Este equilíbrio dá-se devido, como mencionado acima, à quantidade de entrevistas da faixa 1 em que ocorre a forma 'olha'. Por isso, a faixa 1 representa 20% do valor total do número de entrevistas. Segue-se a faixa 2 com 26%. Por fim, as faixas 3 e 4 representam cada 27% do valor total por ambas as faixas apresentarem o mesmo número de entrevistas. Por sua vez, o gráfico 23, como já dito, apresenta a faixa 1 com a menor percentagem de 4%. Entre a faixa 1 e a faixa 2 há uma diferença de 280 ocorrências a mais para a faixa 2. Percentualmente, essa diferença é representada em 19%, logo, a faixa 2 representa 23% do valor total do número de ocorrências. Segue-se a faixa 4, que representa 33% do valor total. Finalmente, os restantes 40% são representados pela faixa 3.

O gráfico 24 apresenta as médias aritméticas do número de ocorrências por entrevista do MDI 'olha'. As médias apresentadas referem a cada uma das faixas etárias, assim como, ao número de ocorrências totais por entrevista.

Gráfico 24 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI ‘olha’ na variável idade.



Como é possível observar no gráfico 24, a média aritmética das ocorrências totais do MDI ‘olha’ é de 19,23 ocorrências por entrevista. As duas faixas etárias mais velhas, 3 e 4, são as faixas com médias superiores à média total. Logo, seguindo a ordem crescente das médias aritméticas de cada faixa etária, a faixa 1 apresenta a média de 3,4 ocorrências por entrevista, sendo a faixa com o menor valor. Segue-se a faixa 2 com uma média aritmética de 17,42 ocorrências por entrevista, nota-se, então, que a diferença de, aproximadamente, 14 ocorrências a mais para a faixa 2 é uma consequência do número baixo de ocorrências do MDI ‘olha’ na faixa 1. A faixa 4 apresenta a média de 23,4 ocorrências por entrevista e a faixa 3 apresenta a média de 28,65 ocorrências por entrevista. Esta média caracteriza a faixa 3 como tendo a maior média aritmética do MDI ‘olha’. Portanto, a ordem crescente da média aritmética do MDI ‘olha’ é igual à sua ordem crescente relativamente ao número de ocorrências, sendo esta: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3.

1.3. Variável escolaridade

Como mencionado anteriormente, não estipulamos nenhuma hipótese específica relativamente a esta variável, devido aos poucos estudos encontrados sobre a mesma. No entanto, apoiamo-nos especificamente no estudo de Marques e Aguiar (2014). Este concluiu que pessoas com um nível de escolaridade superior utilizam mais o marcador ‘portanto’. Com a análise dos dados desta variável, descobriremos se o mesmo pode ser afirmado sobre os MDI escolhidos para esta dissertação.

Relembramos que a distribuição do número total de entrevistas da variável escolaridade é divergente e o nível A, analfabeto ao 3º ano, possui um número total de entrevistas menor que os restantes níveis. Sendo assim, na sua totalidade, os números de entrevistas são os seguintes: o nível A tem 11 entrevistas, o nível B tem 24 entrevistas, o nível C tem 21 entrevistas e o nível D tem 24 entrevistas.

Respeitando a ordem que estipulamos nesta dissertação, o primeiro marcador que analisamos nesta variável é 'ora bem'. Como exposto na tabela 16, apresentamos o número de entrevistas e o número de ocorrências deste MDI, tanto na sua totalidade, como em função de cada uma das categorias desta variável.

Tabela 16 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI 'ora bem' em função da variável escolaridade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
A. Analfabeto ao 3º ano	11	59
B. 4º ao 9º ano	10	32
C. 10º ao 12º ano	9	22
D. Licenciado	8	44
Total	38	157

Ao analisar a tabela 16, percebe-se que o MDI 'ora bem' apresenta uma evolução decrescente linear no que concerne o número de entrevistas. Conforme o nível de escolaridade aumenta, diminui o número de entrevistas em que o MDI ocorre. Logo, os níveis A e D, analfabeto ao 3º ano e licenciado, representam os valores máximo e mínimo. Contudo, o MDI não apresenta a mesma evolução decrescente linear quanto ao número de ocorrências. O nível A mantém-se o grau com o valor máximo, no entanto, o nível D apresenta o segundo maior valor do número de ocorrências. Então, seguindo a ordem das categorias, o nível A apresenta 59 ocorrências de 'ora bem' em 11 entrevistas. O nível B, 4º ao 9º ano, mostra o MDI a ocorrer 32 vezes em 10 entrevistas. O nível C, 10º ao 12º ano, apresenta 22 ocorrências em 9 entrevistas, ou seja, este é o nível com o menor valor em relação ao número de ocorrências. Por fim, o nível D apresenta 44 ocorrências do MDI 'ora bem' em 8 entrevistas. É necessário mencionar que o MDI 'ora bem', como mostrado, ocorre em 11 entrevistas do nível A, isto significa que, o MDI ocorre em todas as entrevistas deste nível do PSFB, já que o valor total de entrevistas do nível A é 11. Deste modo, o número de entrevistas apresenta a seguinte ordem de crescimento: nível D < nível C < nível B < nível A. Por sua vez, a ordem de crescimento do número de ocorrências é: nível C < nível B < nível D < nível A.

Os gráficos 25 e 26 mostram os valores da tabela 16 em percentagens. O gráfico 25 apresenta a frequência relativa do número de entrevistas em que o MDI 'ora bem' ocorre. Já o gráfico 26 apresenta a frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI.

Gráfico 25 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'ora bem' na variável escolaridade.

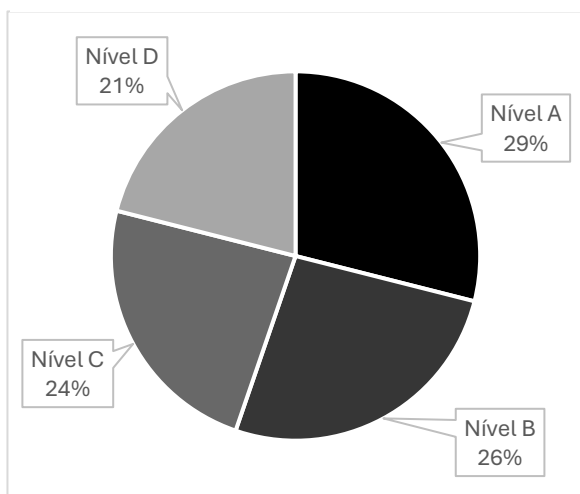
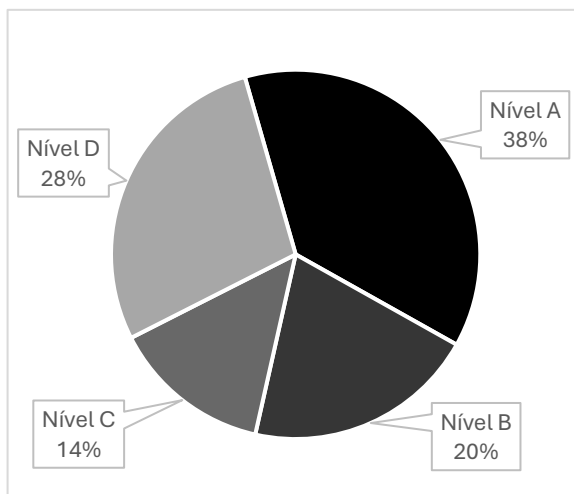


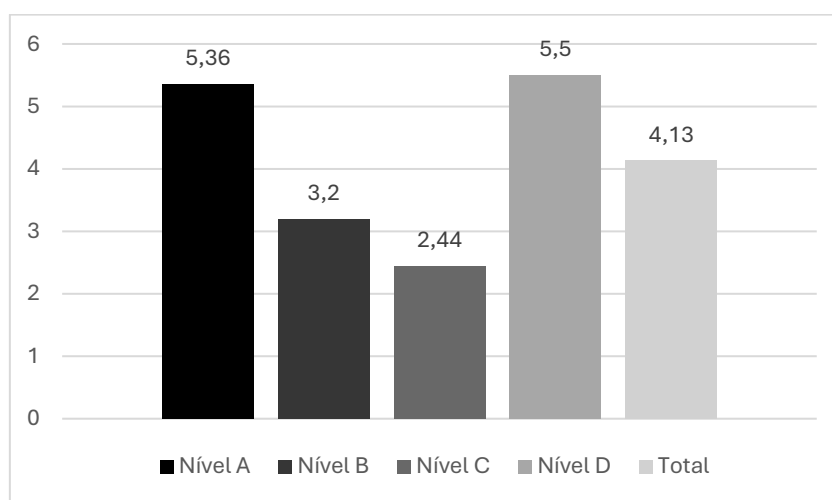
Gráfico 26 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'ora bem' na variável escolaridade.



O gráfico 25 apresenta uma distribuição equilibrada das percentagens dos níveis de escolaridade quanto ao número de entrevistas. Por indicar dados referentes ao número de entrevistas, apresenta também uma evolução decrescente inversamente proporcional ao aumento dos níveis de escolaridade. Logo, as percentagens de cada nível são: 29% representam o nível A; 26% representam o nível B; 24% representam o nível C; e 21% representam o nível D. Estes valores percentuais próximos entre si refletem a diferença de uma entrevista de um nível para o outro, como mostrado na tabela 16. Já o gráfico 26, que apresenta as percentagens relativas ao número de ocorrências, apresenta uma predominância do nível A em comparação com os restantes níveis. Sendo assim, e seguindo uma ordem decrescente, o nível A representa 38% do valor total, ou seja, o nível A representa, aproximadamente, um terço do número de ocorrências do MDI 'ora bem'. Segue-se o nível D com 28% e o nível B com 20%. Finalmente, o nível C representa 14% do valor total do número de ocorrências.

O gráfico seguinte, 27, apresenta a média aritmética do número de ocorrências por entrevista de 'ora bem'. Em específico, mostra a média de cada um dos níveis da variável escolaridade e a média de ocorrências totais.

Gráfico 27 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI ‘ora bem’ na variável escolaridade.



Como é possível observar no gráfico 27, os valores globais distanciam-se dos mencionados até agora. No que respeita a média aritmética do número de ocorrências totais por entrevista do MDI ‘ora bem’, esta contabiliza-se em 4,13 ocorrências por entrevista. Logo, este MDI apresenta dois níveis de escolaridade com médias aritméticas superiores à total. Seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A apresenta uma média de 5,36 ocorrências por uma entrevista. Já o nível B contabiliza a média de 3,2 ocorrências por entrevista. Segue-se o nível C com 2,44 ocorrências por entrevista. Por fim, o nível D apresenta uma média de 5,5 ocorrências por entrevista. Apesar dos dados da tabela 16, estes valores médios classificam o nível D como tendo mais ocorrências por entrevista que os restantes níveis. Logo, a ordem crescente da média aritmética distancia-se da ordem crescente do número de entrevistas, sendo similar à ordem do número de ocorrências. A ordem é a seguinte: nível C < nível B < nível A < nível D.

Centrando-nos agora no MDI ‘olha’, começamos por analisar os dados relativos à forma ‘olha’. A tabela 17 expõe o número de entrevistas e o número de ocorrências de cada uma das categorias desta variável.

Tabela 17 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olha' em função da variável escolaridade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
A. Analfabeto ao 3º ano	10	117

B. 4º ao 9º ano	20	126
C. 10º ao 12º ano	17	93
D. Licenciado	18	135
Total	65	471

Como é possível observar na tabela 17, e seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A apresenta 117 ocorrências da forma 'olha' em 10 entrevistas. Segue-se o nível B que mostra que a forma ocorre 126 vezes em 20 entrevistas. O nível C apresenta 93 ocorrências em 17 entrevistas e o nível D apresenta 135 ocorrências em 18 entrevistas. Logo quanto ao número de entrevistas, os dois níveis escolares mais baixos, A e B, são os representantes dos valores mais baixo e alto, respectivamente, apresentando a seguinte ordem de crescimento: nível A < nível C < nível D < nível B. Em contrapartida, relativamente ao número de ocorrências, os níveis de escolaridade mais altos, C e D, responsabilizam-se pelos valores mais baixo e alto, respectivamente. Excluindo o nível C, os restantes níveis possuem uma diferença de 9 ocorrências, ou seja, do nível A para o nível B existe um acréscimo de 9 entrevistas e, por sua vez, do nível B para o nível C também existe um aumento de 9 entrevistas. Sendo assim, o número de ocorrências apresenta a ordem crescente de: nível C < nível A < nível B < nível D. Ou seja, não existe convergência entre as ordens de crescimento dos dois tipos de dados.

Os gráficos 28 e 29 sintetizam os dados expostos acima. Os gráficos representam as frequências relativas do número de entrevistas, gráfico 28, e do número de ocorrências, gráfico 29, da forma 'olha'.

Gráfico 28 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma 'olha' na variável escolaridade.

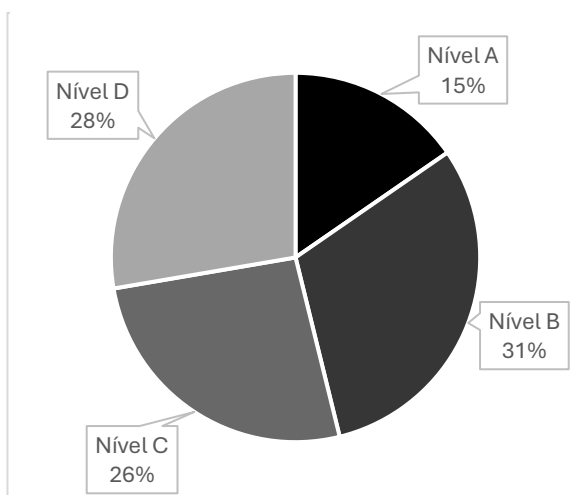
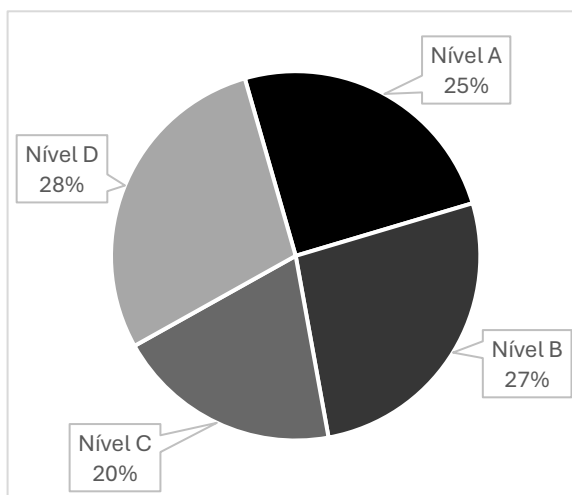


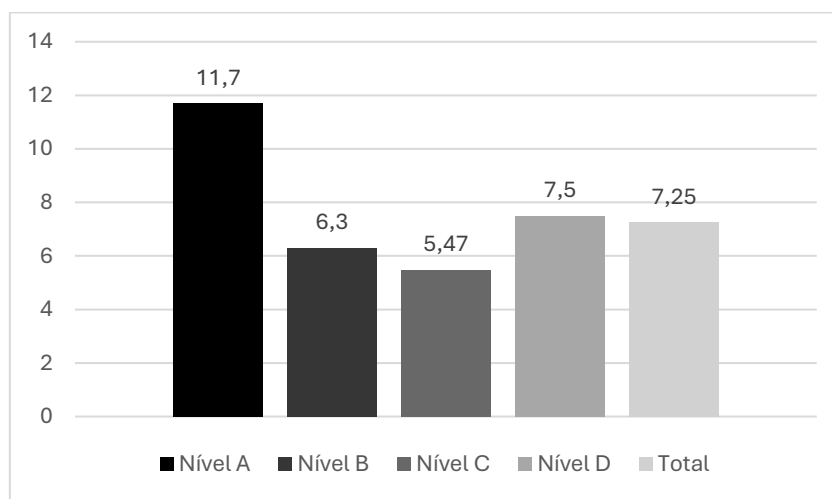
Gráfico 29 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma 'olha' na variável escolaridade.



Relativamente às frequências relativas da forma 'olha', é possível observar que no gráfico 28, as 10 entrevistas do nível A, em que 'olha' ocorre, representam 15%. Segue-se o nível B com a maior percentagem deste gráfico de 31% do valor total de entrevistas. Já os níveis C e D apresentam percentagens próximas de 26% e 28%, respetivamente, do valor total. Por sua vez, o gráfico 29 um equilíbrio visual maior em comparação com o gráfico 28. Seguindo a ordem de crescimento das percentagens, o nível C representa 20% do valor total do número de ocorrências. O nível A representa 25%, o nível B representa 27% e, por fim, o nível D representa 28%. Como mencionado acima, os níveis A, B e D apresentam um acréscimo de 9 entrevistas conforme o aumento da escolaridade, por esse motivo, as percentagens destes níveis são mais próximas entre si. Contudo, e como explicado no início deste capítulo, os arredondamentos que o *Excel*/faz, tornam as diferenças entre as percentagens destes níveis diversas. Entre o nível A e o B existe uma diferença de 2% enquanto que entre o nível B e D há uma diferença de 1%, apesar da diferença entre o número de ocorrências ser a mesma, 9 ocorrências.

O gráfico 30 mostra a média aritmética do número de ocorrências totais por entrevista da forma 'olha', assim como, mostra também as médias aritméticas do número de ocorrências por entrevista de cada um dos níveis de escolaridade.

Gráfico 30 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma 'olha' na variável escolaridade.



No que concerne as médias aritméticas dos dados da forma 'olha', estas também divergem dos valores estabelecidos na tabela 17. A forma 'olha' apresenta como média aritmética total o valor de 7,25 ocorrências por entrevista. Numa primeira análise visual, nota-se que existe um nível, A, com uma média aritmética destoante das restantes. Logo, seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A

apresenta a média de 11,7 ocorrências por entrevista. Segue-se o nível B com a média de 6,3 ocorrências por entrevista e o nível C com 5,47 ocorrências por entrevista. Finalmente, o nível D apresenta a média de 7,5 ocorrências por entrevista. Então, a ordem de crescimento da média aritmética é a seguinte: nível C < nível B < nível D < nível A. Portanto, nota-se que, apesar do nível A ser o nível com o menor número de entrevistas e ser o segundo nível com o menor número de ocorrências, o mesmo não acontece relativamente à média aritmética deste nível. Ou seja, o nível A apresenta valores baixos dos dados da tabela 17, mas apresenta também a maior média de utilização da forma 'olha'. Isto significa que o baixo número total de entrevistas deste nível, 11 entrevistas, influencia estes resultados, já que os restantes níveis apresentam números totais de entrevistas maiores.

A tabela seguinte, 18, apresenta os dados da forma 'olhe' do MDI 'olha'. Cada categoria da variável escolaridade apresenta os valores correspondentes relativamente ao número de entrevistas e ao número de ocorrências.

Tabela 18 - Número de entrevistas e número de ocorrências da forma 'olhe' em função da variável escolaridade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
A. Analfabeto ao 3º ano	11	261
B. 4º ao 9º ano	17	261
C. 10º ao 12º ano	13	222
D. Licenciado	16	208
Total	57	952

Numa primeira análise da tabela 18, destacam-se dois aspetos relativamente à forma 'olhe'. Primeiro, os valores do número de entrevistas são equilibrados. Isto é, entre o nível com o maior número de entrevistas, B, e o nível com o menor número, A, existe uma diferença de 8 entrevistas a mais. Segundo, os níveis A e B apresentam o mesmo número de ocorrências, o que não é comum, sobretudo quando nos atentamos ao número de entrevistas de cada nível. Ao analisar a tabela em detalhe, e seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A apresenta 261 ocorrências em 11 entrevistas e o nível B apresenta também 261 ocorrências, mas em 17 entrevistas. Segue-se o nível C com 222 ocorrências em 13 entrevistas. Por fim, o nível D apresenta 208 ocorrências em 16 entrevistas. Logo, o nível com o menor número de entrevistas, A, e o nível com o maior número de entrevistas, B, apresentam o mesmo valor no que respeita o número de ocorrências, sendo este, o valor mais elevado de ocorrências da forma

‘olhe’. Como o nível A possui 11 entrevistas na totalidade do PSFB, a forma ‘olhe’ ocorre em todas as entrevistas do nível A. Sendo assim, as ordens de crescimento do número de entrevistas e do número de ocorrências divergem. O número de entrevistas apresenta a ordem de crescimento de: nível A < nível C < nível D < nível B. Já o número de ocorrências apresenta a seguinte ordem crescente: nível D < nível C < nível A/nível B.

Os gráficos 31 e 32 representam as frequências relativas percentuais dos valores analisados acima. Os gráficos apresentam as percentagens de cada categoria relativas ao número de entrevistas e ao número de ocorrências, respetivamente.

Gráfico 31 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre a forma ‘olhe’ na variável escolaridade.

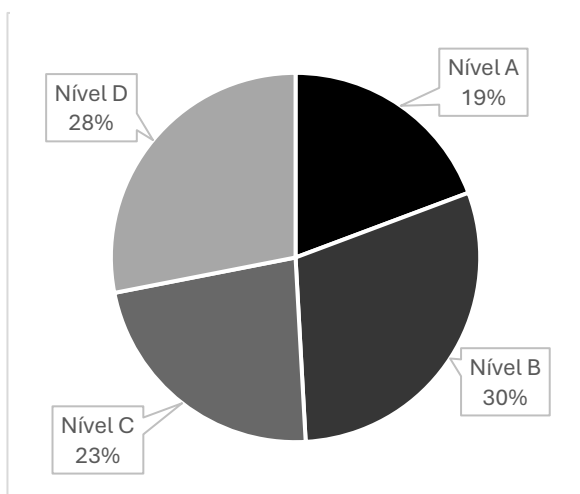
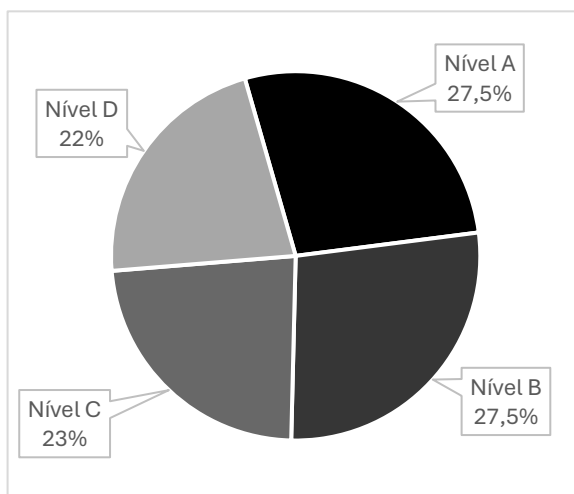


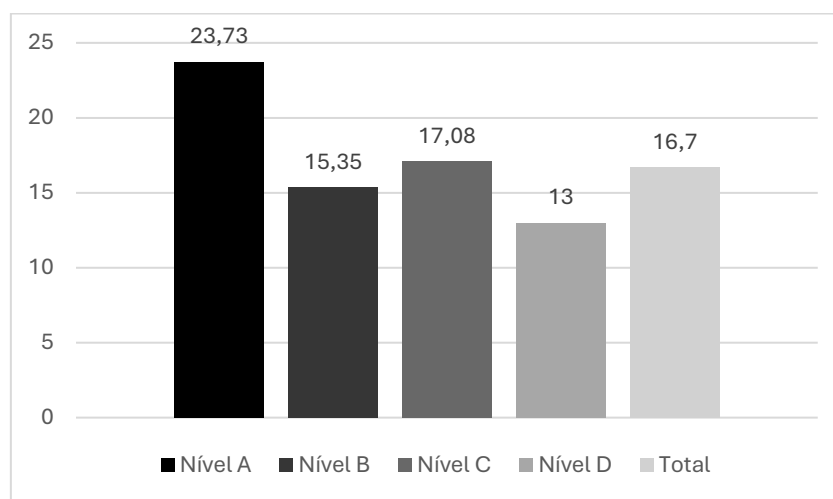
Gráfico 32 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas da forma ‘olhe’ na variável escolaridade.



Numa primeira análise conjunta dos dois gráficos, nota-se que, apesar de diferentes, apresentam dispersões similares e o nível A é o nível com o maior impacto relativo aos seus valores percentuais. O gráfico 31 apresenta, seguindo o crescimento percentual, o nível A como representante de 19% do valor total do número de entrevistas. O nível C é responsável por 23% das entrevistas em que a forma ‘olhe’ ocorre. Segue-se o nível D com 28% do valor total e, finalmente, o nível B representa 30% do valor total do número de entrevistas. Como dito, o nível A é o que apresenta a maior distinção entre os dois gráficos, já que, no gráfico 32, o nível A passa a ser responsável por 27,5% do número de ocorrências da forma ‘olha’. Esta percentagem é a mesma para o nível B, pois, ambos os níveis apresentam o mesmo número de ocorrências, 261 ocorrências. Segue-se o nível C com 23% do valor total do número de ocorrências. Por fim, o nível D é responsável pelos restantes 22%.

O gráfico 33 mostra a média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma ‘olhe’. Este gráfico apresenta os valores relativos à média do número total de ocorrências, assim como, as médias do número de ocorrências em cada um dos níveis de escolaridade.

Gráfico 33 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista da forma ‘olhe’ na variável escolaridade.



Quanto à média aritmética da forma ‘olhe’, esta apresenta a média do número total de ocorrências de 16,7 ocorrências por entrevista. Seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A possui uma média de 23,73 ocorrências por entrevista e o nível B apresenta a média de 15,35 ocorrências por entrevista. Por sua vez, com uma média superior ao nível B, o nível C apresenta uma média de 17,08 ocorrências por entrevista. Por último, o nível D apresenta a média de 13 ocorrências por entrevista. Ou seja, como explicado anteriormente, o número total de entrevistas no PSFB do nível A é relativamente baixo quando comparado com o número total de entrevistas dos outros níveis. Contudo, como a forma ‘olhe’ ocorre 261 vezes, o valor máximo do número de ocorrências da forma, a média aritmética do nível A contabiliza-se como sendo a maior média aritmética dos níveis de escolaridade. Sendo assim, a ordem de crescimento das médias aritméticas dos níveis de escolaridade da forma ‘olhe’ é a seguinte: nível D < nível B < nível C < nível A.

Terminamos a análise dos dados relativos à variável escolaridade, e, consequentemente, relativos às variáveis sociolinguísticas, a mostrar os dados conjuntos das formas ‘olha’ e ‘olhe’, de forma a obter os resultados para o MDI ‘olha’. A tabela 19 expõe os valores do número de entrevistas e do número de ocorrências deste MDI.

Tabela 19 - Número de entrevistas e número de ocorrências do MDI 'olha' em função da variável escolaridade.

	Número de entrevistas	Número de ocorrências
A. Analfabeto ao 3º ano	11	378
B. 4º ao 9º ano	22	387
C. 10º ao 12º ano	19	315
D. Licenciado	22	343
Total	74	1423

Como mencionado, os valores do MDI 'olha' conjuga os valores das formas já analisadas, por isso, os dados do MDI mostram valores altos. Quanto ao número de entrevistas, o nível A apresenta o número máximo de entrevistas deste nível, enquanto que os restantes níveis mostram que o MDI não ocorre em apenas duas entrevistas de cada nível. Logo, seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, o nível A apresenta 378 ocorrências em 11 entrevistas. Segue-se o nível B com 387 ocorrências em 22 entrevistas, sendo o nível com o maior número de ocorrências. Depois é o nível C com 315 ocorrências em 19 entrevistas. Finalmente, o nível D apresentam 343 ocorrências em 22 entrevistas. Apesar dos níveis B e D mostrarem o MDI 'olha' a ocorrer no mesmo número de entrevistas, apresentam uma diferença de 44 ocorrências entre si. Assim sendo, a ordem de crescimento do número de entrevistas é: nível A < nível C < nível B/nível D. Já a ordem de crescimento do número de ocorrências é: nível C < nível D < nível A < nível B.

Os gráficos seguintes resumem os dados expostos do MDI 'olha'. Os gráficos 34 e 35 representam as frequências relativas percentuais dos dados apresentados na tabela 19. O gráfico 34 apresenta as percentagens quanto ao número de entrevistas, ao passo que, o gráfico 35 apresenta as percentagens relativas ao número de ocorrências.

Gráfico 34 - Frequência relativa do número de entrevistas em que ocorre o MDI 'olha' na variável escolaridade.

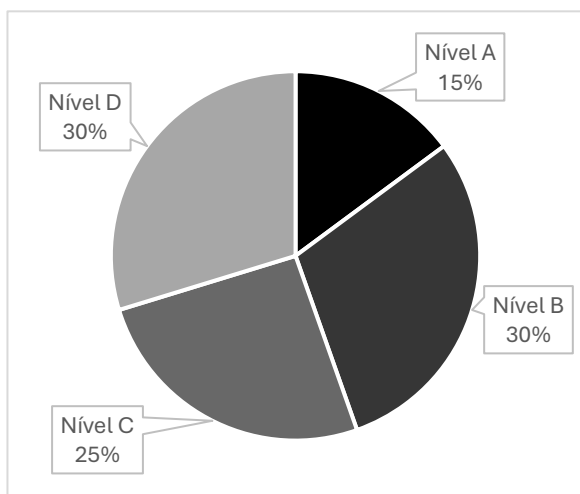
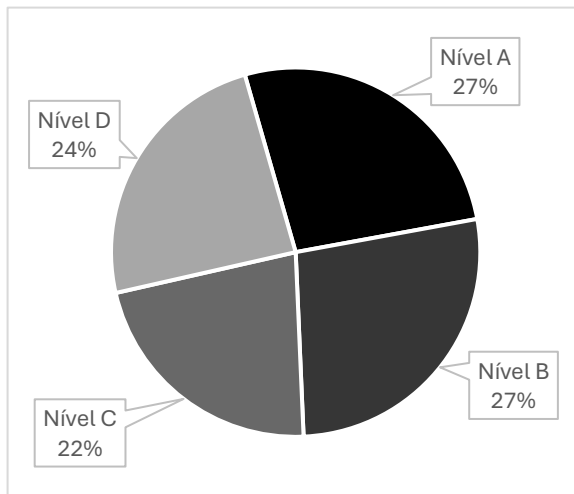


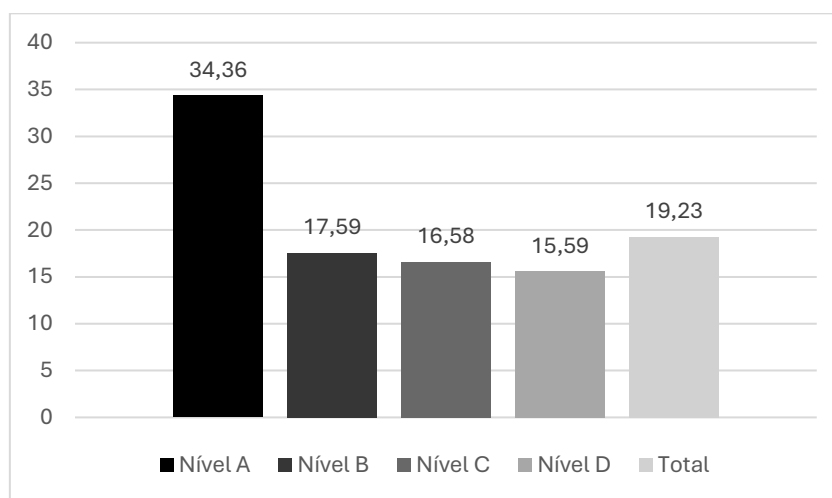
Gráfico 35 – Frequência relativa do número total de ocorrências nas entrevistas do MDI 'olha' na variável escolaridade.



Numa primeira análise global dos dois gráficos, percebe-se que o nível A aumenta a percentagem de um gráfico para o outro. Consequentemente, as percentagens dos restantes níveis diminuem também. O gráfico 34 mostra que o nível A se distingue por possuir a menor percentagem, com 15% do valor total de número de entrevistas. Já os níveis B e D apresentam a mesma percentagem, 30%, pois, o MDI ocorre no mesmo número de entrevistas, 22. O último valor deste gráfico pertence ao nível C com 25% do valor total de entrevistas. Já o gráfico 35 apresenta os níveis A e B a representarem 27% cada do valor total do número de ocorrências, contudo, estes níveis não possuem nenhum valor em comum na tabela 19. Os outros níveis, C e D, apresentam percentagens próximas entre si com 22% e 24%, respetivamente, do valor total do número de ocorrências.

O gráfico 36 correlaciona os dados relativos ao número de entrevistas e ao número de ocorrências através da média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'olha'. Neste gráfico estão expostas as médias do número total de ocorrências do MDI e as médias do número de ocorrências de cada um dos níveis de escolaridade.

Gráfico 36 – Média aritmética do número de ocorrências por entrevista do MDI 'olha' na variável escolaridade.



Com respeito à média aritmética, este MDI possui a média do número total de ocorrências de 19,23 ocorrências por entrevista e apenas um nível de escolaridade, A, é que possui uma média superior a esta média total. Seguindo a ordem dos níveis de escolaridade, como dito, o nível A é o nível com a maior média aritmética de todas, sendo esta de 34,36 ocorrências por entrevista. O nível B apresenta uma média de 17,59 ocorrências por entrevista. Já o nível C possui a média de 16,58 ocorrências por entrevista. Por fim, o nível D apresenta a média de 15,59 ocorrências por entrevista. Reiterando, a alta média do nível A demonstra que este nível apresenta uma maior utilização do MDI. Sendo assim, a ordem de crescimento das médias aritméticas é a seguinte: nível D < nível C < nível B < nível A.

1.4. Posição dos MDI no enunciado

Expusemos anteriormente nesta dissertação o conceito de intervenção e de turno. Como mencionado, no contexto desta dissertação, adotamos a perspectiva de Castilho (2002), Briz (2020) e Pons Bordería (2008). Estes afirmam que uma mudança de turno não é consequência de uma mudança de voz, mas sim está dependente de ser uma intervenção iniciativa ou reativa (Briz, 2020: 53-54; Pons Bordería, 2008: 146). A posição no turno dos MD é uma das características mais mencionadas para a definição de marcadores discursivos. Muitos autores (Van Dijk, 1979; Schiffrin, 1987; Franco, 1990) afirmam que a posição mais comum para os MD é a inicial. Portanto, alguns autores defendem que os MD são utilizados como iniciadores de uma intervenção (iniciativa ou reativa), ou seja, são iniciadores de turnos (Briz, 2020: 53-54; Pons Bordería, 2008: 146; Tusón, 2003: 58).

Assim sendo, decidimos analisar quantitativamente as posições (inicial, medial ou final) que os MDI aqui em análise ocupam. Como explicado no começo desta secção, os dados para esta análise em específico só podem ser considerados tendo por base o número de ocorrências dos MDI. Os exemplos seguintes ilustram cada uma das posições em que um MDI pode ocorrer. O exemplo (10) mostra a posição inicial, o (11) a posição medial e o (12) a posição final.

(10) Ent: E quantos sobrinhos é que tem?

Fal: **Ora bem**, dois, quatro, seis, sete. • •

(12H2A)

(11) Ent: • • Sendo que estava sempre a mudar de freguesia, • • achava que os miúdos sentiam muito quando se ia embora?

Fal: • • É depois depois a gente encontrava-se, e ((incompreensível)) às vezes, por exemplo. • • Eu nunca andei muito do... • • **Olha**, eu foi professora em sítios que até fica/ • • eu fui/ eu estive ali no bairro da Alegria.

(90M4D)

(12) Fal: Depois a casa é grande, a gente sobe e desce, sobe e desce. A gente fica cansada ou **olhe**.

Ent: • • E a senhora gosta de cozinhar por exemplo?

(71M3B)

A tabela seguinte, 20, apresenta o número de ocorrências de cada um dos MDI, e formas, para cada uma das posições que um MDI pode ocupar: inicial, medial ou final.

Tabela 20 - Número de ocorrências dos MDI 'ora bem' e 'olha' e das formas 'olha' e 'olhe' em função da posição que ocupam no turno.

	MDI		Forma	
	Ora bem	Olha	Olhe	Olha
Posição Inicial	74	262	219	43

Posição Medial	81	1148	722	426
Posição Final	2	13	11	2
Total	157	1423	952	471

Numa primeira análise global da tabela 20, é possível retirar duas conclusões. Primeiro, das três posições, existe uma posição que se destaca das demais pelos seus baixos valores, a posição final. Segundo, existe uma convergência relativamente à posição preferencial das expressões aqui em análise. Já ao analisar detalhadamente a tabela nota-se que o MDI 'ora bem' e a forma 'olha' apresentam 2 ocorrências na posição final da intervenção, ao passo que, a forma 'olhe' e o MDI 'olha' apresentam números de ocorrências mais elevados, com 11 e 13 ocorrências, respetivamente. Estes dados, apesar de mais elevados em comparação com os valores de 'ora bem' e da forma 'olha', continuam a ser igualmente baixos quando comparados com o número de ocorrências das outras posições.

Por sua vez, a posição inicial da intervenção mostra um aumento significativo do número de ocorrências de cada um dos MDI, em comparação com os dados da posição final. O MDI 'ora bem' ocorre 74 vezes na posição inicial. Já a forma 'olhe' ocorre 219 vezes e a forma 'olha' apresenta 43 ocorrências. Estas ocorrências das formas totalizam as 262 ocorrências do MDI 'olha'.

Quanto à posição medial da intervenção, esta classifica-se como sendo a posição com os valores mais elevados. Os MDI apresentam valores mais elevados, mais ou menos significativos, comparados com a posição inicial. Isto significa que a posição medial é a posição preferencial dos MDI aqui em análise. Sendo assim, o MDI 'ora bem' apresenta o número de ocorrências mais baixo desta posição, sendo este 81 ocorrências. Já a forma 'olhe' ocorre 722 vezes nesta posição e a forma 'olha' apresenta 426 ocorrências. Estes valores totalizam as 1148 ocorrências do MDI 'olha' na posição medial.

Os gráficos seguintes, 37, 38, 39 e 40, apresentam as frequências relativas percentuais do número de ocorrências de cada MDI, e forma, de cada uma das posições na intervenção. O gráfico 37 mostra os valores do MDI 'ora bem'. O gráfico 38 mostra os valores do MDI 'olha'. O gráfico 39 mostra os valores da forma 'olhe'. Finalmente, o gráfico 40 mostra os valores da forma 'olha'.

Gráfico 37 - Frequência relativa do número total de ocorrências do MDI 'ora bem' quanto à posição no enunciado.

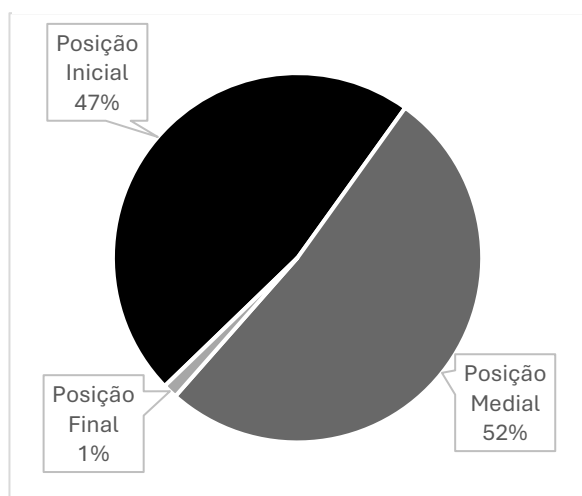


Gráfico 38 – Frequência relativa do número total de ocorrências do MDI 'olha' quanto à posição no enunciado.

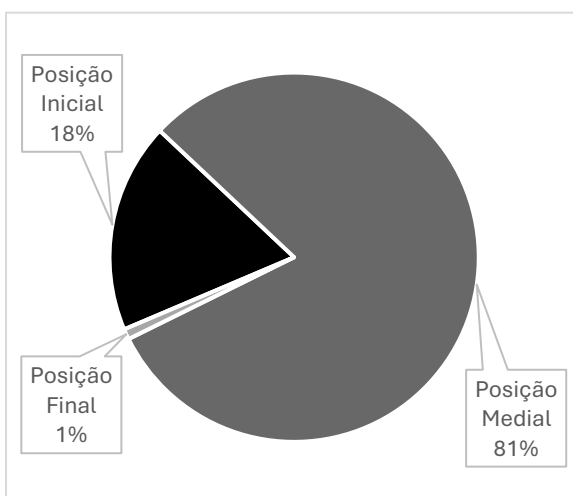


Gráfico 39 - Frequência relativa do número total de ocorrências da forma 'olhe' quanto à posição no enunciado.

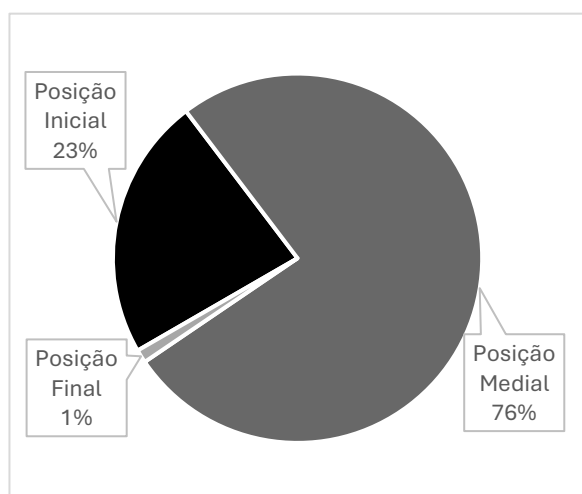
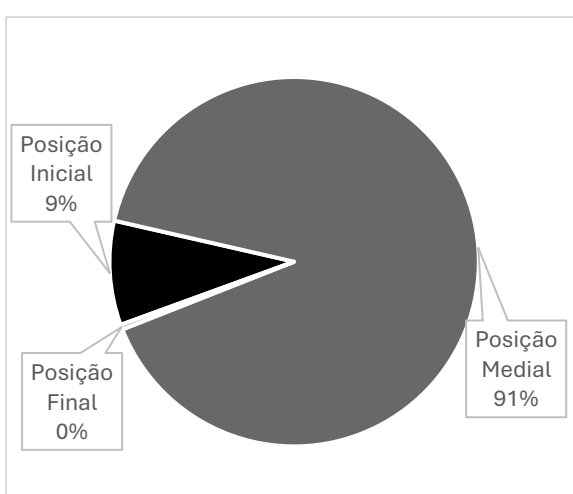


Gráfico 40 – Frequência relativa do número total de ocorrências da forma 'olha' quanto à posição no enunciado.



O gráfico 37, gráfico do MDI 'ora bem', apresenta as 2 ocorrências do MDI na posição final a representar 1% do valor total do número de ocorrências. Segue-se as 74 ocorrências na posição inicial como responsável por 47%. Os restantes 52% são representados pelas 81 ocorrências do MDI 'ora bem' na posição medial.

Por sua vez, o gráfico 38, gráfico do MDI 'olha', mostra que as 13 ocorrências do MDI na posição final representam 1%. Já as 262 ocorrências na posição inicial representam 18% do número de ocorrências e as 1148 ocorrências na posição medial representam os restantes 81% do valor total. Isto significa que o número de ocorrências na posição final, apesar de ser o maior valor desta posição, é muito baixo em

comparação com os restantes números de ocorrências do MDI, 262 e 1148 ocorrências, nas outras posições, inicial e medial, respetivamente. O que torna a sua percentagem tão baixa quanto as percentagens da posição final dos restantes gráficos.

Quanto aos gráficos 39 e 40, estes dizem respeito às formas 'olhe' e 'olha', respetivamente. O gráfico 39 mostra que as 11 ocorrências da forma 'olhe' na posição final representam 1% do número total de ocorrências desta forma. Segue-se as 219 ocorrências na posição inicial, que representam 23% do valor total. Finalmente, as 722 ocorrências na posição medial representam os restantes 76% do número de ocorrências.

O gráfico 40 distingue-se dos demais gráficos. Isto deve-se ao facto de que, como mostrado, a forma 'olha' ocorre 2 vezes na posição final. Contudo, este valor é mais baixo quando comparado com as restantes ocorrências, 43 ocorrências na posição inicial e 426 ocorrências na posição medial, o que torna a sua percentagem inexistente. Então, a frequência relativa da forma 'olha' é distribuída em: 9% que são representados pelas 43 ocorrências na posição inicial e 91% que representam as 426 ocorrências na posição medial.

Portanto, as frequências relativas do número de ocorrências da posição final dos dois MDI, mostram que os valores apresentados na tabela 20 relativos à posição final tornam-se insignificantes percentualmente, mesmo quando consideramos os valores da forma 'olhe' e do MDI 'olha'. Estes, como mencionado, apresentam valores mais elevados em comparação com o MDI 'ora bem' e a forma 'olha'. Isto mostra que, apesar dos valores serem mais elevados, comparando com as restantes posições, a posição final não possui valores significativos percentualmente.

1.5. Discussão dos resultados

Iniciamos a discussão dos resultados obtidos nesta análise por primeiro discutir sobre o viés muitas vezes já mencionado, tanto nesta análise quantitativa como na secção 3.1 do Capítulo I. Como se pode observar na figura 2, retirada do website do *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, o *corpus* tinha como objetivo inicial entrevistar 96 pessoas. Dessa forma, este seria dividido em 48 entrevistas masculinas e 48 entrevistas femininas, consequentemente, as faixas etárias possuiriam 24 entrevistas cada e os níveis de escolaridade também possuiriam 24 entrevistas cada.

IDADE	Faixa 1		Faixa 2		Faixa 3		Faixa 4	
SEXO	H	M	H	M	H	M	H	M
EDUCAÇÃO								
Grau A	X	X	X	55	22	67	34	79
	X	X	X	X	X	68	35	80
	X	X	12	X	X	69	X	81
Grau B	1	46	13	58	25	70	37	82
	2	47	14	59	26	71	38	83
	3	48	15	60	27	72	39	84
Grau C	4	49	16	61	28	73	X	85
	5	50	17	62	29	74	X	86
	6	51	18	63	30	75	X	87
Grau D	7	52	19	64	31	76	43	88
	8	53	20	65	32	77	44	89
	9	54	21	66	33	78	45	90

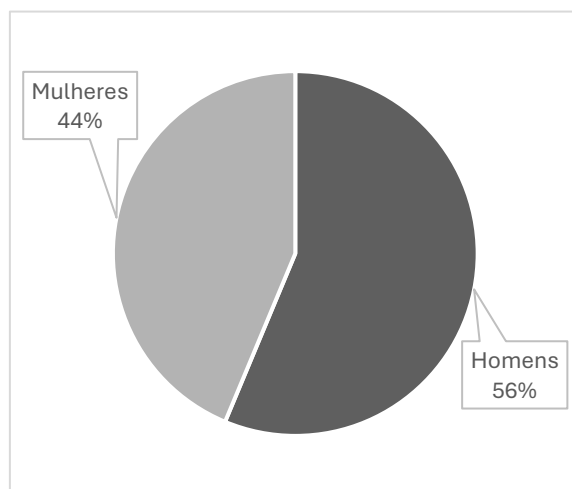
Figura 2 - Tabela da distribuição das entrevistas do PSFB, retirada do *website* do mesmo.

Contudo, como já referimos e como mostrado na figura anterior, o PSFB não apresenta um número igualitário entre as categorias de cada variável. Portanto, considerando a possibilidade de que o desequilíbrio do número de entrevistas do PSFB influenciou os resultados aqui mostrados até agora, propomos o seguinte exercício:

Na variável sexo, o MDI 'ora bem' apresenta os seguintes dados: 76 ocorrências em 16 entrevistas masculinas, o que dá uma média aritmética de 4,75 ocorrências por entrevista; e 81 ocorrências em 22 entrevistas femininas, o que dá uma média aritmética de 3,68 ocorrências por entrevista. Levando em consideração estes dados, quais seriam os números de ocorrências de cada sexo deste MDI, caso as 96 entrevistas, 48 entrevistas masculinas e 48 entrevistas femininas, tivessem sido realizadas?

Mediante um cálculo básico, uma regra de três simples, descobre-se que, se o MDI 'ora bem' ocorresse nas 48 entrevistas masculinas, o número de ocorrências do mesmo seria, aproximadamente, 228 ocorrências. Já, quando calculada a regra de três simples para as 48 entrevistas femininas, descobre-se que o MDI apresentaria, aproximadamente, 177 ocorrências. Assim como realizado anteriormente para cada variável sociolinguística, o gráfico 41 mostra a frequência relativa percentual destes valores apresentados.

Gráfico 41 - Frequência relativa do número de ocorrências 'ora bem', caso o número de entrevistas de cada sexo fosse 48 entrevistas.



Relembramos, primeiro, as percentagens do número de ocorrências do MDI 'ora bem' apresentadas no gráfico 2 da secção 1.1. Este gráfico mostrava os homens como responsáveis por 48% das ocorrências e as mulheres como responsáveis pelos restantes 52%. Portanto, divergindo dos valores deste MDI, como é possível observar no gráfico 41, a frequência relativa destes valores divide-se em: 56% das ocorrências seriam realizadas pelo sexo masculino, enquanto que os restantes 44% das ocorrências seriam realizadas pelo sexo feminino. Logo, estas ocorrências de 'ora bem', caso tivessem sido realizadas as 48 entrevistas de cada sexo (228 ocorrências em entrevistas masculinas e 177 ocorrências em entrevistas femininas), comprovam que, de facto, para este MDI, em função da variável sexo, o número desigual de entrevistas influencia os resultados. Caso o PSFB tivesse conseguido atingir o seu objetivo inicial, o MDI 'ora bem' iria classificar, de acordo com este exercício, o sexo masculino como o maior utilizador do mesmo.

O mesmo exercício poderia também ser feito em relação às variáveis idade e escolaridade, porém, escolhemos apenas realizá-lo no que conta a variável sexo do MDI 'ora bem'. O motivo da escolha deste exemplo em específico deve-se a duas razões: primeiro, a escolha da variável sexo permite uma melhor visualização quanto à influência do desequilíbrio do número de entrevistas, por ser uma variável com apenas duas categorias, homens e mulheres; segundo, o MDI 'ora bem' foi o único que apresentou médias aritméticas, em função da variável sexo, que divergiam dos valores registados relativamente ao número de entrevistas e ao número de ocorrências.

Portanto, e tendo em consideração o reconhecimento feito acima relativamente à influência dos resultados, centramo-nos agora nos resultados efetivamente obtidos nesta análise. No que concerne aos valores totais dos MDI aqui em análise, o MDI 'ora bem' caracteriza-se por ser o marcador com os dados de menor valor, tanto quando ao número de entrevistas como ao número de ocorrências (157 ocorrências em 38 entrevistas). Estes dados contrastam com os do MDI 'olha', que por sua vez apresenta números bastante elevados, com 1423 ocorrências em 74 entrevistas. Ou seja, este marcador encontra-se ausente em apenas 6 entrevistas do PSFB. Quanto às duas formas deste marcador, estas diferem entre si relativamente aos valores. 'Olha' apresenta um número total de entrevistas maior que a forma 'olhe' ('olha' ocorre em 65 entrevistas e 'olhe' ocorre em 57 entrevistas). Contudo, acontece o inverso relativamente ao número de ocorrências, sendo 'olhe' a forma que ocorre mais vezes ('olha' ocorre 471 vezes e 'olhe' ocorre 952 vezes). Estes valores mostram que, apesar de 'olhe' não ocorrer em tantas entrevistas em comparação com 'olha', 'olhe' tem uma maior tendência para ocorrer.

A diferença de valores entre as formas 'olha' e 'olhe' pode ser explicada tendo em consideração o outro indivíduo da interação, neste caso, as entrevistadoras. Como já referimos, as entrevistas do PSFB enquadram-se no registo coloquial periférico, ou seja, apesar de possuírem temáticas sobre o quotidiano, as entrevistadoras gerem a conversa. Então, o alto número de ocorrências da forma 'olhe', em comparação com a forma 'olha', reflete essa distância entre os dois interlocutores da interação. Contudo, como também mencionamos anteriormente, o PSFB teve a contribuição de estudantes bolsistas. Essa contribuição concretizou-se a partir das transcrições das entrevistas, assim como, das próprias entrevistas. Isto é, as estudantes, que fizeram o papel de entrevistadoras, eram mulheres jovens licenciadas que, tendo em conta as faixas etárias estabelecidas para o *corpus*, pertenciam à primeira faixa etária, 15 a 25 anos. Quanto à variável sexo, os valores apresentados não mostram alguma influência na diferença do número de ocorrências das formas 'olha' e 'olhe'. No entanto, as variáveis idade e escolaridade mostram resultados diferentes. Ambas as formas apresentam a faixa 1 como tendo o menor número de ocorrências ('olha' mostra 49 ocorrências e 'olhe' mostra 2 ocorrências), mas a diferença de ocorrências entre a faixa 1 e a seguinte de menor valor (faixa 2 para ambas as formas) é significativa. A forma 'olha' apresenta uma diferença de 65 ocorrências a mais entre a faixa 1 e a faixa 2. Já a forma 'olhe' apresenta uma diferença de 215 ocorrências a mais entre as mesmas faixas. O baixo número de ocorrências da forma 'olhe' em entrevistas da faixa 1, e, em comparação, o alto número de ocorrências da forma 'olha' na mesma faixa, mostra que os falantes da faixa 1 preferiram ter em consideração o facto da entrevistadora ser alguém pertencente à mesma faixa etária. Logo, por ser considerada mais coloquial, os falantes da faixa 1 utilizaram a forma 'olha'. No que respeita a variável

escolaridade, a diferença do número de ocorrências das formas recai sobre o nível D, licenciados. Os valores mostram que o nível D é o maior utilizador da forma 'olha', com 135 ocorrências. Em contraste, o nível D é o menor utilizador da forma 'olhe', com 208 ocorrências. Isto significa que, assim como os falantes da mesma faixa etária, os falantes do nível D reconheceram as entrevistadoras como pertencentes ao mesmo nível que eles, preferindo, assim, a forma 'olha'.

No que respeita à variável sexo, os MDI apresentam o sexo feminino como sendo o maior utilizador destes. No caso do MDI 'olha', estes resultados são corroborados pelas suas médias aritméticas, pois, estas convergem com os dados obtidos para os números de entrevistas e os números de ocorrências. A única exceção ao caso é a média aritmética do MDI 'ora bem', que motivou a realização do exercício anterior. Acima afirmamos que os dados das formas do MDI 'olha' relativamente à variável sexo não apresentavam influência quanto à utilização preferencial de alguma destas formas. Porém, nesta dissertação e a partir do PSFB, não é possível averiguar se o sexo feminino apresenta valores de utilização mais elevados porque assim o é, ou se o facto das entrevistadoras serem mulheres influencia estes números elevados, visto que, não houve entrevistadores masculinos. No entanto, Freitag et al. (2017) mostram que as situações de interação simétrica para as mulheres, ou seja, de mulher para mulher, e as situações de interação assimétrica para homens, ou seja, de homem para mulher, têm uma maior tendência para a utilização de MDI. Por sua vez, Matei (2011) também analisa os contextos de interação simétricos e assimétricos. Conclui que as mulheres utilizam mais MDI e têm preferência por um discurso menos direto, constituído de inferências e implicaturas (2017: 219). Portanto, o estudo de Matei corrobora o estudo de Lakoff (1973) mencionado na secção 1.1 deste subcapítulo.

Relativamente à idade, os MDI apresentaram ambos um padrão claro. Os dois MDI mostram a faixa 1 como a faixa com o menor número de ocorrências no menor número de entrevistas. Quanto ao valor máximo, o MDI 'ora bem' e a forma 'olha' apresentam a faixa 3 como tendo o maior número de entrevistas. Por outro lado, a forma 'olhe' e o MDI 'olha' apresentam a faixa 4 como tendo o maior número de entrevistas. Contudo, os dois MDI apresentam a faixa 3 como possuindo o maior número de ocorrências. Logo, na generalidade, podemos afirmar que a ordem de crescimento da utilização destes MDI pelas faixas etárias é a seguinte: faixa 1 < faixa 2 < faixa 4 < faixa 3. No entanto, a primeira faixa etária apesar de não ser a faixa com a maior diferença de idades, engloba falantes exclusivamente estudantes e também falantes já inseridos no mundo profissional, o que possivelmente influencia os resultados globais já que o discurso é construído tendo em consideração quem é o ouvinte (Briz, 2020). Por sua vez, a segunda faixa etária, 26 a 59 anos, apresenta uma diferença de 33 anos entre as idades,

mínimas e máximas. Apesar do conceito de geração, e, consequentemente, a dúvida de quantos anos constituem uma geração, ainda estar a ser discutido atualmente sobretudo devido ao avanço da tecnologia, Weller (2010) evoca Mannheim (1964) que afirma que a maioria dos investigadores considera que uma geração constitui 30 anos e, assim como o discurso, este valor irá ser alterado devido a condições sociais e culturais, já que há investigadores que consideram que uma geração constitui 15 anos, exemplo desta opinião seria Dromel. Logo, podemos afirmar que a segunda faixa etária contém duas gerações diferentes, o que poderá também influenciar os dados.

Divergindo das outras variáveis, a variável escolaridade não apresenta uma tendência tão evidente, já que não apresenta uma ordem geral de crescimento. Dessa forma, percebe-se que a escolaridade é a mais afetada pela distribuição desequilibrada das entrevistas. Relembrados de novo que as entrevistas se distribuem em: 11 entrevistas do nível A, 24 entrevistas do nível B, 21 entrevistas do nível C e 24 entrevistas do nível D. Logo, nível A é o nível que possui o menor número de entrevistas, 11, contudo, quanto ao número de ocorrências e à média aritmética, este possui valores altos. Estes classificam-no como sendo o nível com o valor mais elevado, ou como o nível com o segundo valor mais elevado. Assim sendo, como o MDI 'ora bem' apresenta um número de ocorrências baixo, comparando com o MDI 'olha', a distribuição desequilibrada não se reflete tanto neste MDI, já que, 'ora bem' apresenta o nível A com o maior número de entrevistas e de ocorrências. Por outro lado, o MDI 'olha', na generalidade, não mostra valores altos no que respeita às entrevistas e às ocorrências. Porém, existe uma exceção, a forma 'olhe' apresenta o mesmo número de ocorrências para os níveis A e B. Tendo em atenção estes dois aspetos, o MDI 'olha' e, consequentemente, as suas duas formas, apresentam o nível A com a maior média aritmética dos restantes níveis. Considerando o exercício realizado anteriormente, é possível afirmar que como o nível A apresenta o maior número de ocorrências por entrevista, a distribuição das entrevistas do PSFB influenciou estes resultados. Visto que, se o número de entrevistas fosse similar entre os níveis, o nível A apresentaria um número de ocorrências maior. Nesse sentido, apesar de não haver uma tendência evidente da utilização destes MDI em função da variável escolaridade, podemos afirmar que, de forma geral, níveis mais baixos de escolaridade têm uma maior tendência a usar os MDI 'ora bem' e 'olha'.

Finalmente, a respeito da posição dos MDI no enunciado, a posição final destaca-se das demais. Esta posição não é a preferível pelas expressões aqui em análise⁵. Analisando comparativamente os dois MDI, o MDI 'olha' tem uma maior tendência a ocorrer em posição final. Contudo, comparando os valores desse MDI nas três posições, a sua vantagem na posição final em relação ao MDI 'ora bem' não é significativa. Por sua vez, a posição inicial apresenta valores mais elevados que a posição final. Porém, não é a posição com o maior número de ocorrências. No caso do MDI 'ora bem', ocorre de forma similar nas posições inicial e medial, ou seja, 'ora bem' não apresenta uma preferência significativa por uma das posições. Já o MDI 'olha' apresenta uma preferência por ocorrer no meio do enunciado. Os seus valores altos na posição medial são significativos quando comparados com os valores que apresenta para a posição inicial. Esta preferência em ocorrer na posição medial do MDI 'olha' é justificada quando atentamos no facto de que este MDI é muito utilizado para iniciar o discurso direto relatado. Como Marques (2015) explica, este MDI é usado para introduzir o início de uma história passada do falante, que não aconteceu necessariamente da forma como explica, mas de forma parecida. Contudo, Marques não menciona a distinção que fazemos aqui entre as formas 'olha' e 'olhe'. Então, não é possível afirmar ainda o quanto número elevado das ocorrências das formas em posição medial é constituído por ocorrências que iniciam o discurso direto relatado. Esta questão será retomada na análise qualitativa desta dissertação. Relativamente ao número de ocorrências em posição inicial das formas 'olha' e 'olhe', existe uma diferença de 176 ocorrências a mais da forma 'olhe'. Encontra-se aqui presente a questão já mencionada de as entrevistas do PSFB serem no registo coloquial periférico. A forma 'olhe' apresenta mais ocorrências na posição inicial, pois, essas, em princípio, direccionam-se à entrevistadora. Logo, através do número de ocorrências de 'olhe' em posição inicial, percebe-se que os falantes entendem que é a entrevistadora que rege a interação. Posto isto, em geral, os dois MDI apresentam a posição medial com o maior número de ocorrências. Isto significa que os MDI 'ora bem' e, especialmente, 'olha' não possuem a característica tão mencionada por investigadores como Schiffrin (1987) e Franco (1990).

2. Análise qualitativa

Nesta secção centramo-nos na análise qualitativa. O nosso intuito com esta análise é apresentar os dados que posteriormente nos ajudarão a responder às perguntas de investigação propostas, nomeadamente,

⁵ Contudo, é necessário mencionar que apesar de não se encontrar em análise nesta dissertação, tendo em conta a pesquisa prévia realizada no corpus PSBF, percebe-se que as formas 'sabe' e 'sabes' e, especificamente, 'não é' apresentariam uma maior tendência a ocorrerem em posições mediais e finais. Motivo para tal é o facto de que estes marcadores atuarem como uma tentativa do locutor de procurar a validação do alocutário e de transformar o conhecimento individual em compartilhado.

às perguntas de investigação do âmbito discursivo-textual dos MDI. Para tal, iremos analisar os MDI 'ora bem' e 'olha', tendo em atenção duas das suas formas, 'olha' e 'olhe'.

Com esse propósito, relembramos uma característica dos MD elencada por Freixeiro Mato (2016) e por Martín Zorraquino e Portolés (1999), que afirmam que os marcadores são unidades invariáveis. Ou seja, estes investigadores defendem a invariabilidade morfológica dos marcadores. Contudo, como os MD são uma categoria heterogênea influenciada pela gramaticalização, essa característica não pode ser sempre considerada. Passamos agora a fazer uma análise rápida aos MDI 'ora bem' e 'olha' à luz dessa característica.

Marques e Sánchez Rei (2020) estudaram o marcador 'ora bem', em comparação com os equivalentes em espanhol, '*ahora*' e '*ahora bien*'. Esta comparação foi necessária para saber se, como mencionado acima, 'ora bem' seria um marcador ou a junção de dois marcadores. No estudo, os investigadores concluem que, perante os dados que analisaram, 'ora bem' atua como um marcador discursivo independente de 'ora'. A principal característica que desvincula 'ora bem' de 'ora' é a ocorrência de pausas. Como explicam, 'ora bem':

Caracteriza-se pela ocorrência sistemática entre pausas, ao contrário de *ora* que, tendo pausa à esquerda, nem sempre é seguido de pausa. Esta é uma característica fundamental, dado que *ora bem* marca uma pausa clara na sequencialidade para repensar a atividade discursiva. (Marques e Sánchez Rei, 2020: 457)

Portanto, apesar de 'ora bem' ser um exemplo da possibilidade dos MD serem constituídos por uma ou mais palavras, este marcador não apresenta uma variação morfológica. Logo, consideramos, nesta dissertação, que o MDI 'ora bem' é sim uma unidade invariável. Porém, Marques e Sánchez Rei mencionam, em nota de rodapé, que esta dúvida relativamente a 'ora bem' ainda se mantém, sobretudo, quando se considera a língua espanhola e os MD '*ahora*' e '*ahora bien*' (2020: 444).

Contudo, no que concerne o MDI 'olha', a sua variabilidade morfológica, aqui em específico, a variação entre a forma da segunda pessoa e da terceira pessoa, é o principal motivo para não considerarmos este MDI como uma unidade invariável. Encontramo-nos perante uma partícula que sofre um processo de gramaticalização, passando de verbo a MDI. Já referimos nesta dissertação que existem mais estudos brasileiros relativos aos MD do que estudos portugueses, devido à quantidade de investigadores a mais na área. Assim sendo, essa disparidade quanto ao número de estudos é notável também relativamente ao MDI 'olha'. Estes dois países possuem uma língua em comum, contudo, por serem variedades

diferentes, a língua evolui também de forma diferente. No que respeita a gramaticalização deste MDI no Brasil, diversos estudos brasileiros (Rost, 2002; Carvalho e Gomes, 2017; Santana, 2018; Oliveira e Sambrana, 2020; Dantas e Sousa, 2024) demonstram o processo de gramaticalização deste marcador. Porém, apenas Carvalho e Gomes (2017) e Santana (2018) desenvolveram estudos também relativos à forma ‘olhe’. Ou seja, apesar de haver mais estudos do MDI no Brasil, a quantidade de estudos que analisam a forma ‘olhe’ é menor do que a quantidade que analisa a forma ‘olha’. Porém, é possível afirmar que o processo de gramaticalização de ‘olha’ já se encontra completo, no Brasil, pois, o marcador já atingiu a última etapa de gramaticalização, a redução vocálica. Por exemplo, Carvalho e Gomes (2017) mencionam ‘oh’ como uma redução vocálica de ‘olha’, por isso, nesse estudo, têm em consideração as variáveis ‘oh’, ‘olha’ e ‘olhe’. Porém, o mesmo não pode ser dito no que respeita o português europeu, não existe ainda o reconhecimento de ‘oh’ como redução vocálica do MDI.

Por esse motivo, para esta dissertação, analisámos apenas as formas ‘olha’ e ‘olhe’. Considerando então estas duas formas, nota-se que ambas se encontram em diferentes etapas de gramaticalização, no que respeita o português europeu. A forma ‘olha’ distingue-se da forma ‘olhe’, pois o processo de gramaticalização da mesma já se encontra mais avançado. Esta diferença entre as formas é encontrada quando existe, na mesma interação, uma variação entre a utilização das mesmas. Por exemplo, numa interação entre duas pessoas com uma diferença de idade considerável, espera-se que se mantenha um certo nível de formalidade entre ambas. Essa formalidade é realizada através de formas de tratamento, como, ‘senhor’, ‘senhora’ e ‘você’, e também através de verbos conjugados na terceira pessoa do singular, neste caso, ‘olhe’. No entanto, assim como iremos mostrar e desenvolver na secção “Discussão dos Resultados”, existem momentos em que os informantes mantêm essa formalidade, enquanto também utilizam, ou “deixam escapar”, ‘olha’, ou seja, a segunda pessoa do singular. O facto de que ‘olha’ “escapa” do registo formal que adotaram para comunicarem demonstra que o nível de gramaticalização de ‘olha’ já se encontra elevado.

Posto isso, achamos importante mencionar o significado do verbo ‘olhar’ no dicionário. Assim, o Dicionário da Língua Portuguesa apresenta umas das definições do verbo ‘olhar’ como “dirigir a vista, os olhos para alguém ou para alguma coisa”. Pretendemos fazer uma ligação com a classificação que Martín Zorraquino e Portolés (1999) fazem, mencionando uma subcategoria de marcadores conversacionais, que intitulam de *focalizadores da alteridade*. Estes marcadores orientam para a interação social entre os interlocutores, como explicam, “expresan (...) estrategias de cooperación entre los participantes en la conversación” (1999: 4171-4172). Isto é, estes marcadores estão ao serviço da

relação interacional. Por esse motivo, Briz (2020) apelida este grupo de *marcadores metadiscursivos de controlo do contacto*, que cumprem principalmente a função expressivo-apelativa e fática (2020: 225). Então, estes marcadores são utilizados com o intuito de, por exemplo, chamar a atenção do alocutário ou verificar se a intervenção está a ser compreendida pelo alocutário. Este caráter interacional destes marcadores torna-os em focalizadores. Como, nesta dissertação, estamos a estudar marcadores discursivos interacionais, então, estes atuam maioritariamente como focalizadores. No caso do MDI ‘olha’ em específico, essa função focalizadora é reforçada pelo traço semântico de direcionalidade mencionado no significado do verbo. Isto significa que a maioria dos excertos que apresentamos onde o MDI ‘olha’ ocorre, este atua como um focalizador e como umas das outras funções que analisaremos de seguida, como, por exemplo, um reforço contra-argumentativo. O excerto (13) é um exemplo onde o MDI é utilizado como focalizador que retém o seu valor semântico, pois, ‘olha’ chama à atenção da pessoa com quem o informante conversa sobre a situação da cozinha:

- (13) Fal: • • Vou para a cozinha ela é logo desastre, pronto, isso. • • • É bacias, é tachos, é tudo para lavar. Então quando ela me embirra a cabeça sou capaz de tirar os pratos tudo para pôr na banca. - **Olha**, está tudo sujo, cheio de farinha.

(12H2A)

Deste modo, iremos analisar estes dois MDI, ‘ora bem’ e ‘olha’ tendo em consideração sete funções. As funções são as seguintes: marcadores de estruturação da informação; marcadores de reformulação; o valor mostrativo do MDI ‘olha’; reforço contra-argumentativo; ‘olha que’ como introdutor de atos de fala diretivos e expressivos; e, por fim, sinalizadores do discurso direto relatado. As duas primeiras funções concernem a ambos os MDI, enquanto que as restantes cinco dizem respeito ao MDI ‘olha’. Porém, antes de realizar a análise, desenvolvemos o tópico intitulado “Oh e Ó: interjeição ou redução vocálica?”, onde mostramos algumas ocorrências das expressões ‘oh’ e ‘ó’ nas entrevistas do PSFB.

2.1. Oh e Ó: interjeição ou redução vocálica?

O Dicionário da Língua Portuguesa define ‘interjeição’ como “palavra que exprime um súbito sentimento ou sensação de prazer, de dor, de alegria, de admiração”. Isto é, a interjeição possui um cunho

emocional, que, numa interação, é acompanhada pela prosódia. Além disso, investigadores com Van Dijk (1979), Schiffrin (1987) e Martin Zorraquino e Portolés (1999) afirmam que os MD possuem contornos prosódicos, ou seja, estão dependentes da entoação utilizada ao proferi-los. Isto significa que independente de ‘oh’ e ‘ó’ serem interjeições ou reduções vocálicas, ambas as opções relacionam-se intrinsecamente com a entoação.

É possível encontrar ocorrências das duas expressões nas entrevistas do PSFB. Contudo, é necessário mencionar que devido à incongruência das transcrições das entrevistas, dependendo do contexto, ‘oh’ e ‘ó’ são utilizados como sendo a mesma expressão, nomeadamente, no que respeita a expressão ‘Ó/Oh pá’. Como é possível observar nos excertos (14) e (15).

- (14) Fal: Eu não... • • • **Ó pá**, repara, é por essas e por outras que também a gente não avança, não é?

(54M1D)

- (15) Fal: Sobre energia e/ geotermia, eólica. • • Falamos de tudo. • • Sidas que tem. • • **Oh pá**, saímos de lá com • • com experiência, já.

(02H1B)

Considerando apenas a expressão ‘ó’, e descartando as suas poucas ocorrências similares às do excerto (14), esta expressão é utilizada, pelos falantes do PSFB, como uma partícula que acompanha formas de tratamento. Ou seja, é uma partícula que se conecta ao vocativo para enfatizar a chamada de atenção, como, por exemplo, no excerto (16).

- (16) Fal: • • ele veio falar comigo e disse assim: - **Ó ó** tia/ olha, **ó** madrinha, • • tu se não te importas • • ((hesitação)) podias ficar com a...

(67M3A)

No que respeita a expressão 'oh', esta pode ser encontrada junto do MDI 'olha', como mostrado no excerto (17). Se fosse num contexto dialogal, esta ocorrência poderia ser interpretada como uma tentativa de tomada de vez. Contudo, neste contexto específico, tendo em atenção todas as pausas e hesitações que preenchem a intervenção, a repetição de 'oh' pode ser mais uma hesitação para depois dizer "olha". As hesitações da informante demonstram a dificuldade desta de fornecer o exemplo que quer. Por esse motivo, este 'oh' não seria nem uma interjeição nem a redução vocálica.

- (17) Fal: • • E, digamos, você fala da maneira que sabe falar, não é? • • Não pode falar como eu falo. • • ((hesitação)) (Uma maneira)... Digo assim: - **Oh oh** olha, • • como é que eu hei de dizer qualquer coisa assim... • • Digamos • • ((hesitação)) • • - Tu ((hesitação)) vais ali?

(60M2B)

Porém, algumas ocorrências de 'oh', como a do excerto (18), mostram a possibilidade de 'oh' agir como a redução vocálica de 'olha'. Esta possibilidade é comprovada quando atentamos nas pausas, • •, da informante. Como demonstraremos na próxima secção, estas pausas e hesitações são características dos marcadores de estruturação da informação. Por esse motivo, neste caso, trocar 'oh' por 'olha' manteria todas as condições (intervenções reativas, pausas e hesitações) que tornam 'olha' num marcador estruturador.

- (18) Fal: Não faço muito uso de/ dos serviços da freguesia.
Ent: Hum, hum. Então porquê?
Fal: • • **Oh**, • • entro e saio de casa e e e... ((hesitação))

(58M2B)

Contudo, não é possível afirmar que as ocorrências de 'oh' são efetivamente ocorrências da redução vocálica do MDI 'olha'. É, no entanto, possível deixar como hipótese que pode ser de facto a redução vocálica do marcador.

Tendo em consideração a gramaticalização mencionada anteriormente, passamos agora à análise qualitativa dos MDI ‘ora bem’ e ‘olha’. Para realizar esta análise, precisamos de retomar os dados relativos à posição do enunciado, apresentados no subcapítulo anterior, “Análise quantitativa”. Neste demonstramos, a partir do número de ocorrências, que os MDI aqui em análise possuem uma preferência pela posição medial, segue-se a posição inicial e, por fim, a posição final, que apresenta um número de ocorrências baixo. Assim sendo, analisamos as funções e características destes MDI.

2.2. Marcadores de estruturação da informação

A categoria de marcadores estruturadores da informação é uma categoria consensual para a maior parte dos investigadores, nos textos que consultámos, e caracteriza-se por constituir uma categoria de marcadores que organizam o conteúdo do discurso. Levando em consideração as tipologias que já apresentamos, Martín Zorraquino e Portolés (1999: 4080) denominam a categoria de *estruturadores da informação* e Fraser (2009b: 892-893) chama-a de *marcadores de gestão do discurso*. Já, Adam (2008: 120) faz uma divisão tendo em conta o discurso textual e o discurso oral. Por esse motivo, Adam apelida esta categoria de *marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos*, afastando-a de outra categoria a que chama de *organizadores textuais*. O investigador afirma que, apesar das duas categorias serem similares, os *marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos* distinguem-se dos *organizadores textuais*, pois possuem “um tom enunciativo e interativo” (2008: 120). Por fim, na tipologia de Briz, estes marcadores enquadrar-se-iam nos *marcadores reguladores de início*, que se caracterizam por possibilitar ao falante uma pequena pausa no fluir do processo de verbalização para formular o seu enunciado (2020: 211).

Nos dados retirados do PSFB, estes estruturadores da informação tendem a ocorrer em intervenções reativas. Estas intervenções reativas fazem parte, normalmente, do par adjacente pergunta/resposta e são acompanhadas por uma passagem consentida de turno. Isto significa que uma boa parte das ocorrências apresentadas dos MDI ‘ora bem’ e ‘olha’ em posição inicial dizem respeito à função de estruturação do discurso.

Os excertos seguintes, (19), (20), (21), (22), (23) e (24), mostram os MDI ‘ora bem’ e ‘olha’ a atuarem como estruturadores da informação. Estes mostram que os entrevistados utilizam os MDI de forma a iniciar os seus turnos, ou seja, ‘ora bem’ e ‘olha’ marcam a tomada de vez, para, depois, efetivamente, responderem às perguntas da entrevistadora.

(19) Ent: Então nunca faz o Natal em sua casa, por exemplo, e junta os filhos todos?

Fal: **Ora bem** ((hesitação)), em antes dos filhos fazia, pois. Em antes dos filhos fazia. Não, agora • • geralmente • • geralmente vou sempre para para fora, lá para os filhos. Comer aos filhos.

(22H3A)

(20) Ent: Mas ((hesitação)) a dona Fernanda há pouco disse que que já viajou imenso. •
• Qual é que foi a viagem que a marcou mais?

Fal: • • • **Ora bem**, • • ((hesitação)) se falarmos em campos/ • • • no campo religioso, • • sem dúvida que foi a Terra Santa, • • Jerusalém. • • •
((hesitação)) E Jordânia. Na Jordânia não não não era parte religiosa, era • • só uma •
• paisagem. Que nós fomos ver a cidade de Petra, • • que é muito bonita. • • •
((hesitação)) Marcou-me bastante Jerusalém

(78M3D)

(21) Ent: Eutanásia, por exemplo: imagine que uma pessoa tem tem cancro está numa fase terminal, e decide pôr pôr fim à vida. • • Em vez de esperar para/ pela hora da morte...

Fal: **Ora bem...**

Ent: • • • Há pessoas que consideram a eutanásia como um suicídio.

Fal: • • Sim, mas eu acho que, pronto, ((hesitação)) lá está, a gente pensa assim: - Mais vale Nosso Senhor levá-los, mais vale dar uma uma uma injeção • • e ao menos não estar ali a sofrer

(13H2B)

Nos excertos (19), (20) e (21), observa-se que os turnos dos três entrevistados estão acompanhados de hesitações, reticências e pausas, representadas por • •, pois o locutor encontram-se no processo cognitivo de organização da sua intervenção reativa para a verbalizar. Estas pausas são as mencionadas

anteriormente por Marques e Sánchez Rei (2020), quando ‘ora bem’ é seguido por hesitações à direita com o propósito de os entrevistados organizarem o processo cognitivo. No excerto (19), ‘ora bem’ é utilizado como estruturador de um discurso de comparação entre o passado e o presente, quando, como o informante diz, festejava o Natal na sua casa, mas agora festeja nas casas dos filhos. Já no excerto (20), o MDI inicia o relato de acontecimentos passados, nomeadamente, viagens que a informante já fez.

O excerto (21) distingue-se dos demais por mostrar o MDI ‘ora bem’ a ser utilizado como uma única tomada de vez, de forma independente. Nesta entrevista, a entrevistadora inicia o tópico da eutanásia para descobrir o posicionamento do entrevistado em relação ao assunto. Como este demonstra desconhecer o termo, a entrevistadora explica em que consiste a eutanásia. Então, quando o informante inicia a sua intervenção de forma a tomar a vez através do MDI ‘ora bem’, o processo cognitivo encontra-se em desenvolvimento. A utilização do MDI permite um adiamento de uma resposta exata à intervenção da entrevistadora com o intuito de formular uma opinião concreta. Porém, como já mencionado, o MDI foi seguido de reticências, ou seja, houve uma hesitação. Por isso, é possível especular que essa hesitação fez a entrevistadora sentir a necessidade de intervir para desenvolver a sua explicação. Na última intervenção do informante, este inicia-a com um “Sim”. Este “sim” pode ser interpretado de duas formas. Primeiro, pode indicar uma concordância com intervenção anterior da entrevistadora, “Há pessoas que consideram a eutanásia como um suicídio”. Esta concordância indicaria que o informante já conhecia o conceito de eutanásia, mas apenas não conhecia o termo em si. Contudo, numa segunda interpretação, a sua tomada de vez mostra que o informante continua a tentar organizar o seu discurso. Este início da intervenção, “Sim, mas eu acho que, pronto, ((hesitação)) lá está”, é constituído por outros MD, expressões e uma hesitação como tentativa de não perder a vez. Portanto, é apenas depois do MDI ‘ora bem’, assim como o início dessa última intervenção que o processo cognitivo do informante se completa para verbalizar a sua opinião.

Atentando agora no MDI ‘olha’, os excertos (22), (23) e (24) mostram este MDI como um organizador. Especificamente, os excertos (22) e (23) mostram que, assim como os excertos referentes ao MDI ‘ora bem’, as intervenções das entrevistadas são repletas de pausas e hesitações. Estas refletem também o processo cognitivo mencionado. Estes excertos também mostram que o MDI ‘olha’ pode apresentar uma pausa à esquerda. Esta pode relacionar-se com o facto de as interlocutoras relatarem eventos passados; por isso, fazem uma pausa para lembrarem o que irão contar.

(22) Ent: • • E gostaste?

Fal: • • Sim. Ainda ainda espero fazer mais voluntariado, até ao final do ano.

Ent: • • E qual é que gostaste mais de ver?

Fal: • • • **Olha**, perdi a sessão de abertura. • • Acho que, • • essa aí, era m/ era m/ • • era bonito ter visto, mas estava doente nesse dia. Não fui. E tinha que estudar para Linguística.

(52M1D)

(23) Ent: • • • Disseste que que tinhas ajudado no Enterro?

Fal: • • Sim.

Ent: • • O que é que fazias?

Fal: • • • **Olha**, fui ajudar uma vez na na entrada a cortar bilhetes. • • • ((hesitação)) Mas, na altura, também me mandaram requisitar para • • para trabalhar na zona VIP, para servir • • finos e coisas assim aos VIPs, só que eu descartei-me • • que eu não me apetecia ir trabalhar mais.

(49M1C)

(24) Ent: • • Qual é o teu livro favorito ou o teu escritor?

Fal: • • • É é, como eu digo, eu não tenho não tenho assim...

Ent: • • Se pudesses escolher alguns?

Fal: **Olha**, era Camões, Fernando Pessoa. **Olha**, a Rowling, do Harry Potter, • • • Anne Rice, • • da Entrevista com o Vampiro.

(52M1D)

No excerto (22), conversam sobre iniciativas realizadas no ano em que a cidade de Braga foi a capital europeia da juventude. A informante explica que participou em algumas das iniciativas e que gostaria de ter participado em mais. Depois, como se observa, a entrevistadora pergunta qual iniciativa a informante gostou mais de ver. Porém, a resposta desta não corresponde exatamente à pergunta feita. O MDI 'olha'

inicia essa tomada de vez, tem como função interativa assinalar a tomada de vez e focalizar um tópico que não aborda diretamente a questão apresentada.

Por sua vez, os excertos (23) e (24) mostram o MDI 'olha' a introduzir uma enumeração. Isto é, as informantes utilizam 'olha' como tomada de vez e como iniciador de uma enumeração que irá responder à intervenção da entrevistadora. Em (23), essa enumeração relaciona-se com as diferentes posições em que a entrevistada esteve para ajudar no enterro, cortar bilhetes e servir na zona VIP. Em específico, em (24), 'olha' inicia uma enumeração relativamente a autores e livros favoritos da informante. A repetição do mesmo evidencia uma função focalizadora, salientando a enumeração mencionada.

2.3. Marcadores de reformulação

Das tipologias que apresentamos, os marcadores de reformulação são mencionados por Martín Zorraquino e Portolés (1999) e Adam (2008). Assim como o nome indica, estes marcadores indicam que o enunciado posterior irá reformular o enunciado anterior. Como Adam explica, os marcadores de reformulação “souligne[nt] (...) une reprise méta-énonciative qui est souvent une modification de pont de vue (...) et/ou elle associe à cette reprise un marquage comparable à celui des marqueurs d'intégration linéaire conclusifs” (2008: 119). Por sua vez, Martín Zorraquino e Portolés apresentam três subcategorias deste grupo, *reformuladores explicativos*, *reformuladores retificativos* e *reformuladores recapitulativos*. Os excertos (25), (26) e (27) mostram os MDI aqui em análise a atuarem como marcadores reformulativos.

(25) Fal: Se for a pé, vai... Não não vira para mais lado nenhum, vai sempre em frente.

Ent: Sempre em frente?

Fal: Sim.

Ent: Chego ao ((incompreensível)), sempre em frente?

Fal: Sempre em fren/ ((hesitação)) sempre em frente. É, Sempre em frente ((tosse)) sempre. Não, tem que virar. • • Sempre em frente. **Ora bem**, deixe-me lá ver, já me ((hesitação)) está a baralhar. Sempre em frente. • • • Sim, sempre em frente, sim. • • • Não, sempre em frente, não.

Ent: Então, passo pelo turismo e depois passo por onde? • • Diga algum ponto.

Fal: Tem que ir à tem que ir a • • tem que ir a/ • • à à beira da Cruz Vermelha, • • mais ou menos, desce para baixo, depois tem a/ ((hesitação)) vai/ caça ((hesitação)) a estrada. Vai sempre depois vai sempre em frente. Sameiro, Bom Jesus, Santa Marta.

(13H2B)

- (26) Fal: • • Ela ela/ eu faço ((hesitação)) • • domingo, no dia vinte sete, ((hesitação)) cinquenta e quatro e a Fátima fez em/ • • • no dia três de agosto • • cinquenta e quatro. Portanto, éramos diferença uma pouca duma outra... Era era. • •
- Não, mas eu agradeço... **Ora bem**, eu naquela altura, que era criança, ((hesitação)) revoltava-me contra a vida, porque via as minhas colegas, • • pronto, a ter uma liberdade que eu não tinha. • • Mas hoje dou valor a quem me criou, porque eu dei mulher, dei gente.

(55M2A)

- (27) Ent: • • Não gostas de jogar futebol?

Fal: Eu gosto de jogar futebol, mas não gosto assim tanto como ela. Ela come... **Olha**, ela chega • • chega... • • Ela às nove horas tem que estar • • na escola. • • Antes nós acordamos às seis horas, • • às seis e meia. • • Levantamo-nos daqui e vamos para a minha avó, por causa que a minha mãe tem que ir trabalhar. • • Então, ela daí toma o leite • • sete horas, • • sete, sete e um quarto, das sete e um quarto • • até às oito • • oito • • joga bola.

(01H1B)

O excerto (25) pertence a uma entrevista está a ocorrer na antiga freguesia da Sé e a entrevistadora pede ao entrevistado que lhe explique como chegar ao Bom Jesus. Da Sé até ao Bom Jesus são cerca de 2 horas a pé, então, o informante visualiza mentalmente o caminho como se realmente o estivesse a percorrer, com o intuito de fornecer as direções necessárias para a entrevistadora. Esta visualização mental é comprovada através das pausas e hesitações que faz, entre cada um dos passos que dá, ou seja, entre cada uma das enumerações que apresenta. Isto é, seguindo as instruções que fornece:

primeiro, anda-se sempre em frente; segundo, vira-se na rua; terceiro, continua-se sempre em frente até chegar à Cruz Vermelha; quarto, desce a rua até chegar à estrada; e quinto, continua-se sempre em frente. Por ser um caminho bastante longo, essas consecutivas repetições de “sempre em frente”, as pausas e as hesitações demonstram a dificuldade de o fazer. Por isso, inicia uma reformulação com o MDI “ora bem”, enfatizada pela expressão metadiscursiva “deixe-me lá ver já me está a baralhar”, de forma a reorganizar o seu raciocínio e, conseqüentemente, esse caminho mental que decidiu percorrer. Porém, a reformulação não é bem-sucedida, pois o informante continua a repetir a expressão “sempre em frente”, ao ponto de até mesmo se contradizer, “Sim, sempre em frente, sim” e “Não, sempre em frente, não”.

Já no excerto (26), retirado da entrevista 55, a informante fala sobre a sua infância. Apesar de ter tido contacto diário com a mãe, foi criada pela família onde, pelo que dá a entender, trabalhava. Por esse motivo, não foi criada da mesma forma que as filhas biológicas dessa família. Como é possível observar, na primeira vez que ‘ora bem’ é utilizado, é com o intuito de reformular o segmento anterior, “eu agradeço”. O uso do MDI marca uma pausa no processo de formulação e verbalização, para introduzir um enunciado de natureza metadiscursiva, em que a locutora comenta e corrige o próprio pensamento, ou seja, faz uma reconsideração relativamente à gratidão que sente. Por isso, explica que essa gratidão apenas foi desenvolvida quando adulta, ao passo que, quando criança, ficava revoltada com a situação. As pausas e hesitações na intervenção demonstram o processo cognitivo de formular o enunciado, já mencionado anteriormente.

No excerto (27), o MDI ‘olha’ tem função de reformulador. Isto é reforçado pelo facto de o entrevistado se interromper a si mesmo em “Ela come...”, ou seja, o entrevistado usa o ‘olha’ para centralizar e reorganizar o seu discurso. Dessa forma, inicia a descrição de uma rotina de maneira a comprovar o que afirmou no início da sua intervenção, ele gosta de jogar futebol, mas a irmã gosta mais. Ele recria mentalmente uma rotina que a irmã parece seguir, semelhante à visualização mental do excerto (25), como é possível deduzir através das pausas que faz durante a intervenção.

Portanto, tendo em consideração os três excertos apresentados, classificamo-los agora na tipologia de Martín Zorraquino e Portolés (1999). No excerto (25), ‘ora bem’ atua como um reformulador retificativo. O informante utiliza o MDI para tentar retificar o seu enunciado anterior. Porém, essa retificação não é bem executada, pois continua a repetir “Sempre em frente”. Igualmente, o excerto (26) também mostra um reformulador retificativo. Neste caso, a retificação é acompanhada e, conseqüentemente, realçada pela interrupção que o entrevistado faz a si próprio, “Ela come... Olha, ela chega”. Por fim, o excerto

(27) mostra o MDI 'ora bem' a atuar como um reformulador explicativo. A informante utiliza-o para explicar como desenvolveu a gratidão que menciona.

2.4. 'Olha' e o seu valor mostrativo

Como referimos inicialmente nesta dissertação, nos meados do século XX, houve uma mudança de paradigma, da linguística do sistema para a linguística do uso, uma linguística voltada para o uso que os falantes fazem da língua. O interesse pelo estudo da dêixis vai assim ser reforçado. A dêixis é uma categoria pragmática: "(...) tem o sentido de indigitação, mostração; usado no âmbito da descrição gramatical, o termo refere uma mostração de carácter verbal, o "gesto verbal" de apontar, chamando a atenção (...)" (Fonseca, 1996). A dêixis mostra a relação entre a língua e o contexto na medida em que mostra que a interpretação e o valor de verdade do enunciado em que ocorre depende do contexto. Convocámos esta categoria, porque o MDI 'olha' ocorre com frequência em enunciados, como nos excertos (28), (29) e (30).

(28) Fal: Tipo, ela estava na paragem • • em Aveleda. • • Sabe onde é que é?

Ent: Onde?

Fal: Aveleda.

Ent: • • ((hesitação)) Conheço a paragem do do comboio. ((risos))

Fal: Pro/ **olhe**, foi **aí** na paragem.

(02H1B)

(29) Fal: • • Acho que vive uma senhora viúva e, pronto, não vive mais ninguém. • •
Ai, vive vive. Vive a tal a senhora, a Chique, da Chique Malha. • • Vive e e não vive
mais ninguém.

Ent: • • • Esquisito. Nós há bocado também estivemos a fazer outra entrevista...

Fal: As casas estão fechadas. **Olhe, aqui**, nesta casa, • • viveu até há três
semanas uma senhora de noventa e cinco anos. • • Faleceu.

(87M4C)

- (30) Fal: Mas havia/ mas quando eu lá entrei • • havia lugares marcados. • • As meninas ricas comiam naquelas mesas, e aqui havia uma mesa muito comprida para as meninas pobres. • • Eu cheguei lá: - O que é aquela mesa comprida e assim? • • Para a funcionária: - **Olhe lá** • • o que é **aquilo** acolá **naquela** mesa? • • - Ai a irmã vai comer para aquela... - Não não vou. • • Eu vou comer quando me apetecer, eu não me apetece comer agora. [...] Entrou uma menina: - **Olha**, minha filha, vai **ali** para **aquela** mesa • • que era o lugar que estava marcado para mim, à beira das grandes, das universitárias. [...] E depois vinham as da universidade que vinham mais tarde: - **Olha** (vai) **aquela** mesa que está **ali**. • • Cortei a toalha, separei as mesas, • • tudo igual. Para mim, é tudo igual para todos.

(88M4D)

No que respeita este estudo, nota-se que quando o MDI 'olha' é utilizado em conjunto com um deítico, o marcador retém o valor semântico do verbo 'olhar'. No excerto (28), o valor semântico mantém-se através da utilização do deítico "aí", contudo, esse valor semântico é imaginativo. Nenhum dos entrevistados se encontra, naquele exato momento, na paragem que mencionam, então, o vestígio verbal da forma 'olhe' serve para contextualizar a entrevistadora sobre a zona que o informante fala, acentuado o caráter mostrativo, mas também fático do enunciado.

Por sua vez, no excerto (29), o valor semântico verbal do marcador é físico. Ou seja, esta entrevista ocorreu na rua e, é pertinente considerar que o deítico utilizado, "aqui", e reforçado pelo demonstrativo no sintagma preposicional "nesta casa", foi acompanhado por um gesto comunicativo. A forma 'olhe' serve como chamada de atenção, tanto para o que o informante diz, como para a casa em específico que menciona.

Por fim, assim como o excerto (29), o excerto (30) também mostra o MDI 'olha' a reter o valor semântico físico quando conjugado com os deíticos "lá", "aquilo", "naquela", "aquela" e "ali". A informante recorda os tempo em que trabalhou como diretora de um lar e utiliza o discurso direto relatado para contar sobre situações que passou na hora das refeições. Os deíticos apresentados podem ter sido acompanhados por gestos comunicativos, o que reforça o valor semântico do MDI.

2.5. Reforço contra argumentativo

Das tipologias que apresentamos, os investigadores Martín Zorraquino e Portolés (1999: 4080) e Adam (2008: 120-122) apresentam uma subcategoria de marcadores discursivos, que intitulam de *conectores contra-argumentativos*. Especificamente, Adam distingue entre *conectores contra-argumentativos de argumento fraco* de *conectores contra-argumentativos de argumento forte* (2008: 122). Isto é, os conectores de argumento fraco introduzem um enunciado em que o locutor admite a veracidade do argumento dado, mas apresentam um contra-argumento contrastante mais forte; o argumento introduzido pelo conector é um argumento mais fraco que aponta, também para uma conclusão fraca. Traduzindo um exemplo de Adam, “**Embora** a rua estivesse muito movimentada, o corpo da criança não foi atropelado por nenhum veículo.” (2008: 122). “Embora” é uma conjunção subordinativa concessiva, ou seja, “embora” admite a veracidade do enunciado em que se encontra, neste caso, que a rua está muito movimentada, que, por esse motivo, a conclusão esperada seria que a criança fosse atropelada. A conclusão fraca que se retira do exemplo de Adam é que o corpo da criança apenas não foi atropelado por sorte. Por sua vez, os conectores de argumento forte apresentam uma objeção completa ao argumento exposto, contrapondo com um contra-argumento que introduz explícita ou implicitamente uma conclusão forte. De novo, traduzindo um exemplo de Adam, “Três jovens nadavam no Lago Annecy. Um deles, Janinetti, desapareceu. Os outros mergulharam. Trouxeram-no de volta, **mas** ele estava morto.” (2008: 122). “Mas” é uma conjunção coordenativa adversativa, ou seja, introduz uma objeção ao enunciado anterior, consequentemente, essa objeção, por sua vez, introduz uma conclusão forte. Independentemente dos amigos o terem trazido de volta, Janinetti estava morto.

No PSFB, o MDI ‘olha’ é utilizado como um reforço contra argumentativo em intervenções reativas. Isto é, as formas ‘olha’ e ‘olhe’ introduzem reações opostas a enunciados anteriores das entrevistadoras. Os excertos (31), (32) e (33) são exemplos de tal.

(31) Ent: Se... Para terminar, acha que em Lisboa se fala da mesma forma que aqui?

Fal: • • Não. • • Não. [...]

Ent: acha que há uma forma mais correta ou bonita de falar? [...]

Fal: Quer dizer, a própria pronúncia deles [de Coimbra] é uma pronúncia que nem é de Lisboa nem é do Norte. • • É uma pronúncia absolutamente normal de quem tem alguma cultura. [...]

Fal: Mas... ((hesitação)) Agora • • ((incompreensível)) está lá em, Lis/ em em Lisboa, olha, o meu tio. [...]

Ent: Não/ mas não não gosta?

Fal: Não, não gosto.

Ent: Mas dizem que é a norma padrão. É de lá.

Fal: Pronto, **mas olhe** eu não não gosto. • • Não gosto.

(28H3C)

(32) Fal: Mas eu digo-te muita gente está a mudar de clube para o Braga e o o Benfica/ eu podia durar mais cem anos e o Benfica sem ser campeão, que eu não mudava.

Ent: • • Acho que as pessoas quando ganham • • paixão a alguma coisa, depois também não mudam.

Fal: • • Oh, **mas olha que** eu conheço muitos, • • • família inteira, • • eles são são seis irmãos, • • • pai, • • mãe, • • todos sportinguistas, • • • para aí há quê? Para aí há dois ou três anos, tudo sportinguista, hoje são todos sócios do Braga.

(14H2B)

(33) Fal: Um gajo quando der por ela já tem dez euros de cerveja no papo e a conta para pagar. Um gajo: - Fogo, não! Dez euros!

Ent: Pois é! • • • São caras as cervejas, também, hoje em dia.

Fal: • • **Olha**, eles também pago impostos, água e luz, não pago?

(12H2A)

Uma das perguntas selecionadas pelas entrevistadoras relaciona-se com os sotaques do português europeu, especificamente, que pronúncia portuguesa o informante prefere. O excerto (31) mostra o momento em que a entrevistadora faz a pergunta. Por motivos de tamanho, certas partes da interação foram cortadas, como se pode observar através dos parênteses retos, contudo, o contexto da interação

permanece. Na interação, o informante demonstra uma preferência pela pronúncia de Coimbra e um certo desprezo pela pronúncia lisboeta. Por isso, a entrevistadora argumenta que a pronúncia lisboeta é considerada a norma padrão. Porém, o informante utiliza o MDI ‘olha’ no seu contra-argumento para reforçar que ele não gosta da pronúncia. Marques mostra que ‘pronto’ pode atuar como um acordo parcial, podendo ser parafraseado por “de acordo” e “tem razão” (2021: 214). Portanto, quando o informante utiliza ‘pronto’, admite a veracidade da intervenção da entrevistadora, contudo, não lhe atribui qualquer importância. Como referido acima, “mas” introduz um contra-argumento forte por ser uma conjunção adversativa. Logo, apesar do informante entender que a pronúncia lisboeta é considerada a norma padrão, esse fator não altera a sua opinião. Por isso, quando continua a sua intervenção com “olhe”, a forma reforça o contra-argumento apresentado.

Assim como o excerto (31), o excerto (32) mostra a combinação do conector ‘mas’ com o MDI na forma ‘olha que’. Portanto, este excerto também apresenta um contra-argumento forte. Na intervenção final do entrevistado, este utiliza a interjeição “oh”⁶. Mencionamos anteriormente que esta interjeição é dependente da entoação utilizada. Através da audição da entrevista, nota-se que o uso de ‘oh’ aponta para um descarte quanto ao argumento da entrevistadora, fazendo um descaso relativamente ao mesmo. Logo, é possível concluir que o informante em nenhum momento aceita o argumento da entrevistadora como verídico. Além disso, este excerto distancia-se do (31) devido à utilização da conjunção ‘que’. Esta conjunção introduz um ato diretivo, que, normalmente, é associado a um certo grau de desacordo. Iremos retomar este ponto na próxima secção. Posto, isso, apesar da interjeição e do conector ‘mas’ ajudarem no caráter contra-argumentativo, é a expressão “olha que” que efetivamente introduz o contra-argumento forte.

Do mesmo modo, o excerto (33) também mostra um contra-argumento forte, introduzido apenas pelo MDI ‘olha’. Neste excerto, a entrevistadora reage ao enunciado anterior do informante, comentando o preço das cervejas. Este, por sua vez, utiliza o MDI ‘olha’ para mostrar o seu dissenso, apresentado como contra-argumento que os donos dos cafés também têm contas para pagar, o que justifica o preço elevado das cervejas. Por não haver qualquer indicio de concordância com a intervenção da entrevistadora, o contra-argumento que o informante apresenta é forte.

⁶ Relembramos que, nesta dissertação, não estamos a considerar ‘Oh’ como a redução vocálica do MDI ‘olha’, mas sim como apenas uma reação sonora.

2.6. ‘Olha que’ como introdutor de atos de fala diretivos e expressivos

Mostramos anteriormente que a conjunção do MDI ‘olha’ com a conjunção “que” pode introduzir um contra-argumento em intervenções reativas. Contudo, esta expressão é muitas vezes encontrada no PSFB na posição medial do enunciado, iniciando o discurso direto relatado. Nestes casos, “olha que” está ligado à realização de diferentes atos de fala, nomeadamente, diretivos e expressivos.

John Searle classifica os atos diretivos como “tentativas do locutor de fazer com que o ouvinte realize alguma ação” (Searle, 1976: 11). O excerto (34), mostra um ato diretivo realizado pela mãe e que tem como destinatário o filho. Em específico, este excerto constitui um ato de advertência. Neste momento da entrevista, a informante relata uma conversa com o filho sobre a possibilidade de este não sair de casa e não se relacionar com alguém, ‘olha que’ introduz uma advertência da mãe que tem como objetivo perlocutório convencer o filho a casar, ou pelo menos, a arranjar um relacionamento para não ficar sozinho.

- (34) Fal: • • mas olhe, eu cheguei-lhe a dizer: - Ó rapaz, **olha que** eu não te duro sempre. A tua irmã não sei a vida que ela terá. • • - **Olha que** um rapaz • • •
((hesitação)) só • • não coiso. É mais complicado, que ne/ não é?

(68M3A)

‘Olha que’ é também utilizado para introduzir atos expressivos. Como Searle explica, estes atos “expressam o estado mental do falante perante o conteúdo proposicional do enunciado” (Searle, 1976: 12). Nos excertos (35), (36) e (37), ‘olha que’ introduzi uma opinião positiva relativamente ao que é dito anteriormente. Nos três excertos os entrevistados relembram acontecimentos passados.

- (35) Fal: Fui à feira. • • E estava uma/ um miúdo com uma coisinha, este, os mais os mais velhos • • estendidos no chão com babygrows. • • E eu digo assim: - **Olha que** bonito. • •

(86M4C)

- (36) Fal: • • Tinha/ a piscina era toda envidraçada • • e eu estava ali na piscina e assim: - **Olha que** maravilha, aqui dentro tão quentinho e lá fora a nevar.

(16H2C)

- (37) Fal: Via o Ruca também, os filmes • • do Ruca, o Noddy. • • • **Olha que** fixe.

(01H1B)

Tendo em consideração os excertos apresentados acima, apesar dos quatro excertos constituírem atos de fala, existe uma diferença separa o excerto (34) dos demais. No excerto (34), o ‘que’ é uma conjunção, ao passo que, nos excertos (35), (36) e (37), ‘que’ é um advérbio. Nestes excertos relativos aos atos expressivos, ‘olha’ atua como chamada de atenção, para depois ‘que’ iniciar o ato em si. Logo, em (34) existe uma relação sintática entre ‘olha’ e ‘que’, enquanto os outros excertos mostram uma relação sequencial. Ou seja, em (34) não é possível retirar ‘olha’ do enunciado sem que perca o sentido, mas é possível retirar o MDI dos outros excertos, mantendo-se o sentido. Esta noção remonta à definição inicial de Schiffrin (1987) quantos aos MD: “I operationally define markers as sequentially dependent elements which bracket units of talk” (1987: 31). Logo, os excertos (35), (36) e (37) mostram uma relação sequencial, que apenas tem o intuito de manter a coesão discursiva.

2.7. Marcador de orientação do tópico

Adam (2008: 117) menciona uma subcategoria que apelida de *marcadores de mudança de topicalização*. Esta subcategoria pertence a uma categoria global chamada de *organizadores textuais*, ou seja, marcadores que se enquadram na sua maioria ao plano textual, relacionados com a sequencialização do discurso (2008: 36, 114). No entanto, a subcategoria pode ser adotada também no que respeita aos MDI. Estes marcadores marcam a introdução, mudança ou continuação de um tópico, orientado o alocutário. Numa linha de pensamento parecida, Fraser (2009b: 894-895) apresenta os *marcadores de orientação do tópico*. Distancia-se de Adam pelo facto de que, a categoria de Fraser tem como foco os MDI. Já Castilho (2002: 48-49) diverge dos dois investigadores mencionados relativamente à nomenclatura. Classifica estes marcadores como *marcadores de função ideacional*, que assinalam na superfície discursiva o desenvolvimento da interação. Portanto, as categorias dos três investigadores

convergem na valorização do mesmo critério, classificar marcadores que de alguma forma se relacionam com os tópicos das interações e a sua organização no discurso.

O MDI 'olha', em ambas as suas formas, apresenta-se como um marcador de orientação do tópico em algumas entrevistas do PSFB. Os três excertos seguintes demonstram essa função.

- (38) Ent: • • E não... Será que não lhe vai custar ((hesitação)) ir para a escolinha?
- Fal: Não, não, porque depois eu vou levá-la e buscá-la para almoçar. Está sempre comigo.
- Ent: Mas... A escolinha é aqui perto?
- Fal: • • É em frente.
- Ent: É na/ à beira da primária? Não.
- Fal: É na primária. É é em baixo é.
- Ent: É no mesmo sítio? • • Não sabia. • • Então...
- Fal: **Olha**, hoje hoje foram todos para/ • • foram agora de de autocarro, não viu o autocarro ali?

(70M3B)

- (39) Fal: Fomos lá, chovia tanto, a nove de maio, ((incompreensível)) para aí há quatro ou cinco anos. • • Nove de maio. Chovia tanto, tanto.
- Ent: Já é normal.
- Fal: E nós era fila para entrar • • ali, na universidade. Para entrar lá para dentro. Quando...
- Ent: Para a imposição de insígnias?
- Fal: **Olhe**, quando cheguei lá era um pito, torcia a roupa toda porque era aqueles/ chuva de vento, • • muito chuvosa.

(70M3B)

(40) Fal: [...] Assim, tenho a ((hesitação)) ali a ni/ a ((hesitação)) a Sara, que veio da China, e tal lá, veio lá de agora não ((hesitação)) não qui/ não quis voltar, que ela trabalhava no Instituto Cultural de Macau, mas não quis • • voltar. • • Está a trabalhar no Porto. • • Mas acho/ faz-me muitas traduções em casa, muitas, inglês, alemão, chinês e tal. E está a trabalhar para um chinês • • no Porto, • • que parece que era ((hesitação)) desses chineses ricos, deve ser, ((hesitação)) que queriam fazer a City Town e não sei quê. E ela trabalha também. Mas ainda deve ganhar.

Ent: E se ganhasse o euromilhões o que é que faria?

Fal: **Olhe**, e e o irmão, coitado, que foi para a Austrália • • para ganhar, aqui não/ parece que a coisa está mal, mas foi logo/ saiu praticamente foi para a Austrália.

(89M4D)

Segundo a tipologia de Fraser (2009b), a forma ‘olha’ atua como um marcador de *retoma de um tópico anterior* no excerto (38). O tópico inicial da conversa é a neta da informante, neste excerto em específico, o tópico é o início da vida escolar da criança. Existe uma mudança do tópico quando a entrevistadora pergunta sobre a localização da escola. Na última intervenção da entrevistadora no excerto, existe uma pausa, • •, entre a pergunta que faz, “É no mesmo sítio?” e a continuação, “Não sabia”, o que sugere que a informante tenha respondido com um aceno. Contudo, na intervenção seguinte da mesma, esta retoma à pergunta inicial da entrevistadora relativamente à adaptação da criança à escola.

O excerto (39) mostra a forma ‘olhe’ na função de *marcador de continuação do tópico atual*. Neste excerto, a informante e a entrevistadora começam por conversar sobre dois eventos passados dos filhos da mesma, que ambos tinham acontecido no Sameiro. Contudo, a informante menciona ir à universidade, o que faz a entrevistadora questionar se, na verdade, ela está a falar da imposição de insígnias. Porém, diferente do excerto anterior, não há nenhum indício de que a informante tenha compreendido a pergunta da entrevistadora. Por isso, é possível afirmar que a entrevistada ignorou a mesma, retomando onde tinha sido interrompida, “Para entrar lá para dentro. **Quando...** [...] Olha, **quando** cheguei lá”.

Por fim, a forma ‘olhe’ no excerto (40) também é um *marcador de continuação do tópico atual*. Neste excerto, a informante conversa detalhadamente sobre a vida dos seus netos e a sua intervenção, apesar de cortada no excerto, é bem longa. Por isso, nota-se que a informante se encontra a desenvolver

extensamente o tópico relativo às vidas dos netos. Logo, quando a entrevistadora intervém para tentar mudar de tópico, a informante não parece compreender a pergunta. Portanto, assim como no excerto anterior, podemos afirmar que a informante ignora a intervenção da entrevistadora, retomando ao ponto onde tinha sido interrompida. Isto é comprovado pelo facto de que a entrevistadora só consegue mudar o tópico da conversa na terceira vez que repete a sua questão.

2.8. Sinalizadores do Discurso Direto Relatado

Na análise quantitativa mostramos que as formas ‘olhe’ e ‘olha’ apresentam uma preferência pela posição medial. A forma ‘olhe’ ocorre 722 vezes nesta posição e a forma ‘olha’ ocorre 426 vezes. Assim, especulamos, na discussão desses resultados, que estes valores elevados se relacionam com uma característica mencionada por Marques (2015). Uma das funções que os MDI possuem é serem sinalizadores do Discurso Direto Relatado, daqui em diante abreviado para DDR. O DDR é um mecanismo utilizado pelos falantes de maneira a narrar interações em que tenham participado. Porém, apesar deste discurso estar associado a um pressuposto de verdade e objetividade (Marques, 2015: 96), não é um discurso que tem em atenção a literalidade. O DDR, apesar se ter o intuito de relatar uma conversa que tenha de facto acontecido, é realizado através de uma paráfrase dos acontecimentos, como Marques afirma, “não se trata de fazer a restituição fiel das palavras do locutor citado” (2015:97). No excerto seguinte, (41), é possível observar essa paráfrase na expressão “assim e assado”, comprovando a falta de literalidade, característica deste tipo de discurso. Esta expressão em específico também é encontrada noutras entrevistas do PSFB como, por exemplo, nas entrevistas 13, 67 e 79.

- (41) Fal: • • porque eu dantes era assim: - Ó Zé, • • dá-me dinheiro para ir à praça.
 • • É/ era só um bocadinho, só dava um bocadinho. - Ó Zé, olha, dá-me **assim e assado** ((desta maneira)) desta maneira.

(69M3A)

Logo, o DDR não será o reconto literal de uma interação passada, e sim um reconto do que “o locutor crê ser verdade e é relevante para os objetivos discursivos” (Marques, 2015: 97), ou seja, os DDR estão sempre dependentes do ponto de vista do locutor naquela situação que relata. Portanto, centralizando-

nos nas ocorrências do MDI ‘olha’ na posição medial do enunciado, a menção de Marques sobre este MDI é curta e recai sobre a utilização da forma ‘olhe’ para iniciar o DDR. Tendo em atenção esta função dos MDI, é necessário saber quantas destas ocorrências na posição medial dizem efetivamente respeito ao DDR. Cerca de um quinto das ocorrências da forma ‘olhe’ relacionam-se com o DDR, enquanto que mais de metade das ocorrências da forma ‘olha’ concernem a esse tipo de discurso. Sendo assim, das 722 ocorrências da forma ‘olhe’, 136 iniciam o DDR, como, por exemplo, o excerto seguinte, (42).

- (42) Fal: E o médico disse assim à minha mãe: - **Olhe**, se lhe pudesse dar um bifinho por dia e um ovinho estrelado...

(82M4B)

Por sua vez, das 426 ocorrências da forma ‘olha’, 246 sinalizam o DDR. Exemplos de tal são os excertos (43) e (44).

- (43) Fal: E ela disse assim: - **Olha**, tens um bom pensar e pensas bem. • • Essa minha amiga, como estou agora conversar com a menina. • • E digo assim: - Pronto. • • E eu aceitei, foi, entreguei tudo, dei tudo, fiquei num zero.

(67M3A)

- (44) Fal: Digo assim: - Ó Zé? • • Digo a/ Diz ele: - O que queres? • • - **Olha** que caiu lá em cima qualquer coisa. - Ó mulher, lá estás tu outra vez.

(69M3A)

Como é possível observar nos excertos apresentados acima, ambos apresentam discursos relatados dialogais. Porém, em (43), assim como em (42), existe uma clara distinção entre as vozes da conversa mencionada. Essa distinção é feita através das expressões “E ela disse assim” e “E digo assim”, ou seja, é o verbo introdutor “dizer” que demarca as mudanças de vozes. Já em (44), ‘olha’ é responsável por marcar a mudança de voz naquele diálogo passado, o marido da entrevistada pergunta “O que queres?” e ela responde “Olha que caiu lá em cima qualquer coisa”.

2.9. Discussão dos Resultados

Esta análise centrou-se em torno dos marcadores ‘ora bem’ e ‘olha’, que, no contexto desta dissertação, funcionam como marcadores discursivos interacionais. Tendo em atenção que a análise foi realizada em entrevistas orais, a primeira função que estes marcadores exibem é construir e contribuir para a interação dos interlocutores, como focalizadores, associados à função relacional entre os interlocutores, ou como marcadores reformulativos, relativos à função estruturadora da intervenção. Posto isso, identificámos sete funções que podem adquirir: marcadores de estruturação da informação, marcadores de reformulação, conjunção com deícticos, reforço contra argumentativo, introdutor de atos de fala, marcador de orientação de tópico e sinalizador do DDR.

No que respeita às primeiras duas funções, marcadores de estruturação da informação e marcadores de reformulação, esta análise mostra que o MDI ‘ora bem’ pertence às essas duas subcategorias. A análise que realizámos sobre os usos do MDI ‘ora bem’ corrobora as conclusões de Marques e Sánchez Rei (2020). Na análise de algumas entrevistas do PSFB, ‘ora bem’ apresenta-se tanto como um marcador de estruturação da informação como um marcador de reformulação. Ademais, em ambas as categorias, ‘ora bem’ mantém a sua característica, já mencionada, de aparecer acompanhado de pausas e hesitações. De igual modo, o MDI ‘olha’ também pode ser utilizado como um marcador de estruturação da informação e um marcador de reformulação. Este MDI também apresenta as pausas e hesitações mencionadas, características do MDI ‘ora bem’. Isto significa que estes dois tipos de marcadores, marcadores que pertencem à estrutura da intervenção, ou como Briz apelida (2020: 213), *marcadores de controlo da mensagem*, mostram o processo cognitivo que os falantes realizam de maneira a efetuarem as suas intervenções. Além disso, o MDI ‘olha’, quando utilizado como marcador de estruturação da informação, também pode iniciar enumerações.

No que concerne às restantes cinco funções, estas relacionam-se com o MDI ‘olha’ em específico, isto mostra que, no *corpus* que analisámos, ‘olha’ apresenta uma polifuncionalidade maior que ‘ora bem’. Como referimos no início deste subcapítulo, nesta lista de funções que apresentamos, não analisamos detalhadamente a função de focalizador, pois, o MDI possui essa função como a principal na maioria das suas ocorrências. Isto é, como ‘olha’ ainda se encontra no processo de gramaticalização, o marcador retém o seu valor semântico de verbo. E, como já mencionamos, quando esse valor semântico é preservado, a função focalizadora é reforçada. Ou seja, se existe conservação do valor semântico, então, consequentemente, essas ocorrências são, primordialmente, focalizadoras. Exemplo de tal é a utilização

de 'olha' com deíticos. Nestes casos, o marcador é utilizado com a intenção de chamar à atenção do ouvinte para algo, que, muitas vezes, é um objeto físico para o qual o ouvinte necessita de dirigir o seu olhar. Salientando-se, assim, a função focalizadora.

Relativamente às funções de reforço contra-argumentativo, introdutor de atos de fala diretivos e expressivos e marcador de orientação de tópico, estas evidenciam a polifuncionalidade do MDI 'olha'. À face dos excertos apresentados, nota-se que 'olha' pode atuar tanto como um reforço contra-argumentativo como um marcador contra-argumentativo. Quando conjugado apenas com o conector 'mas', serve como reforço, pois, o carácter contra-argumentativo é iniciado pelo mesmo. Contudo, quando 'olha' é utilizado isoladamente ou em conjunto na expressão 'olha que', o marcador atua como um marcador contra-argumentativo. Através dos excertos mostrados, conclui-se que 'olha' tem uma tendência a ser utilizado como introdutor de contra-argumentos fortes. Por sua vez, a função de introdutor de atos de fala diretivos e expressivos pode também manter o valor semântico do verbo, como, mostrado nos excertos (35) e (36), relativamente às crianças e à piscina, respetivamente. Por sua vez, a função de marcador de orientação de tópico também coocorre com a função focalizadora, pois os falantes fazem uso do MDI para centralizar, ou recentralizar, os seus discursos.

Quanto à função de sinalização do DDR do MDI 'olha', existe uma divergência entre as duas formas, aqui em análise, do marcador, 'olha' e 'olhe'. Há uma clara preferência pela forma 'olha' para iniciar o DDR, provavelmente porque, como a forma 'olha' já se encontra num processo de gramaticalização mais avançado, já sofreu uma perda maior do seu valor semântico. Logo, é possível afirmar que o valor elevado de ocorrências da forma 'olha' em posição medial está dependente da sua função como sinalizador do DDR, contudo, não se pode afirmar o mesmo em relação à forma 'olhe'. As ocorrências desta forma como sinalizador do DDR não é o principal fator para a elevada ocorrência da forma 'olhe' na posição medial. Isto é, quando a forma 'olhe' ocorre na posição medial, tem uma maior tendência a agir como um focalizador, contribuindo para o seu carácter fático.

Na análise quantitativa mostramos que a forma 'olhe' ocorre mais vezes que a forma 'olha' (952 e 471 vezes, respetivamente) e colocámos como hipótese de explicação que a diferença dos valores pode estar relacionada com o facto de as entrevistadoras serem pessoas mais jovens. Mostramos também que o grupo etário mais jovem é o que tem o maior número de ocorrências da forma 'olha'. Por esse motivo, relembramos partes dos excertos (31) e (38). Ambos os excertos dizem respeito a informantes da terceira faixa etária, dos 60 a 75 anos, ou seja, existe uma grande diferença de idade entre este grupo etário e o grupo em que as entrevistadoras se enquadram.

(31) Fal: Mas... ((hesitação)) Agora • • ((incompreensível)) está lá em, Lis/ em em Lisboa, **olha**, o meu tio. [...]

Ent: Não/ mas não não gosta?

Fal: Não, não gosto.

Ent: Mas dizem que é a norma padrão. É de lá.

Fal: Pronto, mas **olhe** eu não não gosto. • • Não gosto.

(28H3C)

(38) Ent: • • E não... Será que não lhe vai custar ((hesitação)) ir para a escolinha?

Fal: Não, não, porque depois eu vou levá-la e buscá-la para almoçar. Está sempre comigo. [...]

Fal: **Olha**, hoje hoje foram todos para/ • • foram agora de de autocarro, não **viu** o autocarro ali?

(70M3B)

Desse modo, as palavras destacadas no excerto (31), “olha” e “olhe” e no excerto (38), “olha” e “viu”, apontam para a gramaticalização da forma ‘olha’. “Olha” encontra-se na segunda pessoa do modo imperativo, ao passo que “olhe” e “viu” se encontram na terceira pessoa do presente do conjuntivo e na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, respetivamente. Ou seja, existe uma diferença entre o modo de tratamento por parte dos informantes, em ambos os excertos. Esta diferença surge, possivelmente, devido ao nível elevado de gramaticalização da forma ‘olha’, referido no início deste subcapítulo. Por se encontrar num processo mais avançado, caminha para se tornar numa expressão fixa. Porém, como mencionamos acima, a faixa etária mais jovem é a que apresenta o maior número de ocorrências de ‘olha’, logo, a utilização desta forma está vinculada com a idade. Então, se a idade é um fator importante para o uso da mesma, não é possível afirmar que ‘olha’ se encontra totalmente

gramaticalizado. Quanto de facto esta forma deixar de estar dependente de variáveis sociolinguísticas, como, neste caso, a idade, irá efetivamente tornar-se numa expressão fixa.

Conclusão

A presente dissertação teve como principal objetivo estudar os usos que os falantes bracarenses fazem dos MDI 'ora bem' e 'olha', a partir do *corpus* Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense. Começamos por analisar quantitativamente as ocorrências dessa categoria tendo em conta as variáveis sociolinguísticas, sexo, idade e escolaridade. Portanto, respondemos agora às perguntas de investigação que determinámos.

O sexo, a idade e a escolaridade têm influência no uso dos marcadores interacionais? Com que frequência os MDI são utilizados por cada variável?

Sim, o sexo, a idade e a escolaridade influenciam o uso dos MDI.

No que respeita à variável sexo, estabelecemos como hipótese que, tendo em consideração que o discurso das mulheres é menos direto e mais atenuador (Lakoff, 1973), existia a possibilidade da utilização dos MDI como forma de contribuir para essa maneira mais indireta e atenuadora de falar. Concluímos que as mulheres utilizam mais MDI que os homens, em específico os marcadores aqui estudados 'ora bem' e 'olha'. Estas conclusões corroboram com os estudos de Freitag et al. (2017) e Matei (2017).

No que concerne à idade, propusemos que a faixa etária mais jovem mostraria uma maior frequência de utilização dos MDI. Os marcadores aqui em análise, na sua generalidade, apresentam todos os seus valores máximos na terceira faixa etária, 60 a 75 anos, quer relativamente ao número de entrevistas, quer ao número de ocorrências. Concluímos então que os dados da idade não só não corroboram a nossa hipótese, como também todos os marcadores apresentam a faixa etária mais jovem como tendo o menor número de entrevistas e de ocorrências.

Relativamente à escolaridade, como já mencionado, apesar de não termos colocado nenhuma hipótese concreta devido à falta de estudos sobre a variável, referimos o estudo de Marques e Aguiar (2014), realizado também com as entrevistas do PSFB. Neste, o maior nível de escolaridade, licenciados, utilizaram mais o marcador 'portanto'. Posto isto, nesta dissertação, podemos concluir que pessoas com menos escolaridade têm uma maior tendência para utilizarem estes MDI. Em relação ao MDI 'ora bem', podemos afirmar que o nível A é efetivamente o seu maior utilizador. Quanto ao MDI 'olha', nota-se que o desequilíbrio da distribuição do número de entrevistas tornou desfavorável o desenvolvimento de uma conclusão exata relativamente ao nível de escolaridade. Na sua totalidade, o MDI 'olha' apresentou

ambos os níveis B e D com o maior número de entrevistas, o nível B com o maior número de ocorrências e o nível A com a maior média aritmética.

Que funções os MDI podem ter nas suas ocorrências no PSFB?

As funções que podem adquirir são, pelo menos, as sete analisadas detalhadamente: marcadores de estruturação da informação, marcadores de reformulação, o valor mostrativo de 'olha', reforço contra argumentativo, introdutor de atos de fala diretivos e assertivos, marcador de orientação de tópico e sinalizador do DDR, assim como, a mencionada ao longo da análise, de marcador focalizador, no que respeita o MDI 'olha'.

Que posição no turno é preferencial?

Das três posições estudadas, inicial, medial e final, os dois MDI apresentaram uma preferência pela posição medial. Contudo, não de igual forma. O MDI 'ora bem' mostrou valores de ocorrências das posições inicial e medial muito próximos (74 e 81, respetivamente). Esta proximidade relaciona-se não só com o seu baixo número de ocorrências total, em comparação com 'olha', mas também com o facto de que 'ora bem' apresenta apenas duas funções, estruturador da informação e reformulador. Isto significa que este marcador é utilizado igualmente nessas duas funções. Já os valores do MDI 'olha', para as posições inicial e medial, são bem divergentes, quer na sua totalidade, quer a distribuição individual das duas formas, 'olha' e 'olhe'. Nesta dissertação, são apresentadas sete funções diferentes deste MDI e apenas duas introduzem intervenções reativas, sendo essas as funções de marcador estruturador da informação e marcador de orientação de tópico. Por esse motivo, quantitativamente, essas funções relacionam-se com o baixo número de ocorrências do MDI na posição inicial, 262 ocorrências totais. As restantes funções, por, habitualmente, ocorrerem na posição medial, relacionam-se com o elevado número de ocorrências nessa posição, 1148 ocorrências totais.

Há alguma relação entre a posição em que ocorrem e o tópico em curso?

Sim, como mencionado acima, as funções de estruturadores da informação e orientadores de tópico mostram uma preferência pela posição inicial. Um estruturador da informação organiza o discurso para efetivamente dar continuidade ao tópico da interação. Por sua vez, um orientador de tópico pode atuar de diferentes formas, como, por exemplo, um continuador de tópico ou de forma a retomar de um tópico anterior. Contudo, na análise que fizemos, ocorre, regularmente, na posição inicial por organizar o desenvolvimento da interação.

Como mencionado brevemente na secção 2.2 do Capítulo I. desta dissertação, a primeira seleção de marcadores discursivos interacionais que realizamos foi extensa, entre eles, mencionamos ‘não é’, ‘sabe’/‘sabes’ e ‘pronto’/‘prontos’. De forma a ampliar os estudos dos marcadores discursivos do português europeu, seria benéfico que houvesse um interesse nesses marcadores referidos. Na pesquisa prévia realizada, notamos que o MD ‘não é’ era muitas vezes reduzido para ‘né’, então, um estudo sobre essa redução vocálica em função das variáveis sociolinguísticas poderia ser uma opção.

Ainda, como mostrado, no Brasil, o processo de gramaticalização de ‘olha’ encontra-se completo devido à redução vocálica ‘oh’. Tendo em consideração que existem ocorrências dessa expressão nas entrevistas dos PSFB, seria interessante descobrir se essas ocorrências corresponderiam à redução vocálica de ‘olha’. Caso sejam a redução vocálica, significa que o processo de gramaticalização de ‘olha’ encontra-se ainda mais avançado do que aquilo que se considera no português europeu.

Além disso, da mesma maneira que nesta dissertação tivemos em consideração as formas ‘olha’ e ‘olhe’ quando às variáveis sociolinguísticas, o mesmo deveria ser realizado quanto às formas ‘sabe’ e ‘sabes’, para descobrir se existe alguma influência, especialmente, por parte da idade.

Finalmente, relembremos o MD ‘pronto’. Marques (2021) e Silva (2001) estudaram este marcador, porém, não tiveram em consideração a variante dialetal ‘prontos’. Na transcrição das entrevistas do PSFB, houve uma clara dúvida sobre a transcrição desta forma. Apesar de existentes, poucas foram as entrevistas onde ‘prontos’ foi efetivamente transcrito como ‘prontos’, na maioria das entrevistas, ‘prontos’ foi dado como um erro e transcrito como ‘pronto’.

Em muitos casos, só a audição da entrevista permite encontrar a forma ‘prontos’. A nosso ver, esta situação dificulta uma possível análise, pois o intuito das entrevistas era registar a fala bracarense e essa incongruência na transcrição, dificulta descobrir se ‘prontos’ não será uma característica específica do dialeto regional de Braga.

Referências Bibliográficas

- Adam, J. M. (2008). *La linguistique textuelle: à l'analyse textuelle des discours*. Armand Colin.
- Alves, A. (2012). *Os marcadores conversacionais no ensino de Português Língua Estrangeira: um estudo de caso*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto] Repositório U.Porto. Obtido de <https://hdl.handle.net/10216/66474>
- Barbeiro, C. (2017). *As práticas discursivas nas interações verbais em contexto pedagógico*. [Dissertação de doutoramento, Universidade Aberta] Repositório Aberto. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/6691>
- Barreiros, C. (2020). *Marcadores discursivos e desenvolvimento da competência oral em Português Língua Não Materna: um estudo de caso no Nível A2*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto] Repositório U.Porto. Obtido de <https://hdl.handle.net/10216/130310>
- Briz, A. (1998). *El español coloquial en la conversación*. Madrid: Ariel Lingüística.
- Candón Sánchez, M. T. (1999). Los conectores pragmáticos en la conversación coloquial. Aplicación a la enseñanza del español como segunda lengua. Em ASELE, *Nuevas Perspectivas en la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera* (pp. 149-155). Cádiz. Obtido de https://cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca_ele/asele/asele_x.htm
- Carapinha, C., & Plag, C. E. (2019). Tradução de Marcadores Discursivos portugueses para alemão: 'na verdade', o que se ganha e o que se perde? *Revista de estudos do discurso*(8), pp. 12-41.
- Carvalho, C., & Gomes, J. (2017). Olha, olhe e oh: Gramaticalização do verbo olhar na fala popular soteropolitana. *Estudos Linguísticos e Literários*(57), pp. 297-318.
- Castilho, A. T. (2002). *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto.
- Costa, A. (Os marcadores conversacionais no WhatsApp: análise da conversação virtual). 2021. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará] Repositório Institucional UFC. Obtido de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/61385>
- Coutinho, M. A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. Em C. N. Correia, & M. A. Coutinho, *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (2 ed., pp. 193-210). Lisboa.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2017). Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Em C. Cunha, & L. Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (pp. 649-656). Rio de Janeiro: Lexikon.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2017). Introdução - Conceitos Gerais. Em C. Cunha, & L. Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (7º ed., pp. 1-8). Rio de Janeiro: Lexikon.
- Danta, I., & Sousa, V. (2024). Os marcadores discursivos olha e viu e os funcionamentos pragmáticos na língua em uso. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 18(11), pp. 1-17. doi:<https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n11-091>
- De Rosa, G. L., & Morleo, F. (2022). Os marcadores discursivos interacionais. *Lingue Linguaggi*(53), pp. 135-156. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/366604786_OS_MARCADORES_DISCURSIVOS_IN_TERACIONAIS_NO_DISCURSO_ESPECIALIZADO_WEB-MEDIATED

- Duarte, I. M., & Ponce de León, R. (2020). *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. Berlim: Alemanha: Peter Lang Verlag.
- Endruschat, A., & Schmidt-Radefeldt, J. (2015). Linguística pragmática. Em A. Endruschat, & J. Schmidt-Radefeldt, *Introdução Básica à Linguística do Português* (A. C. Franco, Trad., pp. 183-210). Edições Colibri.
- Fernandes, G. (2003). Partículas Discursivas em Gil Vicente. Em A. Torres, *Revista Portuguesa de Humanidades* (Vol. 7, pp. 143-153). Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Fonseca, F. (1996). Deixis e pragmática linguística. Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. Gouveia (Orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 437-445). Lisboa: Caminho. Obtido de <https://area.dge.mec.pt/gramatica/deixisirene5.html#deixis>
- Fonseca, J. (1994). O lugar da pragmática na teoria e na análise linguísticas. *Máthesis*, pp. 35-42.
- Franco, A. C. (1991). *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Coimbra Editora.
- Fraser, B. (1996). Pragmatic Markers. *Pragmatics*, 6(1), pp. 167-190. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/43647684_Pragmatic_Markers
- Fraser, B. (Julho de 1999). What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 31(7), pp. 931-952. doi:[https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(98\)00101-5](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(98)00101-5)
- Fraser, B. (2009a). An account of Discourse Markers. *International Review of Pragmatics*, 1(2), pp. 293-320. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/233594552_An_Account_of_Discourse_Markers
- Fraser, B. (2009b). Topic Orientation Markers. *Journal of Pragmatics*, 41(5), pp. 892-898. doi: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.08.006>
- Freitag, R. M. (janeiro de 2007). MARCADORES DISCURSIVOS NÃO SÃO VÍCIOS DE LINGUAGEM! *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 4(4), pp. 22-43. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/274719969_Marcadores_discursivos_ao_sao_vicios_de_linguagem
- Freitag, R. M., Silva, R. B., & Evangelista, F. S. (11 de Maio de 2017). Marcadores Discursivos Interacionais: Diferentes Metodologias, Diferentes Resultados. *Diacrítica*, 31(1), pp. 55-76. doi:<https://doi.org/10.21814/diacritica.32>
- Freixeiro Mato, X. R. (2005). Os marcadores discursivos. Conectores contraargumentativos no galego escrito. *Revista Galega de Filoxía. Monografía 3*.
- Freixeiro Mato, X. R. (2008). Perspectiva diacrónica e uso actual de alguns conectores de preferência e de contraste em galego-português). Em C. N. Correia, & M. A. Coutinho, *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (2 ed., pp. 77-98). Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Freixeiro Mato, X. R. (2016). Tipos de marcadores discursivos no galego oral e escrito. *Revista Galega de Filoxía*(17), pp. 77-118. doi:<https://doi.org/10.17979/rgf.2016.17.0.1872>
- Galembeck, P. T. (1999). O turno conversacional. Em D. Preti (Org.), *Análise de Textos Oraís* (4 ed., pp. 55-79). São Paulo: Humanitas.

- Gonçalves, E. (2007). *Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil*. [Dissertação de doutoramento, Universidade Católica de São Paulo] Biblioteca Digital USP. doi:<https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-22102007-115052>
- Gonçalves, S., Lima-Hernandes, M. C., & Casseb-Galvão, V. C. (Orgs.). (2007). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola.
- Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. Em P. Cole, & J. L. Morgan, *Syntax and Semantics, Volume 3: Speech Acts* (pp. 41-58). Academic Press. Obtido de <https://www.ucl.ac.uk/ls/studypacks/Grice-Logic.pdf>
- Jucker, A. H., & Ziv, Y. (Edits.). (1998). *Discourse Markers*. John Benjamins Publishing Company.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1997a). A multilevel approach in the study of talk-in-interaction. *Pragmatics*, 7(1), pp. 1-20. doi:<https://doi.org/10.1075/prag.7.1.01ker>
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1997b). *La Enunciación de la Subjetividad en el Lenguaje* (3 ed.). (G. Anfora, & E. Gregores, Trans.) Buenos Aires: Edicial.
- Lakoff, R. (Abril de 1973). Language and Woman's Place. *Language in Society*, 2(1), pp. 45-80.
- Laserna, C., Seih, Y.-T., & Pennebaker, J. (27 de Março de 2014). Um...Who Like Says You Know: Filler Word Use as a Function of Age, Gender, and Personality. *Journal of Language and Social Psychology*.
- Lourenço, D. S. (2014). Marcadores conversacionais: um estudo sobre suas funções em um diálogo. *Claraboia: Revista do Curso de Letras da UENP*, pp. 99-106.
- Macário Lopes, A. C. (1995). A pragmática linguística e os novos programas de português. *Máthesis*(4), pp. 293-306. doi:<https://doi.org/10.34632/mathesis.1995.3741>
- Macário Lopes, A. C. (1996). Então: elementos para uma análise semântica e pragmática. Em I. Castro (Ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Vol. I, pp. 177-190). Braga: Associação Portuguesa de Linguística. Obtido de <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1996-22.pdf>
- Macário Lopes, A. C. (2013). Contributos para o estudo do marcador discursivo 'claro' em Português europeu. *Revista Galega de Filoloxía*(14), pp. 71-83.
- Macário Lopes, A. C. (2014). Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos 'quer dizer', 'ou seja' e 'isto é' no PEC. *Diacrítica*, 28(1).
- Macário Lopes, A. C., & Carapinha, C. (2002-2004). Contributos para uma análise semântico-pragmática das construções com assim. Em *Seminários de Linguística 5*. Faro: Universidade do Algarve.
- Mannheim, K. (1964). Das Problem der Generationen. Em K. H. Wolff (Org.), *Wissenssoziologie* (pp. 509-565). Neuwied: Luchterhand.
- Marques, M. A. (2002). Conectores fáticos e construção da relação interlocutiva. Em I. M. Duarte, J. Barbosa, S. Matos, & T. Hüsken (Orgs.), *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 31-39). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Marques, M. A. (2015). O Discurso Direto em interações orais coloquiais. Em M. A. Marques, & X. M. Sánchez Rei (Edits.), *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português (monografia)*

- (pp. 89-109). Corunha: Universidade da Corunha. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/53303>
- Marques, M. A. (2021). Contextos de uso do marcador discursivo pronto e ethos discursivo. *Revista de Filoloxía Galega. Monografía 13, Estudos sobre gramática e sociolingüística galego-portuguesas*, pp. 205-219. Obtido de <https://hdl.handle.net/1822/81319>
- Marques, M. A. (2023). Pragmatic functions and contexts of use of TIPO in European Portuguese. Em W. H. Mihatsch, *Type Noun Constructions in Slavic, Germanic and Romance Languages* (pp. 393-414). Berlim, Boston: De Gruyter.
- Marques, M. A., & Aguiar, M. (2014). Usos de portanto no Falar Bracarense. *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 321-331). Porto: APL.
- Marques, M. A., & Sánchez Rei, X. M. (2020). De ora e ora bem a ahora e ahora bien: especificidades dos marcadores discursivos e ensino da língua. Em A. N. Messias, C. R. Fuentes, & M. S. Martí (Coords.), *Aportaciones desde el español y el portugués a los marcadores discursivos. Treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés*. (pp. 443-465). Sevilha: Editorial Universidad de Sevilla.
- Marques, M., & Aguiar, M. (2023). Multifunctionality of discourse marker portanto in Braga's speech. *Studia UBB Philologia, LXVIII*(4), 99-119. doi:10.24193/subbphilol.2023.4.05
- Martín Zorraquino, M. A., & Portolés, J. (1999). Los marcadores del discurso. Em I. Bosque, & V. Demonte, *Gramática descriptiva de la lengua española* (pp. 4051-4213). Madrid: Espasa Calpe.
- Matei, M. (2011). Influence of Age and Gender on the Selection of Discourse Markers in Casual Conversations. Em *Bulletin of the Transilvania University of Brasov. Series IV: Philology and Cultural Studies* (Vol. 4, pp. 213-220). Transilvania University Press. Obtido de https://webbut.unitbv.ro/index.php/Series_IV/issue/view/archives_2011_1
- Morais, M. F. (2011). *Marcadores da estruturação textual: Elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto*. Vila Real.
- Oliveira, M., & Sambrana, V. (2020). Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. *Estudos da Língua(gem)*, 18(1), pp. 25-44.
- Perales-Alvarado, A., & Figueroa-Contreras, J. (Abril de 2021). Los Marcadores Interaccionales: Un Análisis Psicolingüístico y Pragmagramatical del Habla Dialogada de Estudiantes de Educación Básica y Diversificada. *Investigación y Postgrado*, 36(1), pp. 9-29. Obtido de <https://revistas-historico.upel.edu.ve/index.php/revinpost/article/view/9363/5857>
- Pons Bordería, S. (2008). La combinación de marcadores del discurso en la conversación coloquial: interacciones entre posición y función. Em C. N. Correia, & M. A. Coutinho, *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (2 ed., pp. 141-159). Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Risso, M., Silva, G., & Urbano, H. (1997). Marcadores Discursivos: Traços Definidores. Em G. Ingedore, & V. Koch (Orgs.), *Gramática do Português Falado* (Vol. 2). Campinas: Unicamp.
- Rodrigues, I. (1998). *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito, Editores e Livreros
- Rost, C. A. (2002). *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina] Repositório UFSC. Obtido de <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83489>

- Roulet, E., Auchlin, A., Moeschler, J., Rubattel, C., & Schelling, M. (1985). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang.
- Said Ali, M. (1930). Expressões de situação. Em M. Said Ali, *Meios de expressão e alterações semânticas* (pp. 49-83). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Santana, R. R. (2018). Funções discursivas dos marcadores olhe, olha e repare na fala sergipana. *Revista A Cor das Letras*, 19, pp. 140-153.
- Santos, N. R. (2010). *Estruturadores do discurso na aula de português em Moçambique*. [Dissertação de doutoramento, Universidade de Aveiro] Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. Obtido de <http://hdl.handle.net/10773/3763>
- Schiffrin, D. (1987). *Discourse Markers*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (1969). *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (1976). A Classification of Illocutionary Acts. *Language in Society*, 5(1), pp. 1-23.
- Sidnell, J. (2010). *Conversation Analysis: An Introduction*. Reino Unido: Wiley-Blackwell.
- Silva Júnior, P. (2021). Pragmática: análise dos atos de fala. Em C. Carvalho, & J. Barbosa (Orgs.), *Teorias Linguísticas* (pp. 101-122). Mossoró: Edufersa.
- Silva, A. S. (2001). Da semântica cognitiva à pragmática lexical: a polissemia de pronto. Em I. M. Duarte, J. Barbosa, S. Matos, & T. Hüsgen (Orgs.), *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 1, pp. 81-97). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Simões, J. (1997). *Marcadores interacionais e modalizadores do português e do alemão falados*. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo] Biblioteca Digital USP. doi:<https://doi.org/10.11606/D.8.1997.tde-07092022-184620>
- Souza, E. (2017). *Marcadores conversacionais como elementos constitutivos da interação em sala de aula*. [Dissertação de mestrado, Universidade Católica de São Paulo] Repositório PUCSP. Obtido de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20155>
- Souza, J., Duarte Silva, P., Shitusuka, R., Araújo Brito, M., & Moreira Shitsuka, D. (2019). Comunicação dos millennials e uso do “tipo”: estudo linguístico da incidência dos vícios de linguagem oral entre discursos de universitários. *Research Society and Development*, XIII(6).
- Tagliamonte, S. (2005). So who? Like how? Just what? Discourse markers in the conversations of Young Canadians. *Journal of Pragmatics*, 37(11), pp. 1896-1915. doi:<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2005.02.017>
- Teixeira, J. (2014). Ferdinand de Saussure e o nascimento da linguística Moderna. Em J. Teixeira, *Como Funcionam as Línguas?* (pp. 177-217). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Traugott, E. C. (1995). The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Em *ICHL XII*. Manchester. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/228691469_The_role_of_discourse_markers_in_a_theory_of_grammaticalization
- Tusón, A. (2003). *Análisis de la conversación* (2 ed.). Barcelona: Ariel Practicum.

- Urbano, H. (1999). Marcadores conversacionais. Em D. Preti (Org.), *Análise de Textos Orais* (4 ed., pp. 81-101). São Paulo: Humanitas.
- Valle, C. R. (2001). *Sabe?~Não tem?~Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina] Repositório UFSC. Obtido de <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79992>
- Van Dijk, T. A. (1979). Pragmatic Connectives. *Journal of Pragmatics*, 3(5), pp. 447-456. doi:[https://doi.org/10.1016/0378-2166\(79\)90019-5](https://doi.org/10.1016/0378-2166(79)90019-5)
- Weller, W. (2010). A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), pp. 205-224. Obtido de <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/?format=pdf&lang=pt>

Webgrafia

- Briz, A., Pons, S., & Portolés, J. (Coords.). (2008). Obtido em 19 de setembro de 2024, de Dicionário de Partículas Discursivas del Español: www.dpde.es.
- CEHUM. (15 de junho de 2023). (Universidade do Minho) Obtido de Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense: <https://sites.google.com/site/projectofalabrarense/>
- Educação, D.-G. d. (s.d.). Dicionário Terminológico. (Direção-Geral da Educação) Obtido em 19 de setembro de 2024, de Apoio às Escolas: <https://apoioescolas.dge.mec.pt/recursos/dicionarioterminologico>
- Interjeição*. (s.d.). Obtido em 19 de maio de 2025, de Dicionário da Língua Portuguesa. Academia das Ciências de Lisboa: <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/interjeicao>
- Marcadores discursivos*. (s.d.). (Direção-Geral da Educação) Obtido em 19 de setembro de 2024, de DT: Dicionário Terminológico para consulta em linha: <https://dt.dge.mec.pt/index.php?id=n441>
- Marques, C. (14 de novembro de 2018). Tipo, não uses bengalas, tás a ver. Obtido em 30 de janeiro de 2025, de Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/tipo-nao-uses-bengalas-tas-a-ver/3719#>
- Olhar*. (s.d.). Obtido em 13 de abril de 2025, de Dicionário da Língua Portuguesa. Academia das Ciências de Lisboa: <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/olhar/#w2>